

**O FUTURO DO LIVRO
O ELETRÔNICO COMO UM CONTRAPONTO DO IMPRESSO**

ROSIANE LÚCIA RIBEIRO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE
DARCY RIBEIRO - UENF
CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**O FUTURO DO LIVRO
O ELETRÔNICO COMO UM CONTRAPONTO DO IMPRESSO**

ROSIANE LÚCIA RIBEIRO

Dissertação apresentada ao Centro de Ciência do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Cognição e Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Lyra

Co-orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Medeiros de Souza

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO
CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ
NOVEMBRO - 2009**

**O FUTURO DO LIVRO
O ELETRÔNICO COMO UM CONTRAPONTO DO IMPRESSO**

ROSIANE LÚCIA RIBEIRO

Dissertação apresentada ao Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Cognição e Linguagem.

Aprovada em 18 de Novembro de 2009
Comissão examinadora:

Prof. Dr. Pedro Wladimir do Vali Lyra.
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF –
Orientador

Prof. Dr. Carlos Henrique Medeiros de Souza.
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF –
Co-orientador

Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes
Instituto Federal de Educação Superior do Espírito Santo – IFES

Prof. Dr. Carlos Roberto Pires Campos
Instituto Federal de Educação Superior do Espírito Santo – IFES

Prof^ª. Dr^ª. Eliana Crispim França Luquetti
Centro Universitário São José - FSJ

Aos meus Pais -
exemplos de generosidade,
simplicidade
e amor.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, que nunca me abandona, nem nos momentos mais difíceis e sempre coloca as pessoas certas no meu caminho.

Aos meus pais, Mário Lúcio e Yolanda, meu porto seguro, para onde meu coração sempre pede para voltar. Apoio constante, confiança, amor incondicional e por entender a minha constante ausência.

Ao meu professor, orientador e amigo Dr. Pedro Lyra, por ter acreditado no meu potencial, por ter me “escolhido”. E, sobretudo, por ter me ensinado a enxergar o lado poético da vida, seja nas aulas ministradas na UENF, seja nas mesas de chopes depois das aulas.

Ao meu professor, co-orientador Dr. Carlos Henrique Medeiros de Souza, por ter me acolhido, oferecido sua amizade, me encorajado, me apoiado e por ter me apontado o caminho. Por mais que eu agradeça nunca será suficiente.

Aos membros da banca que generosamente aceitaram nosso convite, muito contribuíram com suas sábias sugestões.

Aos amigos dessa árdua jornada: Larissa Brum – companheira; Laura Stobäus – exemplo; Camila Mascarenhas – amiga; Edissa Fragoso – superação; Lúcia Bandoli – comprometida; Clara Santos – generosa; Paulo Oliveira – guerreiro; Deise Primo - extrovertida; Priscila Monken - guerreira; Fernanda Renne – centrada; Marcos Moulin – perseverante; Miriam Bastos – corajosa; Willames Graça - sincero; Luis Felipe Paes - paciente; Wilma Botelho – dedicada, compartilhamos bons e maus momentos, risos e lágrimas, ânimo e desânimo, dúvidas e certezas... só quem passa sabe o que é. Sempre estarão presentes nas minhas lembranças.

Aos professores do programa Cognição e Linguagem, pela disponibilidade de partilhar seus conhecimentos.

As gentis e competentes secretárias do programa Silvana e Ana Paula pela paciência de explicar e resolver nossas questões administrativas.

Aos órgãos financiadores deste trabalho CNPq, CAPES, FAPERJ e UENF.

Ao amigo Rafael, sempre paciente e disponível para me socorrer tecnologicamente.

Às minhas Irmãs Roberta e Renata, pelo incentivo, pela paciência e por sempre estarem ao meu lado.

Ao Enzo, amor incondicional, meu filhote de coração, por entender as minhas longas ausências.

A Rose, amiga presente, sempre me incentivando, torcendo e vibrando com minhas conquistas.

A Graziela e a Flavia colegas de república que se tornaram amigas para vida toda.

Aos parentes e amigos não mencionados, mas que se alegram comigo por esta conquista.

Obrigada!!

“A vida só pode ser compreendida

olhando para trás,

mas só pode ser vivida

olhando para frente”.

(Soren Kierkegaard)

RETRATO

PEDRO LYRA

A Rosiane, uma amiga.

Ela é bela.

E há uns que rosnam
que seu sorriso é fabricado.
(São uns tortos.)

Ela é verde.

E há uns que rugem
que seu porte é de ontem.
(São uns restos.)

Ela é solar.

E há uns que grasnam
que sua voz rompe das sombras.
(São uns vultos.)

Ela transcende
o espectro dos espelhos,
o timbre dos matizes
e as cinzas dos instantes.

Mais que simples
menina/mulher – como todas:
ninfã/musa – como raras.
(E ela nem é minha amante.)

(Campos, 17.12.2009. Num dia todo seu)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo desenvolver uma pesquisa teórica a respeito das novas tecnologias da informação e comunicação. Além disso, pretende-se analisar de forma crítica o processo de transição da cultura impressa para a cultura eletrônica e os paradoxos que as envolvem, como também, fazer uma retrospectiva histórica do livro, do surgimento da internet e suas influências na cultura, sobretudo na literatura com o livro eletrônico; avaliar as vantagens e desvantagens da versão impressa, como também, da versão eletrônica, sempre levando em consideração os seus contextos de origem; e, ainda, traçar o perfil do novo leitor, a partir dos atuais suportes eletrônicos, que constituem estruturas híbridas e não-lineares do texto escrito.

Utilizou-se como referencial teórico os autores Pierre Lévy, Roger Chartier, Manuel Castells, Steven Johnson, Lucien Febvre, Wilson Martins, Lúcia Santaella.

PALAVRAS-CHAVE

Novas tecnologias; Livro; Livro Eletrônico; Leitor.

ABSTRACT

This study aims to develop a theoretical research about the new technologies information and communication. Furthermore, we intend to examine more critically the process of transition from print culture to electronic culture and paradoxes surrounding them, but also, to a historical retrospective of the book, the emergence of the internet and its impact on culture, particularly in literature with the electronic book; evaluate the advantages and disadvantages of printed version, as also, the electronic version, always taking into account their contexts of origin, and also plotting the prolife of the new reader, from the current electronic media hybrid forming structures non-linear written text.

You rich authors Pierre Lvy, Roger Chartier, Manuel Castells, Steven Johnson, Lucien Febvre, Wilson Martins, Lcia Santaella were used as a reference.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escrita suméria ou cuneiforme, a escrita mais antiga.	05
Figura 2 – Escrita egípcia hieroglífica – letras sagradas esculpidas.	06
Figura 3A - Escrita pictográfica, inscrições em paredes de cavernas.	07
Figura 3B - Escrita pictográfica, inscrições em paredes de cavernas.	07
Figura 4A - Representação de objetos por meio de um sinal gráfico - escrita ideográfica.	08
Figura 4B – Representação de uma escrita ideográfica chinesa.	08
Figura 5 - Quadro representativo da escrita fonética.	09
Figura 6 - Quadro representativo do alfabeto grego.	11
Figura 7 - Planta aquática <i>Cyperus Papyrus</i> da qual sua película era produzido o Papiro.	13
Figura 8 - Imagem de um Pergaminho.	15
Figura 9 - Bíblia de 42 linhas de Gutenberg.	16
Figura 10 – Hipertexto.	56
Figura 11 – Barra de opções de um documento em formato de PDF.	58
Figura 12 - Imagem da capa e da folha de rosto de um livro digitalizado	62
Figura 13 - Imagem da segunda folha de rosto de um livro digitalizado	63
Figura 14 - Imagem da ficha catalográfica e do início do sumário de um livro digitalizado.	63
Figura 15 - Imagem da continuação do sumário e apresentação de um livro digitalizado.	64
Figura 16 - Imagem da continuação da apresentação e primeiro capítulo de um livro digitalizado.	64
Figura 17 - Primeiro livro eletrônico – <i>Softbook Reader</i> – da <i>Softbook Press</i> .	66
Figura 18 - primeiro livro eletrônico – <i>Rocket e-book</i> – da <i>Nuvomedia Inc.</i>	67
Figura 19 - <i>Sony Reader</i> , modelo PRS-700, da <i>Sony</i>	68
Figura 20 - <i>Kindle</i> modelo da <i>Amazon</i>	69
Figura 21 - <i>IREX 1000</i>	74
Figura 22 - <i>Readius</i> fabricado pela <i>Polymer Vision</i>	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Leitor imersivo: Níveis	47
Quadro 2 – A evolução do livro	49
Quadro 3 – A evolução tecnológica da cultura	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1- A HISTÓRIA DO LIVRO	03
1.1 - A origem da escrita	03
1.2 - A Evolução do livro	11
1.3 – Surgimento da mídia impressa: máquina de Gutenberg	15
1.4 – Surgimento da mídia eletrônica	23
1.4.1 – A democratização da Internet	26
1.5 – Autor e Autoria	29
2- LEITURA E LINGUAGEM	33
2.1 – Conceitos, usos, formas da linguagem	33
2.2 – A presença, evolução, tempo da leitura	37
2.3 – Livro e a construção do leitor	42
2.4 - Tipos de leitores: comum, especializado, crítico. O novo leitor: imersivo, interativo, lúdico	43
3 - O LIVRO ELETRÔNICO E SUAS CONCEPÇÕES: NOVA PROPOSTA	48
3.1 - On Line	53
3.2 –PDF (<i>Portable Document Format</i>)	56
3.3 – CD (<i>compact disc</i>) ou Hiperdocumento	58
3.4 – Digitalizada	61
3.5 – E-book	65
4.– LIVRO IMPRESSO OU LIVRO ELETRÔNICO: VANTAGENS E DESVANTAGENS	77
4.1 – E-book e Leitura	84
5- CONCLUSÃO	91
6- REFERÊNCIAS	95

INTRODUÇÃO

O advento da sociedade da informação, notadamente o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs), impõe uma nova organização para o conteúdo/conhecimento, fazendo emergir novos suportes e novos formatos, colocando em xeque as velhas formas tradicionais em torno do livro impresso.

Desde o surgimento dos novos suportes e estruturas para o texto escrito, a história do livro e da leitura têm despertado grande interesse em pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Observa-se também uma angústia muito grande diante das incertezas quanto ao destino da cultura do livro, pois se acredita que o livro em seu formato atual tenderá a desaparecer.

A presente dissertação desenvolve uma pesquisa teórica a respeito das novas tecnologias da informação e comunicação, como também. analisa de forma crítica o processo de transição da cultura impressa para a cultura eletrônica e os paradoxos que as envolvem, além disso se faz uma retrospectiva histórica do livro, do surgimento da internet e suas influências na cultura, sobretudo na literatura com o livro eletrônico; avalia as vantagens e desvantagens da versão impressa e da versão eletrônica, sempre levando em consideração os seus contextos de origem; e, ainda, traça o novo perfil do leitor, a partir dos atuais suportes eletrônicos, que constituem estruturas híbridas e não-lineares do texto escrito.

Utiliza-se como referencial teórico os autores Pierre Lévy, Roger Chartier, Manuel Castells, Steven Johnson, Lucien Febvre, Wilson Martins, Lúcia Santaella.

Nessa perspectiva, verifica-se que há um novo tipo de cultura se construindo e se firmando fora dos espaços materiais e por meio das novas relações que estão sendo estabelecidas pelo ciberespaço. Esse novo espaço de comunicação, sem fronteiras, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento, faz com que os indivíduos se tornem agentes de mutação constante, de acordo com seus projetos, interesses e capacidades modificam e reinventam os conceitos por meio da interação entre as pessoas, que acontece no espaço virtual.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos, na primeira parte deste trabalho, fez-se uma retrospectiva histórica da evolução do livro, pontuaram-se os suportes de armazenamento da escrita de cada povo, até chegar ao modelo impresso que é usado ainda hoje. Passou-se pela origem da escrita, mostrou-se desde a primeira escrita que se tem registro que é a cuneiforme até chegar à escrita alfabética utilizada hoje; chegou-se ao surgimento da mídia impressa, mostrou-se o que representou a prensa de Gutenberg na época e as transformações que ocorreram. Chegou-se no surgimento da mídia eletrônica, sobretudo o surgimento da internet, assim como seus efeitos a partir da sua utilização por vários ou se não todos os segmentos da sociedade, e foi finalizado discutindo a questão de autor e autoria, tão importante ao se tratar de produção cultural.

A segunda parte tratou-se de leitura e linguagem, buscou-se conceituar a linguagem, seus usos e suas formas; passou-se para a leitura, discutiu-se presença, evolução, tempo, capacidade e velocidade de leitura. Finalizou-se mostrando os tipos de leitores: comum, especializado, crítico e o novo leitor, os das interfaces.

Já na parte três, foi feita uma análise do livro eletrônico e suas concepções. Mostrou-se que ele pode ser encontrado em vários formatos de arquivo além do modelo *online* (hipertexto), CD/DVD, dos próprios suportes específicos de leitura e de obras digitalizadas. Discuti-se, ainda, a questão de o livro impresso está ou não com seus dias contados.

Na quarta e última parte deste trabalho foi feito um estudo de caso onde se comparou o uso do livro eletrônico x impresso. Discutiram-se as vantagens e desvantagens tanto de um quanto do outro modelo.

1 A HISTÓRIA DO LIVRO

1.1 A origem da escrita

Nesta parte, discuti-se a evolução do livro, bem como o surgimento da escrita, a imprensa de Gutenberg, a mídia eletrônica (internet) e autor e autoria, usa-se os seguintes autores como base teórica: Walty (2000), Martins (1998), Olson (1997), Sampson (1996), Eco (2004), Chartier (1999), Lévy (1997), Febvre e Martin (2000), Belo (2008), Weber (2004), (2001), Souza (2003), Maffesoli (2001), Weil (1997), Leão (2001) e Canto (2007).

Os livros surgiram a partir da invenção da escrita. A escrita é um sistema de registro da memória cultural, política, artística, religiosa e social de um povo.

Segundo Olson⁷ (1997, p.83) “(...) os sistemas de escrita foram criados não para representar a fala, mas para comunicar informações. Sua relação com a fala é, na melhor das hipóteses, indireta”.

Argumenta Martins (1998, p.33):

A escrita é apenas um – provavelmente o mais perfeito e o menos obscuro – entre inúmeros outros sistemas de linguagem visual: a essa mesma categoria pertencem os desenhos, a mímica, os códigos de sinais marinhos e terrestres, luminosos ou não, os gestos, em particular a linguagem por gestos-mudos.

Afirma Walty (2000): que a escrita surgiu da necessidade de registrar as experiências do homem, seu conhecimento adquirido, bem como seus sentimentos.

Dessa necessidade, nasce o livro. Sua primeira forma é a manuscrita. Utilizando-se de tábuas de argila, papiros e pergaminhos, o homem traça sinais os mais variados: pictográficos, mnemônicos, ideográficos, cuneiformes, hieroglíficos e fonéticos (WALTY, 2000, p.16).

O homem utilizou os mais diferentes tipos de materiais para registrar a sua passagem pelo planeta e difundir seus conhecimentos e experiências. Desde os primeiros tempos, procurou registrar suas impressões sobre o mundo, no interior das cavernas, utilizando para isso pedra, materiais inorgânicos e orgânicos à base de tintas vegetais e minerais.

⁷Autor de várias obras, entre elas, “O mundo no papel – As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita” e a “Cultura, escrita e oralidade”.

Na Antigüidade, experimentou outros suportes encontrados na natureza como forma de registrar sua escrita, como a argila, ossos, conchas, marfim, folhas de palmeiras, bambu, metal, cascas de árvores, madeira, couro, papiro, velino, pergaminho, seda e, finalmente, o papel.

Longe de transcrever a fala, a escrita tende a proporcionar um modelo para a fala. Inventar um sistema de escrita significa, em parte, descobrir alguma coisa sobre a fala; aprender a ler é, da mesma forma, descobrir algo sobre a nossa fala e, em última análise, sobre “o que é dito”. É a escrita que fornece o modelo da fala, ainda que seja um modelo distorcido (OLSON, 1997, p.95).

Já Sampson⁸ (1996, p.46) sugere que “(...) todos os sistemas de escrita do mundo podem estar relacionados entre si”, considerando dois fatores: primeiro, “a escrita sumérica é a escrita mais antiga”; segundo, “ela é a única de que se tem evidências referentes à origem”. Sendo assim, o sistema sumério, conhecido mais tarde como cuneiforme (do latim *cuneus* = “cunha”, e *forma* = “forma”), pode ser considerada ancestral de todas as outras escritas.

Cerca de meados do terceiro para o quarto milênio a/C., um povo de que não se sabe nem a etnia nem a ascendência lingüística, conhecido por “Sumérios”, invadiu a baixa Mesopotâmia e conquistou essa região aos seus habitantes primitivos. A partir dos últimos séculos do quarto milênio, os sumérios foram durante 1500 anos o grupo cultural dominante no Oriente Médio, cultivando uma literatura bastante evoluída e deixando como recordação arquivos e documentos de um vasto e complexo sistema jurídico, administrativo, comercial e religioso. Eles guardavam suas informações em tijolo de barro cozido.

⁸ Autor da obra “*Sistemas de Escrita. Tipologia, história e psicologia*”

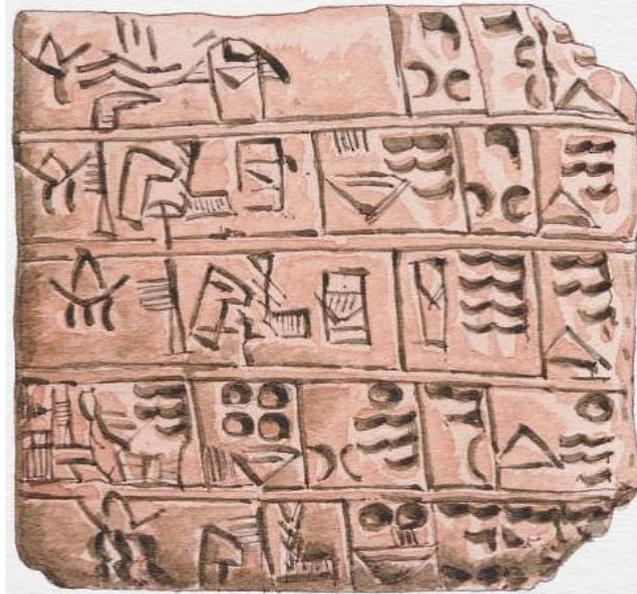


Figura 1: representação da escrita suméria ou cuneiforme, a escrita mais antiga até hoje conhecida. É um tijolo de barro cozido, que os sumérios utilizavam para representar à escrita. Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 26/05/2009.

A escrita egípcia hieroglífica que vem do termo “hieroglífico” é uma transcrição parcial do grego *hieroglyphikà grámmata*, derivado de *hierós* = “sagrado”, *glypheîn* = “esculpir”, e *grámmata* = “letras” – “letras sagradas esculpidas”. De acordo com Olson (1997, p.96), “a escrita hieroglífica egípcia, desenvolvida por volta de 3100 a.C., empregava um sistema semelhante ao da cuneiforme. Embora não tenha evidência de que essa escrita tenha se originado na Babilônia”.

Acreditava-se que a escrita hieroglífica tivesse sido criada principalmente com fins religiosos, pois era muito usada para inscrições monumentais, nas paredes dos templos, dos túmulos, dos monumentos sagrados etc. Mas é importante ressaltar que essa escrita também era utilizada para pintar inscrições na madeira, na louça de barro, pedras, documentos escritos em papiros, entre outros.

De acordo com Martins (1998, p.46), “a escrita hieroglífica é a escrita monumental, que se prolonga até ao terceiro século da nossa era, tendo sofrido poucas modificações em sua longa existência, superior a três milênios”.

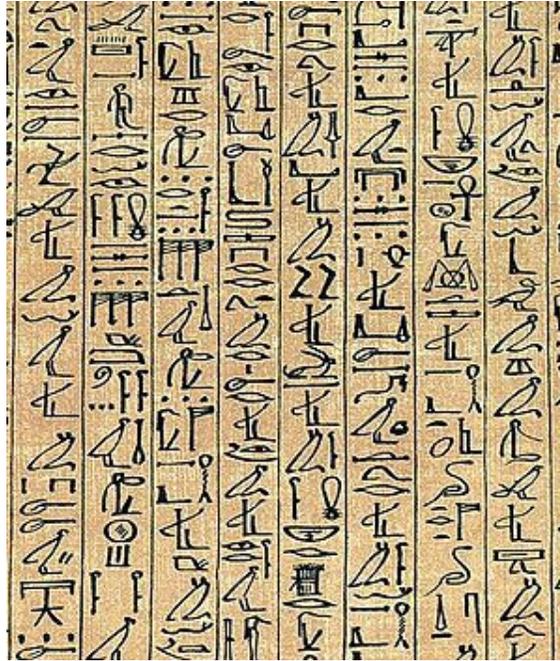


Figura 2: representa a escrita egípcia hieroglífica – letras sagradas esculpidas. Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 26/05/2009.

A pictografia é a forma de escrita pela qual idéias são expressas em desenhos grafados nas paredes de cavernas e grutas. São sinais geométricos ou estilizados ao lado das imagens, figuras de homens, de animais ou de plantas. Segundo Martins (1998), os desenhos pictográficos datam dos primeiros tempos da humanidade, e eram feitos pelos primitivos. É importante salientar que as gravuras e pinturas rupestres não chegaram a constituir um sistema regular de linguagem.

É fundamental voltarmos no tempo investigando as pinturas rupestres que, grosso modo, podem ser consideradas ancestrais do livro. Desenhando nas paredes das cavernas, o homem não só se comunicava como queria assumir alguma forma de controle sobre o mundo (...). Por esse gesto, pensava garantir também a abundância de animais a serem caçados. A imagem era, pois, elemento fundamental de um ritual mágico. Por outro lado, ao fixar o animal nas pedras, o homem da época construía uma narrativa, já que, muitas vezes, os desenhos seriados criavam histórias. Além disso, mesmo que não contem uma história, por não apresentarem um necessário encadeamento, esses desenhos podem ser vistos como narrativas na medida em que chegam até nós com a força de um texto histórico (WALTY, 2000 p.14).



Figura 3A: é a representação da escrita pictográfica, inscrições em paredes de cavernas. Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 26/05/2009.

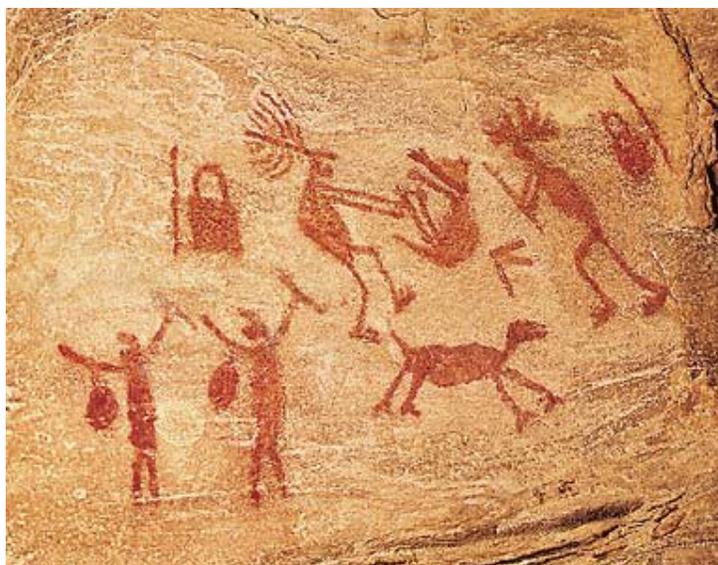


Figura 3B: é a representação da escrita pictográfica, inscrições em paredes de cavernas. Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 26/05/2009.

A escrita mnemônica, conforme Martins (1998), é vista da mesma maneira que a pictografia. Os principais sistemas mnemônicos são os *quipos* e os *wampuns*. São usadas para transmitir idéias e não palavras. Os quipos, usados pelos Incas, são cordões formados por fios de lã de cores diversas: ao combinar cor, espessura e posição dos nós, representam simbolicamente

idéias. Já os wampus eram usados pelos Iroqueses, e são colares de conchas, justapostas, cujas combinações formam figuras geométricas.

É bem de ver, entretanto, que por mais que aperfeiçoados que sejam, os quiços e os *wampus* não passam de recursos mnemônicos: mesmo que sugerir algumas idéias, observa Vendryés, não se comparam a um sistema de escrita, cuja função é a de exprimir *todas* as idéias (MARTINS, 1998: 40).

A escrita ideográfica, de acordo com Martins (1998: 41), “começou por representar os objetos por um sinal que os interpretasse graficamente e as idéias por outros sinais adequados. Os tipos clássicos de escrita ideográfica são o chinês, os caracteres cuneiformes e os hieróglifos”.

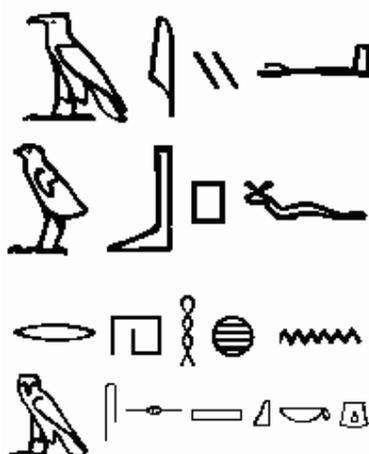


Figura 4A: é a representação de objetos por meio de um sinal gráfico - escrita ideográfica. Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 26/05/2009.



Figura 4B: é a representação de uma escrita ideográfica chinesa. Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 26/05/2009.

A escrita fonética é um conjunto de sinais específicos usados para representar as sílabas, isto é, os sinais representavam sílabas inteiras em vez de individuais, ainda sem nenhuma vogal. Esse sistema mais se aproxima da função natural da linguagem escrita, que é de transcrição e registro da língua falada:

Um passo de conseqüências incalculáveis foi dado quando o homem, na tarefa de fixar e de transmitir o pensamento, percebeu que lhe era possível substituir a imagem visual pela sonora, colocar o som onde até então tinha obstinadamente colocado a figura. Dessa forma, o sinal se libertaria completamente do objeto e a linguagem readquiriria a sua verdadeira natureza, a oral (MARTINS, 1998, p. 40).

	NU	MAYA	EGYPTIAN
A	⊙.◇.Λ.	⊙.◇.Λ.	⊙. I. ^.
B	■.□.	■.□.	□.■.■.
C	☉.☿.♁.	☉.☿.♁.	☉.
CH	☐.	☐.☿.☿.	☐.
DZ	♁.♁.	♁.♁.	♁.
E	I. II.	I.	II.
H	☐.☐.☿.	☐.☐.☿.	☐.☐.☿.
I	I. II.	I. II.	III. II.
K	△.☐.	△.☐.	△.☐.☐.☐.
KH	☉.		
KU	☉.		
L	⊙. L.	⊙. L.	⊙. II. ✓
M	☐.☐.☐.☐.	☐.☐.☐.	☐.☐.☐.☐.
N	☉.☐.☐.☐.	☉.☐.☐.☐.	☐.☐.☐.☐.
O		⊙.	☿.
P	■.	■.□.☿.	■.□.
PP	■.	■.■.	■.□.
SH	☉.☿.		
T	T. D. Δ.	T. D. Δ.	☉.
TH	☉.	☉.	☉.
TZ		☉.	☉.
U	☉. U. V	☉. ☉. ☉.	☉.
X		☉. 2.	☉.☐.☐.
Y	I. II.	I. III. III.	I. III.
Z		☐.☐.☐.☐.	

Figura 5: é um quadro representativo da escrita fonética
 Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 26/05/2009.

Não é possível datar com precisão o aparecimento do alfabeto – sistema de sinais estabelecidos para representar fonemas ou palavras. A palavra *alfabeto* vem do latim *alphabetum*, que é composta pelo nome das duas primeiras letras do alfabeto grego: *alpha* e *beta*, emprestadas das línguas semíticas. Sabe-se que existem textos de 1900 a/C. escritos em línguas semítica encontrados em Serabit-el-khaden, na península do Sinai, onde foram reconhecidos 27 sinais diferentes, nitidamente alfabéticos.

Na história da escrita alfabética do Ocidente, os gregos representam papel de suma importância, pois foram eles que, no início dos anos 900 a/C., adotaram e adaptaram o alfabeto fenício, tornando assim o progenitor direto de todas as escritas alfabéticas ocidentais. A partir daí, o alfabeto foi sofrendo pequenas alterações e adaptações até chegar à forma que conhecemos e usamos até hoje.

Nome	Símbolos	
	Maiúsculas	Minúsculas
<i>Alfa</i>	A	α
<i>Beta</i>	B	β
<i>Gama</i>	Γ	γ
<i>Delta</i>	Δ	δ
<i>Épsilon</i>	E	ε
<i>Zeta</i>	Z	ζ
<i>Eta</i>	H	η
<i>Têta</i>	Θ	θ
<i>Iota</i>	I	ι
<i>Capa</i>	K	κ
<i>Lambda</i>	Λ	λ
<i>Miu</i>	M	μ
<i>Niu</i>	N	ν
<i>Csi</i>	Ξ	ξ
<i>Omicron</i>	O	ο
<i>Pi</i>	Π	π
<i>Ró</i>	P	ρ
<i>Sigma</i>	Σ	σ
<i>Tau</i>	T	τ
<i>Upsilon</i>	Υ	υ
<i>Fi</i>	Φ	φ
<i>Chi</i>	X	χ
<i>Psi</i>	Ψ	ψ
<i>Omega</i>	Ω	ω

Figura 6: quadro representativo do alfabeto grego.
 Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 26/05/2009.

1.2 A evolução do livro

Ao longo da história, cada cultura desenvolveu o seu suporte específico para armazenamento de suas idéias: os indianos faziam seus livros em folhas de palmeiras; os maias e os astecas, antes do descobrimento das Américas, num material macio existente entre a casca das árvores e a madeira; os

romanos escreviam com estilete em tábuas de madeiras cobertas com cera, que serviam para os mais variados fins (correspondência, cadernos de estudos, contas, anotações), e ofereciam a vantagem de servir indefinidamente: quando chegavam no fim, bastava raspar a cera e substituí-la por outra. E os chineses, por sua vez, utilizavam rolos de seda para fazer seus livros.

Por volta dos anos 2200 a/C., os egípcios desenvolveram a tecnologia do papiro, primeira forma maleável de registrar a escrita. Ele era feito com películas da parte da haste da planta aquática Papiro (*Cyperus papyrus*), encontrado às margens do rio Nilo. Essas películas eram cortadas em tiras que, colocadas umas ao lado das outras, formavam folhas, que eram então superpostas com as fibras cruzadas, para aumentar a espessura e a resistência do produto. Depois, o “condensado” de papiro era polido com óleo e posto para secar. As folhas de papiro escritas pelos escribas eram emendadas e formavam rolos, os quais eram chamados *Volumem* (rolos). O volumem dificultava a leitura, pois o leitor tinha de mantê-lo aberto, utilizando as duas mãos. Uma peculiaridade interessante do livro de rolo, ou do volumem, é que o título vinha no final do livro. Os rolos com os manuscritos chegavam a 20 metros de comprimento.

Dada a preciosidade do produto, era comum o papiro ser reciclado: raspava-se a tinta e reutilizava-se o papiro para novos desenhos ou nova escrita. Algum tempo depois a escrita anterior aparecia e o texto ficava ininteligível.

Argumenta Martins⁵ (1998, p. 63):

À escassez natural do papiro, vieram juntar-se as guerras, que impediam a sua importação. E como as invenções nascem da necessidade, o homem teve de recorrer a qualquer outro material que substituísse o papiro. Uma invenção bastante anterior ao período de desaparecimento foi então aproveitada em todas as suas possibilidades. Mas, isso nos conduz a tratar dos materiais com que o reino animal concorreu para a escrita.

⁵ Escritor respeitado, é autor da monumental obra de 12 volumes “História da inteligência brasileira”, escreveu também “A idéia modernista”, “Crítica literária no Brasil” e “A palavra escrita”, entre outros. Foi durante 25 anos crítico literário do jornal O Estado de São Paulo e também do Jornal do Brasil.



Figura 7: mostra a planta aquática *Cyperus Papyrus* da qual sua película era produzido o Papiro. Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 26/05/2009

Partindo da necessidade de substituir o papiro, surgiu o pergaminho, feito de pele de animais, geralmente do carneiro. Tornou-se o principal suporte de escrita durante quase toda Idade Média. Era um material mais resistente, fino e durável que o papiro, além de permitir a escrita dos dois lados. O pergaminho ainda podia ser lavado ou lixado, o que permitia escrever diversas vezes. Com a aquisição da técnica de uso deste material, tornou-se possível a confecção de livros (*códex*) como os que conhecemos, feito por meio da costura pelo vinco, sem que as folhas rasgassem ou se desgastassem pelo manuseio, diferenciando-se dos atuais no tamanho, pois eram muito grandes. Por isso, seu manuseio e transporte o tornavam inviável e, no custo, o livro era caro, decorrente do preço do suporte: um livro requeria grande quantidade de pergaminho, um material oneroso, como observa Martins (1998, p.67):

O pergaminho foi sempre material de preço elevado. Essa circunstância explicaria, segundo os autores, o fenômeno dos *palimpsestos*, isto é, manuscritos em que o texto primitivo foi raspado, a fim de servir novamente para a escrita. Pensou-se durante muito tempo que esse hábito resultava das intenções piedosas dos monges copistas, que apagavam textos pagãos para inscrever em lugar deles orações e meditações religiosas.

O códex surgiu entre os gregos como forma de codificar as leis, mas foi aperfeiçoado e consolidado pelos romanos nos primeiros anos da era cristã. Com o fervor religioso, o livro manuscrito passa a ser considerado como um objeto de salvação.

Os manuscritos eram feitos pelos escribas, que ocupavam papel de destaque na sociedade. Eles passavam por um aprendizado básico na escola e freqüentavam cursos superiores. Durante a Idade Média, os escribas eram referências das leis e doutrinas que regiam a época.

Os copistas, geralmente monges, copiavam os manuscritos produzidos pelos escribas. Além de copiarem e multiplicarem os textos, eles encadernavam e organizavam os livros manuscritos. Eram também guardadores em bibliotecas nos mosteiros ou em outros estabelecimentos eclesiásticos. Aos livros, somente o clero e os reis acessavam, assegurava o monopólio quase integral do conhecimento, à igreja.

Segundo Martins (1998, p.83):

(...) com maior ou menor interesse profano, com maior ou menor penetração leiga, são os mosteiros que salvam para o mundo moderno a riqueza literária da antiguidade.

Na biblioteca medieval, só o bibliotecário-chefe (que também era monge) tinha acesso a todos os livros, inclusive aos proibidos: só ele sabia o lugar de seu armazenamento. Ele selecionava para o leitor o que poderia ser lido.

A localização das bibliotecas medievais, no interior dos conventos, era um fator que também dificultava o acesso aos livros, pois era um lugar a que as pessoas comuns não tinham livre acesso.

Acrescenta Martins (1997, p.71):

A biblioteca foi assim, desde os seus primeiros dias até aos fins da Idade Média, o que o seu nome indica etimologicamente, isto é, um depósito de livros, e mais o lugar onde se esconde o livro do que o lugar de onde se procura fazê-lo circular ou perpetuá-lo.

A própria arquitetura dos edifícios onde estavam as bibliotecas sugeria essa idéia. A confecção e a circulação do livro medieval são cercadas por múltiplos obstáculos que lhes tornavam difícil o acesso.



Figura 8: é a representação da imagem de um Pergaminho.
Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 26/05/2009.

1.3 Surgimento da mídia impressa: máquina de Gutenberg

No século 2 d/C., o chinês T'sai Lun inventa o papel. O qual só é introduzido na Europa 10 séculos mais tarde. A partir daí os outros suportes de escrita e desenho desaparecem. E com o invento da prensa de Gutenberg, em meados de 1450, o livro impresso, feito de papéis costurados e posteriormente encapados, torna-se realidade:

Em meados da década de 1450, só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão, e de repente uma nova técnica, baseada em tipos móveis e na prensa, transfigurou a relação com a cultura escrita. O custo do livro diminuiu, através da distribuição das despesas pela totalidade da tiragem, muito modesta aliás, entre mil e mil e quinhentos exemplares. Analogicamente, o tempo de reprodução do

texto é reduzido graças ao trabalho da oficina tipográfica (CHARTIER⁹: 1999, p.7).

Com a imprensa, o homem passou a produzir livros de forma rápida e eficiente, possibilitando a edição de vários exemplares de uma mesma obra, a um preço acessível, popularizando e democratizando a leitura, o conhecimento e gerando, assim, uma revolução na cultura da época. Para Lévy (1999), a invenção de Gutenberg permitiu que um novo estilo cognitivo se instaurasse.



Figura 9: imagem da Bíblia de 42 linhas de Gutenberg
Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 26/05/2009.

E para Chartier (1999) este momento é marcado pela revolução da técnica, pois modifica os modos de reprodução dos textos e de produção do livro:

⁹ Professor e historiador francês. Estuda a história da cultura e dos livros, a trajetória da leitura e da escrita como práticas sociais. Doutor *honoris causa* da Universidade Carlos III em Madri.

Com os caracteres móveis e a imprensa, a cópia manuscrita não é o único recurso disponível para assegurar a multiplicação e a circulação de textos. Daí a importância desse momento essencial na história ocidental, considerado como o delimitador da *Apparition du livre (...)*, ou caracterizado como uma *Printing Revolution* (CHARTIER, 1999, p.96).

A partir do século XIX, com o aumento da oferta de papel para a impressão de livros e jornais, além das inovações tecnológicas no processo de fabricação, o mundo não seria mais o mesmo. Pois então, a história, a poesia, contos, cálculos matemáticos – enfim, as idéias – poderiam percorrer mares e terras e chegar às mãos de povos que seus autores jamais imaginariam. O livro torna-se veículo de informação:

A impressão transformou profundamente o modo de transmissão dos textos. Dada a quantidade de livros em circulação, não seria mais possível que cada leitor fosse introduzido às suas interpretações por um mestre que tivesse, por sua vez, recebido um ensino oral. O destinatário do texto é agora um indivíduo isolado que lê em silêncio. Mais que nunca, a exposição escrita se apresenta como auto-suficiente. A nova técnica, tal qual se desenvolveu na Europa a partir do meio do século XV, contribuiu para romper os elos da tradição (LÉVY, 1997, p.96).

A cultura do manuscrito, do copiado à mão, de acordo com Chartier (1999), sobreviveu, ainda, por muito tempo, à invenção de Gutenberg, sendo mais preciso: até o século XVIII e meados do século XIX. Era o caso sobretudo dos textos proibidos: a intenção era a de que eles permanecessem secretos.

A transformação não era tão absoluta como se diz. Isso, porque um livro manuscrito e um livro pós-gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas do códex, ou seja:

Tanto um como o outro são objetos compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessões de cadernos. A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numeração), os índices e os sumários: tudo isso existe desde a época de se poder levar no bolso, é o livro de preces e de devoção, e às vezes de diversão (CHARTIER, 1999, p.7).

Pode-se afirmar, de acordo com Chartier (1999), que existe uma continuidade muito forte entre o manuscrito e o impresso. Ou seja: a transição

do manuscrito para o impresso aconteceu mais lentamente do que se imaginava, o que se justifica pela forte suspeita existente em torno do impresso. Acreditava-se que a nova forma de conceber o texto poderia alterar a familiaridade entre autor e leitor, influenciando diretamente na correção dos textos.

Endossa Martins (1997, p.128):

É sabido que durante alguns anos o livro impresso imitou conscientemente o aspecto material do manuscrito: é fato a que já fizemos referência e que se encontra igualmente assinalado em todos os especialistas. Geo. Haven Putnam, por exemplo, observa que, nos primeiros tempos, nenhum colecionador de manuscritos aceitava possuir impresso.

Numa segunda análise, acrescenta Chartier (1999), pode-se, por um lado considerar os caracteres móveis e a imprensa como uma revolução técnica, pois em meados do século XV ela modificou os modos de reprodução dos textos e de produção do livro. Ou seja: a cópia manuscrita não era o único recurso disponível para multiplicação e circulação de textos. Sendo assim, este momento marca a aparição do livro. Por outro lado, como a estrutura do livro não foi modificada pela invenção de Gutenberg, tanto antes quanto depois, o livro continua sendo composto por folhas dobradas, reunidas em cadernos, colados uns aos outros. Neste sentido, o livro já existia antes da invenção da tipografia, quando era manuscrito, e o que era importante permaneceu depois da referida invenção:

Nesse sentido, a revolução da imprensa não consiste absolutamente numa “aparição do livro”. Doze ou treze séculos antes do surgimento da nova técnica, o livro ocidental teria encontrado a forma que lhe permaneceu própria na cultura do impresso (CHARTIER, 1999, p.96).

Considere-se, também, que os caracteres móveis já eram conhecidos no oriente, bem antes de Gutenberg: registros mostram que no século XI já existiam caracteres em terracota na China. E na Coreia, no século XIII, textos foram impressos em caracteres metálicos. A cultura do impresso foi descontínua, pois os caracteres foram confiscados pelo imperador, como antes pelos mosteiros (Chartier, 1999).

Havia também a técnica chamada de xilográfica, que consistia em gravura sobre madeira de textos, impressos por fricção. Conhecida desde o século VIII em países orientais (Coréia, China, Japão):

A xilografia tem vantagens próprias: ela se adapta melhor do que os caracteres móveis às línguas que utilizam um grande número de caracteres – ou, como no Japão, uma pluralidade de escritas. Ela mantém um laço estreito entre a escrita manuscrita e a impressão, pois as pranchas são gravadas a partir de modelos caligrafados; ela permite, graças à resistência de madeiras duráveis, o ajuste entre tiragem e a demanda. Uma tal constatação deve conduzir a uma apreciação mais justa do invento de Gutenberg, certamente fundamental, mas não o único a garantir uma ampla disseminação do livro (CHARTIER, 1999, p.97).

Na visão de Martins (1998), as outras técnicas de impressão (na pele humana, nos tecidos, na madeira, no metal), descritas por outros autores como precursoras da imprensa, nada têm a ver nem foi um estágio preparatório para a imprensa propriamente dita: as técnicas tipográficas praticadas na China e posteriormente na Europa surgiram de outras preocupações e de finalidades diferentes.

Segundo o Christian (1900 apud MARTINS, 1998, P.127) “a imprensa, tal como a compreendemos, não consiste somente num sinal qualquer sobre papiro, pergaminho ou papel, mas também e sobretudo na reprodução rápida e ilimitada da escrita ou da palavra”,

Já na visão de Febvre e Martin¹⁰ (2000), os primeiros livros impressos são idênticos aos manuscritos porque os impressores, longe de inovar, tinham o cuidado de imitar a escrita manual. Os tipógrafos usavam os alfabetos de caracteres isolados, e também grupos de letras ligados entre si, que reproduziam o mesmo desenho da escrita manuscrita. E como as iniciais dos livros impressos eram rubricadas à mão pelo mesmo calígrafo e iluminadas pelos mesmos artistas dos manuscritos, muitas vezes, era difícil dizer se tal obra era manuscrita ou impressa.

Duas hipóteses foram levantadas para explicar esta similitude:

¹⁰ Lucian Febvre: historiador francês, nascido em 1878 e falecido em 1956. Foi professor do Collège de France. Com M. Bloch, fundou os *Annales d'histoire économique et social* (1929). É autor, entre outras, das obras *Phillipe II et la Franche-comté* (1911), *Um destino, Martin Luther* (1928). Henri-Jean Martin: diretor de estudos na *École Pratique de Hautes Études (E.P.H.E.)*, professor da *École de chartes*, mundialmente reconhecido como especialista da história do livro, é autor, entre outras obras, de *Histoire et pouvoirs de l'écrit* (1996).

1ª) A versão impressa era uma cópia da manuscrita, porque se pretendia enganar o comprador que desconfiava do novo processo.

2ª) Era importante que os livros impressos se passassem como manuscritos, para não despertar a atenção dos copistas e conseqüentemente evitar queixas das corporações que queriam preservar o monopólio.

Analisando as hipóteses, Febvre e Martin (2000) afirmam que a primeira não faz muito sentido: porque, apesar da semelhança, era possível distinguir uma versão da outra. E além do mais, os leitores passaram rapidamente a preferir os textos impressos, por terem uma qualidade melhor: mais legíveis e mais corretos. Quanto à segunda hipótese, os autores admitem a possibilidade de uma resistência dos copistas e dos estacionários com relação aos tipógrafos. Mas isso não durou muito tempo, porque a maior parte deles seguia uma regulamentação universitária e não propriamente corporativa. E, como estavam sob autoridade dos chefes e dos conselhos das universidades, todos eles eram muito favoráveis à impressa, de modo que as queixas de alguns deles foram inoperantes.

Contudo, ainda segundo Febvre e Martin (2000), não existia motivo para a concretização das hipóteses, da mesma forma como também não deveria nos surpreender que os primeiros textos impressos fossem cópias exatas dos manuscritos, já que não poderia ter sido diferente, pois:

Como poderia os primeiros tipógrafos ter concebido, para os livros impressos, um aspecto diferente dos manuscritos que lhes serviam de modelo? Mas ainda, a identidade do impresso e do manuscrito não devia ser a seus olhos a prova de um triunfo técnico ao mesmo tempo que um aval de existo comercial? Verifiquemos, portanto, que o aparecimento da imprensa não provoca súbita revolução na apresentação do livro: marca apenas o princípio de uma evolução (...) (FEBVRE e MARTIN, 2000,p.102).

Declara Belo¹¹ (2008, p.30 e 31) sobre assunto:

Mesmo que o livro manuscrito tenha permanecido durante bastante tempo como modelo seguido pelo livro impresso, a nova técnica de reprodução dos textos multiplicou claramente as possibilidades de difusão geográfica das obras relativamente à cópia manuscrita. E

¹¹ Cursou história na Universidade Nova de Lisboa e fez mestrado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Doutor em Escrita e leitura de jornais em Portugal no século XVIII pela École des Hautes Études em Sciences Soiales em Paris.

também suas capacidades de conservação: a multiplicação de uma obra em centenas ou milhares de exemplares garantia, bem melhor do que o manuscrito, a sua sobrevivência à passagem do tempo. Como aconteceu com tantos textos da Antiguidade, a obra manuscrita, muitas vezes existente num exemplar apenas, tinha dificuldade em resistir, ao longo de séculos, às destruições das bibliotecas, aos fins dos impérios, às fogueiras inquisitoriais ou à incúria humana. A imprensa criava assim uma sensação nova de vitória sobre o espaço e o tempo que foi imediatamente pressentida por quem a viu nascer.

Acrescenta Walty (2000, p.19):

depois de 1500, com o aperfeiçoamento da imprensa, o livro vai-se modificando, desde o tipo de papel até os detalhes formais ligados à disposição das letras na página, à forma das ilustrações, possibilitando tiragem e divulgação maiores e mais rápidas.

É importante ressaltar que, desde os copistas da Idade Média até o surgimento da imprensa, mantinham-se as mesmas preocupações: o uso da mesma caligrafia, para que uma parte de um livro não ficasse diferente dos outros.

Graças ao processo de impressão, em vários pontos do mundo, diferentes pessoas podiam ler as mesmas informações. Desde a invenção de Gutenberg, foi aberto o caminho para a popularização do livro, para o desenvolvimento da imprensa e para a democratização da educação.

O crescente desenvolvimento da imprensa abriu caminho para a indústria do livro que, por sua vez, proporcionou a proliferação de idéias, ocasionando também formas de controles. Podemos citar alguns exemplos: a inquisição caçava leitores de livros proibidos; durante o nazismo na Alemanha, os livros censurados foram queimados; o mesmo aconteceu no Brasil após o golpe militar de 1964. Podemos citar também grandes filmes que contam essas histórias: é o caso de *Fahrenheit 451*, em que, ameaçadas, as pessoas decoram os livros para fazê-los sobreviver e *O Nome da Rosa*.

Belo (2008) lança mão das idéias de Elisabeth Eisenstein ao se referir à importância da invenção da tipografia:

a imprensa foi um instrumento de transformação cultural sem precedentes na história da sociedade ocidental, tendo dado origem a uma revolução nos meios de comunicação na Europa dos séculos XV a XVII... ela multiplicou o número de textos em circulação, tornou-se mais baratos e acessíveis, permitiu a cada leitor ler mais obras e

a cada obra chegar a mais leitores. Mas, mais do que um mero agente de uma difusão alargada do escrito e da imagem, a imprensa foi responsável, segundo Eisenstein, por alterações qualitativas nas operações intelectuais associadas à leitura e à compreensão de textos (BELO, 2008, p.23).

Ainda citando Eisenstein¹² em Belo (2008, p.23) “o objeto impresso define uma cultura original, qualitativamente diferente da cultura manuscrita que existia anteriormente”.

Conclui Walty (2000, p.21), “a presença do livro na nossa cultura deu-se de forma avassaladora: civilização pela escrita, ela seria – e concebida há até bem pouco – a chave com a qual abrimos as portas da história”.

E Weber¹³ (2004, p.8):

Pode-se dizer que o livro é essencialmente um instrumento cultural de difusão de idéias, transmissão de conceitos, documentação (inclusive fotográfica e iconográfica), entretenimento ou ainda de condensação e acumulação do conhecimento. A palavra escrita venceu o tempo, e o livro conquistou o espaço.

Constata-se assim, a relevância da presença do livro em toda a história da humanidade.

Pode-se afirmar que a tecnologia é catalisadora de mudanças, uma vez que, com o seu uso, surgem novas necessidades e alteram-se velhos e sólidos paradigmas estabelecidos ao longo de muitos séculos. A decorrência maior destas transformações é que a informação torna-se menos ligada ao objeto físico que a contém.

Ao longo do tempo, a técnica tipográfica foi se disseminando e a imprensa foi se consolidando. O primeiro jornal impresso surgiu em 1605 em Strasburgo na Alemanha, mas ele circulava sem uma periodicidade. O primeiro jornal publicado com regularidade só aparece em 1631, na França, O chamado *Gazette*. Já em Portugal, o primeiro jornal impresso começou a circular em 1641. Enquanto que no Brasil, o primeiro prelo oficial só foi instalado com a vinda da família real em 1808. Cabe, ainda, ressaltar que a história do jornal é marcada por longos períodos de censuras.

¹² Historiadora norte-americana.

¹³ Foi um intelectual alemão, jurista, economista e considerado um dos fundadores da Sociologia. Escreveu entre outras a obra “Ética protestante e o espírito do capitalismo”.

1.4 Surgimento da mídia eletrônica

A história do rádio, na visão de Martins (1997), começou em Cambridge na Inglaterra no ano de 1863. James Clerck Maxwell, professor de física experimental, demonstrou teoricamente a provável existência das ondas eletromagnéticas. A partir desta revelação outros pesquisadores se interessaram pelo assunto como o alemão Henrich Rudolph Hertz, o cientista italiano Guglielmo Marconi, Oliver Lodge, Ernest Branly, Lee Forest e o Padre-cientista gaúcho, chamado Roberto Landell de Moura. Todos contribuíram efetivamente para a consolidação do rádio.

Foram muitos anos de pesquisas, tentativas e aperfeiçoamento. Até que nos anos de 1916, Lee Forest instala, em Nova York, a primeira "estação-estúdio" de radiodifusão. Aconteceu então o primeiro programa de rádio, que se tem notícia. Tinha conferências, música de câmara e gravações. Surgiu também o primeiro registro de radio jornalismo, com a transmissão dos resultados eleitorais para a presidência dos Estados Unidos.

Ao longo do tempo o rádio foi se aperfeiçoando e as poucos se tornou um forte veículo de comunicação.

Na década de 20, a grande busca dos cientistas era tentar agrupar e transmitir as ondas sonoras que já haviam conseguido com a invenção do rádio, com a imagem em movimento. Em 1926, o escocês John Logie Baird conseguindo apenas uma imagem muito ruim de uma cabeça humana. De fato, a primeira televisão surgiu em Nova York nos anos de 1928, por meio do sueco Ernst F. W. Alexanderson, engenheiro da General Eletric. Essa primeira transmissão aconteceu para apenas três casas. Após alguns meses, com o aumento da experiência da GE com o sistema, os elementos básicos de uma televisão foram implantados.

Os primeiros aparelhos de televisão nada mais eram que rádios com um disco giratório mecânico que produzia uma imagem do tamanho de um selo postal. O primeiro serviço de alta definição foi surgir só na Alemanha, em 1935, na intenção de transmitir as Olimpíadas de Berlim.

Após a segunda guerra mundial, houve avanços tecnológicos e econômicos, com isso a televisão ganhou grande popularidade. Até esse momento, toda a imagem era em preto e branco. A televisão em cores só

surgiu em 1954, nos Estados Unidos, e era baseada em uma tecnologia que não exigia alterações nos aparelhos antigos em preto e branco para reproduzir as imagens coloridas.

Assim como outros meios de comunicação, a televisão se popularizou, a tecnologia evoluiu, o preço diminuiu e ela conquistou a preferência de todo o mundo. Se tornou um forte veículo de comunicação e formação de opinião.

Ao longo da linha do tempo que se está traçando, chegou a vez da internet. De acordo com Castells¹⁴ (2001), as origens da Internet podem ser encontradas na Arpanet, uma rede de computadores montada pela Advanced Research Projects Agency (ARPA) em meados de 1969. O Departamento de Defesa dos Estados Unidos, em 1958, criou a ARPA com a intenção de reter recursos para pesquisa, principalmente acadêmica. O objetivo era conquistar a superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética, que havia lançado em 1957 o primeiro Sputnik:

A Arpanet não passava de um pequeno programa que surgiu de um dos departamentos da ARPA, o Information Processing Techniques Office (IPTO), fundado em 1962 com base numa unidade preexistente. O objetivo desse departamento, tal como definido por seu primeiro diretor, Joseph Licklider, um psicólogo transformado em cientista da computação no Massachusetts Institute of Technology (MIT), era estimular a pesquisa em computação interativa. Como parte desse esforço, a montagem da Arpanet foi justificada como uma maneira de permitir aos vários centros de computadores e grupos de pesquisa que trabalham para a agência compartilhar on-line tempo de computação. (CASTELLS, 2001, p.13 e 14.)

À medida que a pesquisa ia avançando, a Arpanet ia se transformando e se reconfigurando. Mas no início de 1990, ela é retirada de operação por estar tecnologicamente obsoleta. Nesse momento, a Internet deixa o domínio militar, e o governo dos EUA confia sua administração à National Science Foundation (NSF). Mas com a tecnologia de redes de computadores no domínio público, e as telecomunicações completamente desreguladas, a NSF decidiu-se rapidamente por privatizar a Internet.

O que permitiu à Internet atingir o mundo todo na década de 1990 foi o desenvolvimento da *World Wide Web* (www). O programador inglês Tim

¹⁴ Sociólogo espanhol, é um dos grandes acadêmicos da área de comunicação, autor de diversos livros como a trilogia “Sociedade em Rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura”.

Berners-Lee, membro da equipe CERN, que supostamente trabalhava no aperfeiçoamento do sistema de documentação do Centro e não na criação de *software*, desenvolveu a *www*, possibilitando a utilização de uma interface gráfica e a criação de *sites* mais dinâmicos e visualmente mais interessantes.

No início dos anos 1990 ocorreu um fenômeno que, além de modificar drasticamente características da rede, revolucionou comportamentos, trouxe massas imensas de usuários à rede e passou, mesmo, a se confundir com a internet. Foi o advento da WWW (World Wide Web), a teia mundial que trouxe para a internet a multiplicidade de meios, a possibilidade de estender a todos o direito à expressão de suas idéias, opiniões e conteúdos (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2009, p.50).

Em dezembro de 1990, em colaboração com Robert Cailliau, Berners-Lee construiu um programa navegador/editor chamado *Sistema hipertexto de world wide web*. Quando esse *software* foi lançado na Internet, *hackers* do mundo inteiro passaram a tentar desenvolver seus próprios navegadores, baseando-se no trabalho de Berners-Lee. Em 1995, junto com seu *software Windows 95*, a Microsoft lança seu próprio navegador – o Internet Explorer:

(...) em meados da década de 1990, a Internet estava privatizada e dotada de uma arquitetura técnica aberta, que permitia a interconexão de todas as redes de computadores em qualquer lugar do mundo; a *www* podia então funcionar com *software* adequado, e vários navegadores de uso fácil estavam à disposição do público. Embora a Internet tivesse começado na mente dos cientistas da computação no início da década de 1960, uma rede de comunicações por computadores tivesse sido formada em 1969, e comunidades dispersas de computação reunindo cientistas e *hackers* tivessem brotado desde o final da década de 1970, para a maioria das pessoas, para os empresários e para a sociedade em geral, foi em 1995 que ela nasceu. (CASTELLS, 2001, p.19).

É importante ressaltar, (Castells, 2001), que a Internet nasceu da integração da *big science* (refere-se às investigações científicas que envolvem projetos vultuosos e caros, geralmente financiados pelo governo), da pesquisa militar e da cultura libertária (na Europa, refere-se a uma cultura ou ideologia baseada na defesa intransigente da liberdade individual como valor supremo – com frequência contra o governo, mas por vezes com a ajuda de governos, como na proteção da privacidade).

O interessante é que a Arpanet se originou no Departamento de Defesa dos EUA, mas foram totalmente secundárias suas aplicações militares para o projeto. Na verdade, o maior interesse era financiar a ciência da computação dos Estados Unidos e deixar que os cientistas trabalhassem, pois com certeza surgiria dali algo interessante, sem sufocar a criatividade e a independência do pesquisador.

Como na década de 1980 os Estados Unidos alcança a sonhada superioridade tecnológica na guerra convencional, particularmente em eletrônica e comunicações, a estratégia da União Soviética fica reduzida. Sendo assim, a estratégia Americana acaba se revelando correta, mesmo em termos militares:

A política de flexibilidade e liberdade acadêmica da ARPA foi compensadora em termos de estratégias militares, ao mesmo tempo em que deu rédea solta à criatividade de acadêmicos americanos e lhes forneceu os recursos para transformar idéias em pesquisa e pesquisa em tecnologias viáveis. (CASTELLS, 2001, p.23)

1.4.1 A democratização da internet

Com a difusão da Internet (hoje uma rede mundial de computadores) na década de 90, muitos meios de comunicação passam a operar na rede.

Conforme Souza¹⁵ (2003):

Atualmente, o homem tem avançado muito no sentido de democratizar a informação. Desta forma repensou as fronteiras tradicionais de tempo, espaço e forma. Do telégrafo à Internet, os avanços na área da comunicação são esperança na tecnologia como agente de mudança.

O desenvolvimento das tecnologias digitais e a profusão das redes interativas colocam a humanidade num caminho sem volta. Porque, segundo Lévy (1998), as práticas, atitudes, modos de pensar e valores estão, sendo condicionados pelo novo espaço de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores: o ciberespaço. Sua principal atração é a

¹⁵ Professor associado da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF. Atual coordenador do Mestrado em Cognição e linguagem da mesma universidade. Autor de vários livros na área de TCIs, Metodologia da Pesquisa, Educação e Ciberespaço.

comunicação interativa e coletiva. A internet é um instrumento de desenvolvimento social permitindo partilha da memória, da percepção e da imaginação. Isso resulta numa aprendizagem coletiva e troca de conhecimento entre grupos. (LÉVY,1990)

Maffesoli¹⁶ (2001) acrescenta que as potencialidades do ciberespaço estão longe de se esgotar, mas já testemunham o enriquecimento cultural que está sempre ligado à mobilidade, a circulação, sejam as do espírito, dos devaneios e até das fantasias, que tudo não deixa de conduzir.

Quanto mais intenso o contato entre as culturas, coletivas ou individuais, maiores serão as intensidades das transformações que irão ocorrer. As novas tecnologias da comunicação, mediadas por computadores, permitem uma total interatividade entre os participantes, a troca em tempo real ou não. Nesse sentido, a única convicção é a da mudança.

Vive-se atualmente uma transição tão importante quanto a que se desencadeou pela convergência do uso de tipos móveis e de papel barato no processo de produção de livros, jornais, mapas e, por conseguinte, de conhecimento, quando da passagem do texto manuscrito para o impresso. Diferentemente daquela, entretanto, esta está sendo fartamente documentada. Aliás, o excesso de informação é uma de suas características. É o que Lévy (2000) chama de “dilúvio informacional”, “transbordamento caótico das informações”.

Hoje, a informação está disponível de maneira rápida, barata e disseminada. Por isso, talvez, a queixa sobre o excesso de informação. Não se pode negar os benefícios que a tecnologia da comunicação tem proporcionado. Acessar em tempo real informações sobre quase tudo que acontece no mundo e estabelecer contatos diretos com essas fontes representa uma mudança de paradigma. Mas esse maior acesso à informação deixa visível um outro fato que a vida moderna gera: informação de mais e tempo de menos. Weil¹⁷ (1997) ressalta que a origem do problema está na incapacidade das pessoas em lidar

¹⁶ Sociólogo francês, considerado o fundador da sociologia do cotidiano e conhecido por suas análises sobre a pós-modernidade, o imaginário e sobretudo, pela popularização do conceito de tribo urbana.

¹⁷ Educador e psicólogo francês, doutor em psicologia pela Universidade de Paris, autor de cerca de 40 livros. Foi um dos responsáveis pela regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil.

com o excesso de informação, e não, obrigatoriamente, na quantidade de informação hoje disponível.

De acordo com dados do Comitê Gestor de Internet no Brasil (2009), desde o momento da democratização da internet as taxas de crescimento foram altas no Brasil. Nos últimos anos a internet estava em torno dos 20%. Isso significa que os principais indicadores referentes às atividades dos brasileiros via rede mostraram uma taxa de crescimento em torno de 17% ao ano.

Em 2008, quase metade dos brasileiros já haviam tido acesso à rede de alguma forma. O crescimento dos que tem acesso à rede em banca larga é maior do que os que têm acesso à linha discada. Isso mostra uma migração para a conexão permanente principalmente nos grandes centros. Há com isso uma mudança de postura, quando o internauta deixa de se preocupar com o tempo de acesso à rede e passa a ser uma presença constante. 16% dos internautas já usaram a rede para fazer algum tipo de transação comercial. (Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009)

A participação do governo através de ferramentas que permitem acesso a serviços e sistemas via rede é outro ponto importante, podemos citar como exemplo, a entrega de Imposto de renda pela internet.

Vivemos uma nova era, em que todas as atividades relacionadas com a manipulação, edição, armazenamento, distribuição e recuperação da informação, assim como todas as formas de trabalho que lidem diretamente com dados textuais, simbólicos, numéricos, visuais e até mesmo auditivos, precisam adequar-se à forma digital.

Por vivermos nessa era da informatização, em que quase todas as funções e atividades humanas acabam sendo incorporadas ao computador, não é surpresa que o livro também tenha de se adaptar a esse contexto e, dessa forma, satisfazer as suas decorrentes necessidades. A princípio, parece assustadora a idéia de que o livro, tal qual o conhecemos, possa ser extinto, principalmente porque ele ainda faz parte da nossa cultura, do nosso cotidiano.

Para Chartier (1999), deixaremos de ter a presença física do livro para termos a imaterialidade da leitura na tela.

E para Belo (2002) o que antes só podia ser encontrado e conseqüentemente lido na forma impressa, agora, também existe na versão

eletrônica, portanto pode ser lido na tela do computador ou suporte específico de leitura.

Com a digitalização crescente de textos e imagens, artigos, jornais, revistas ou livros inteiros, o que anteriormente apenas podia ser lido na forma impressa pode agora, complementarmente ou alternativa, ser lido numa tela de computador, seja pela internet, em um CD-ROM, ou em outro aparelho que permita a leitura em suporte digital (BELO, 2002, p,18).

1.5 Autor e autoria

De acordo com Martins (1998), Chartier (1999) e Febvre e Martin (2000), o ofício de autor, aquele que aufer lucros pela venda de exemplares de sua obra escrita, só passou a ser reconhecido a partir do século XVIII.

Hoje a figura do autor é uma realidade e está incorporada aos nossos costumes, mas levou muito tempo para ser concebida e admitida, sobretudo antes do aparecimento da tipografia (Febvre e Martin, 2000).

Acrescenta Martins (1998, p.392):

Socialmente, o autor é o último elemento que aparece na história do livro. Quando isso ocorre, já as grandes bibliotecas tinham inscrito a sua existência no enorme tomo da humanidade; os manuscritos se haviam transformado em impressos; os tipógrafos célebres tinham conduzido a sua arte a um ponto extraordinário de perfeição. É estranho que apenas um personagem esteja faltando nessa verdadeira *commedia aell'arte* – o personagem sem o qual ela não poderia ter existido.

Antes do século XVIII, não havia o reconhecimento do autor pela sociedade. Ele não era um profissional, nem membro de uma corporação, era simplesmente um indivíduo. A antiguidade ignorava a idéia de direito autoral. “Muitos, até, acreditavam que seria vergonhoso ganhar dinheiro com a coisa escrita, mas não o era, contraditoriamente, o mecenato”. (Martins, 1998, p.393)

Para Canto¹⁸ (2008) em sua dissertação de mestrado, nesta época, o que existia eram os privilégios, ou seja, concessões peculiar e particular. Para

¹⁸ Bacharel em Direito e Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, dissertação intitulada “Direitos Autorais: a circulação de obras artísticas no ciberespaço”.

gozar desses privilégios os autores dedicavam suas obras a bispos, reis, príncipes, duques ou outra figura poderosa, em busca de proteção.

Esse modelo de privilégios perdurou durante três séculos, e era assim que, durante um determinado prazo, os autores conseguiam manter uma certa exclusividade na exploração de suas próprias criações. A luta de autores pelo direito de dispor na exploração de suas obras contra um privilégio real marca o aparecimento das modernas concepções sobre direitos autorais. Não foi uma luta fácil, pois confundia-se com a própria luta pela liberdade de expressão (CANTO, 2008, p.24 e 25).

Ainda segundo Canto (2008), o primeiro grande privilégio real, em nossa língua, foi concedido a Luis de Camões¹⁹ no século XVI, para a impressão de *Os Lusíadas* (1997:39):

Que eu hei por bem e me praz dar licença a Luiz Camões para que possa fazer imprimir, nesta cidade de Lisboa, uma obra em oitava rima chamada *Os Lusíadas*, e isto com privilégio para que, em tempo de dez anos que se começarão do dia que se a dita obra acabar de imprimir em diante, se não possa imprimir nem vender em reinos e senhorios, nem trazer a eles de fora, nem levar às ditas partes da Índia para se vender sem licença do dito Luís de Camões ou da pessoa que para isso seu pode tiver, sob pena de quem o contrário fizer pagar cinqüenta cruzados e perder os volumes que imprimir, ou vender, a metade para o dito Luís de Camões, e a outra metade para quem os acusar.

A Inglaterra foi o primeiro país a abrir caminho para a propriedade literária. Na visão de Febvre e Martin (2000, p.223):

Em 1710, novos estatutos outorgados pela rainha Ana vêm regulamentar a questão no plano jurídico: doravante, a posse do copyright é concedida ao autor e não já ao livreiro; é, portanto, a partir de então, o autor que manda inscrever a sua obra no registro oficial e é considerado seu proprietário.

Nessa perspectiva, os impressores e livreiros podiam continuar imprimindo obras, mas deveria adquiri-las de seus autores através de um contrato: durante quatorze anos, a contar pela data da primeira publicação, expirando o primeiro prazo, caso o autor ainda fosse vivo, renovava-se por mais quatorze anos. A partir desse momento, autores passam a receber dos livreiros.

¹⁹ Considerado o maior poeta de língua portuguesa e da humanidade.

Isso representa, na Inglaterra, o fim dos privilégios e um significativo avanço na regulamentação dos direitos autorais.

A questão do direito dos autores sobre suas obras, foi evoluindo ao longo do tempo. No ano de 1886 surgiram as primeiras diretrizes para a regulação ampla dos direitos autorais. Representantes de vários países se reuniram na cidade de Berna para definir padrões mínimos de proteção dos direitos a serem concedidos aos autores de obras literárias, artísticas e científicas. Na ocasião, o Brasil firmou um tratado na Convenção de Berna, na Suíça.

Durante um longo período foi a Lei nº 5.988, de 14 de dezembro de 1973, que vigorou no Brasil. Em 1988 foi promulgada a Constituição Federal, no Título II, capítulo I, Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos:

Artigo 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

XXVII – Aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação, reprodução de suas obras, transmissíveis aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar;

XXVIII – São assegurados nos termos da lei:

a) a proteção às participações individuais em obras coletivas e a reprodução da imagem e a voz humanas, inclusive nas atividades desportivas;

b) o direito de fiscalização do aproveitamento econômico das obras que criam ou de participarem aos criados, aos intérpretes e às respectivas representações sindicais e associativas.

Em virtude das inovações tecnológicas do nosso tempo, foi criada a Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, visando garantir os direitos do autor.

Na visão de Canto (2008, p.31), “a lei tornou mais clara a relação entre empresas e autores, ampliou o conceito de livro, protegendo versões da obra em meios eletrônicos e criou mecanismos para recolher direitos reprográficos e combater cópias ilícitas, dentre outros pontos inovadores”.

É importante salientar, segundo Leão²⁰ (2001, p. 42) que:

O conceito de autoria é bastante complicado quando se fala em hipermídia. Em geral, na elaboração de um aplicativo para CD-ROM costumam trabalhar equipes numerosas. Além disso, na hipermídia mais vivaz, a que se realiza em redes como a internet, temos um

²⁰Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós doutorado em Artes pela UNICAMP, Doutora e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Autora de vários livros entre eles: “O chip e o caleidoscópio” e “A estética do labirinto”.

exemplo em que o termo “autoria” só pode ser utilizado com respeito a *sites* específicos. Vale lembrar que a Web, em cada nó da rede estamos conectados com um ponto desenvolvido por uma equipe, e podemos no instante seguinte estar em outro ponto desenvolvido por uma outra equipe e assim consecutivamente. Alguns pensadores já chegaram a afirmar que a hipermídia representa o fim da era da autoria individual.

Leão (2008, p.43) ao citar Joyce²¹ (1995, p.235) conclui: “(...) os textos eletrônicos se apresentam por intermédio de dissoluções. Eles são lidos onde são escritos e eles são escritos ao serem lidos”.

²¹ Autor da obra *Of two minds: hypertext pedagogy and poetics*.

2 LEITURA E LINGUAGEM

Nesta parte, discuti-se leitura e linguagem. Começa-se conceituando e descrevendo os usos e as formas da linguagem; depois realiza-se reflexões sobre a presença, evolução, tempo, capacidade, velocidade e disponibilidade de leitura e, finalmente, chega-se aos tipos de leitores: comum, especializado, crítico e o novo leitor. Usa-se, portanto, os seguintes autores: Lyons (1981), Kristeva (1969), Filho (1992), Belo (2008), Chartier (1994), Chartier (1999), Santaella (2006), Briggs e Burke (2006), Manguel (2001).

De acordo com Manguel²² (2001), em 1865 dois cientistas franceses (Michael Dax e Paul Haytham) sugeriram que a maior parte da humanidade, em consequência de um processo genético que começa na concepção, nasce com um hemisfério cerebral esquerdo que se tornará parte dominante do cérebro para codificar e decodificar a linguagem; no caso dos canhotos, que é uma quantidade menor, desenvolve essa função no hemisfério direito. Mas nem o hemisfério esquerdo, nem o direito atuarão como codificador e decodificador enquanto a pessoa não for exposta efetivamente à linguagem.

Manguel (2001) usa as palavras do professor André Roch Lecours, do hospital Côté-des-Neiges, em Montreal, para afirmar que:

(...) a exposição somente à linguagem oral pode não ser suficiente para que algum dos hemisférios desenvolva plenamente as funções da linguagem; para que nosso cérebro permita esse desenvolvimento, talvez devamos ser ensinados a reconhecer um sistema compartilhado de signos visuais. Em outras palavras precisamos aprender a ler.

2.1 Conceitos, usos, formas da linguagem

O que é Linguagem? Esta é uma questão bastante discutida e respondida por lingüistas de todos os tempos. Lyons (1981) mostra que não é difícil encontrar definições de linguagem, e para isso faz referência a alguns lingüistas que ao longo do tempo se ocuparam desta questão.

²²Naturalizado cidadão canadense, é ensaísta, organizador de antologias, tradutor, editor e romancista, respeitado internacionalmente nas diversas áreas em que atua. Autor do romance “Stevenson sob as palmeiras” e os ensaios de “No bosque do espelho”.

Lyons²³ (1981, p. 17 e 18):

- Conforme Sapir (1929:8) “A linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem idéias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos”.

- Em seu *Essay on Language*, Hall (1968:158) nos diz que a linguagem é “a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados”.

Sendo assim, definimos a linguagem como um processo mental de manifestação do pensamento e de natureza essencialmente consciente, significativa e orientada para o contato interpessoal. Ela diz respeito a um sistema constituído por elementos que podem ser representados por gestos, sinais, sons, símbolos ou palavras, que, por sua vez, são usados para representar conceitos de comunicação, idéias, significados e pensamentos.

Acrescenta Kristeva²⁴ (1969, p.17):

se a linguagem é a matéria do pensamento, é também o próprio elemento da comunicação social. Não há sociedade sem linguagem, tal como não há sociedade sem comunicação. Tudo o que se produz como linguagem tem lugar na troca social para ser comunicado. A pergunta clássica: Qual é a função primeira da linguagem: a de produzir um pensamento ou a de comunicar? Não tem nenhum fundamento objetivo. A linguagem é tudo isso simultaneamente, e não pode existir uma destas funções sem a outra.

A linguagem pode ser classificada em:

- a) linguagem verbal: aquela que tem por unidade a palavra;
- b) linguagem não-verbal: tem outros tipos de unidades, como gestos, o movimento, imagem entre outros;
- c) linguagem mista: como as histórias em quadrinhos, o cinema e a televisão que utilizam a imagem e a palavra.

²³ Lingüista britânico, autor de diversas obras na área, entre eles: “O que é linguagem? Introdução ao pensamento de Noam Chomsky” e “Linguagem e Lingüística - Uma introdução”.

²⁴ Filósofa búlgaro-francesa, crítica literária, psicanalista, feminista e romancista. Sua imensa massa de trabalho inclui livros e ensaios que abordam a intertextualidade e a semiótica, nas áreas de lingüística, teoria e crítica literária, psicanálise, biografia e autobiografia, análise política e cultural, arte e história da arte.

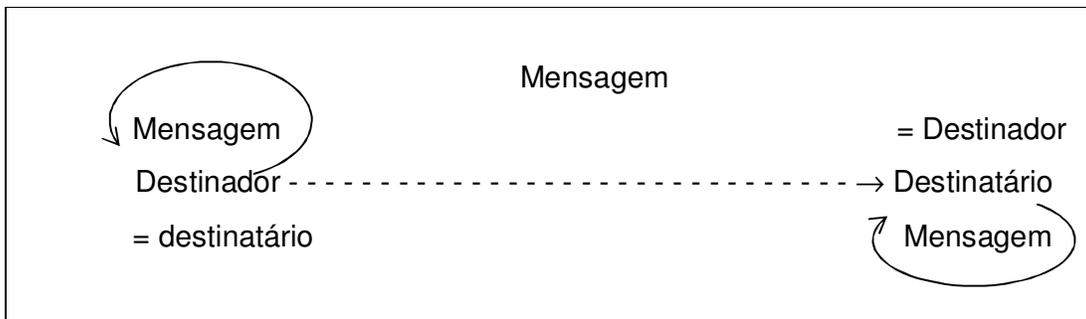
Podemos dizer, de acordo com Kristeva (1969) que a linguagem é um processo de comunicação de uma mensagem. Nesta aceção, podemos representar a interlocução da seguinte forma:



Mas, não podemos esquecer Kristeva (1969) que:

cada sujeito falante é simultaneamente o destinator e o destinatário da sua própria mensagem, visto que é capaz de ao mesmo tempo emitir uma mensagem decifrando-a, e em princípio não emite nada que não possa decifrar. Assim, a mensagem destinada ao outro é, um certo sentido, destinada em primeiro lugar ao mesmo que fala: donde se conclui que falar é falar-se.

Então a representação correta da interlocução é:



Não se devem confundir os conceitos de linguagem e de código. A primeira diz respeito à capacidade ou faculdade de exercitar a comunicação, latente, ou em ação ou ainda em exercício, já a última refere-se a um conjunto de palavras e expressões usadas por um povo, por uma nação, munido de regras próprias.

Lotman²⁵ (1975) afirma que a linguagem é todo sistema de comunicação que utiliza signos organizados de modo particular.

²⁵ Fundador da Escola de Semiótica da Cultura de Tartu, deu importante contribuição à tradutologia e a definição do conceito de “traduzibilidade” do ponto de vista da semiótica.

Na visão de Proença Filho²⁶ (1992), para compreender o conceito elaborado por Lotman, se faz necessário definir sistema, comunicação e signo. Sendo assim, usaremos as explanações de Proença Filho (1992, p. 18 e 19):

Sistema é um conjunto organizado. Dizer organizado pressupõe princípios organizatórios que conferem singularidade ao conjunto. Diante das múltiplas modalidades de linguagem, cumpre, pois, conhecer esses princípios, se desejarmos dela nos assenhorear e assegurar a eficácia da comunicação que por seu intermédio se processa.

Por comunicação compreende-se, ainda em sentido restrito, a troca de mensagens ou informações entre seres humanos. Se se pensa na etimologia da palavra, pode ser entendida como faculdade que o homem tem de tornar comum a outrem seus pensamentos, sentimentos e desejos e as coisas do mundo que o cercam. Em sentido amplo, envolve também a realidade técnica da relação entre o homem e as máquinas (por exemplo, os computadores) e das máquinas entre si, além de estender-se ao mundo animal e aos sistemas próprios do interior do indivíduo, como, por exemplo, os sinais transmitidos pelos feixes de nervos do organismo.

Signo é outro termo de conceituação ampla e complexa, mas, de maneira geral, e em sentido lato, pode ser entendido, a partir de Charles Sanders Peirce, como qualquer elemento que, sob certos aspectos e em certa medida representa outra.

De acordo com a teoria de Peirce²⁷ existem três modalidades de signos:

1) *O ícone* – que mantém uma relação de proximidade entre signo e objeto, uma proximidade muito grande entre aquilo que o objeto representa e a realidade em si. Exemplos: uma fotografia, um desenho de uma árvore.

2) *O índice* – mantém relação direta com o objeto. Exemplo: Há fumo, logo há fogo.

3) *O símbolo* – estabelece, de forma aleatória, uma relação convencional entre signo e objeto. Exemplo: o termo cadeira.

Foi Jakobson que introduziu o conceito das funções da linguagem, que são:

1- *Emotiva ou expressiva* - a mensagem centra-se no "eu" do emissor, é carregada de subjectividade. Ligada a esta função está, por norma, a poesia lírica.

²⁶ Doutor em Letras e livre-docente em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina. Titular de Literatura Brasileira e professor emérito da Universidade Federal Fluminense.

²⁷ Fundador do Pragmatismo e da Ciência dos Signos, a Semiótica. Além de matemático, físico e astrônomo.

2- *Função apelativa ou imperativa* - com este tipo de mensagem, o emissor atua sobre o receptor, afim de que este assuma determinado comportamento; há frequente uso do vocativo e do imperativo. Esta função da linguagem é frequentemente usada por oradores e agentes de publicidade.

3- *Função metalinguística* - função usada quando a língua explica a própria linguagem (exemplo: quando, na análise de um texto, investigamos os seus aspectos morfo-sintácticos e/ou semânticos).

4- *Função informativa ou referencial* - função usada quando o emissor informa objectivamente o receptor de uma realidade, ou acontecimento.

5- *Função fática* - pretende conseguir e manter a atenção dos interlocutores, muito usada em discursos políticos e textos publicitários (centra-se no canal de comunicação). Exemplos: “Alô!”, “Estão me entendendo?”, “Certo?”.

6- *Função poética ou fantástica* - embeleza, enriquecendo a mensagem com figuras de estilo, palavras belas, expressivas, ritmos agradáveis, sobretudo em obras literárias.

2.2 A presença, evolução, tempo da leitura

A história do livro está atrelada à história do leitor e suas formas de leitura. Na antiguidade a leitura era feita em voz alta, era predominantemente um ato sonoro e coletivo, as pessoas se reuniam em praças, locais públicos para ouvir a leitura. Para Belo (2008, p. 26):

Os rolos, chamados, em latim, *volumen*, eram lidos horizontalmente, da esquerda para a direita. A sua forma pressupunha uma postura do leitor radicalmente diferente daquela que hoje nos é familiar: as duas mãos ficavam ocupadas com a tarefa de desenrolar e segurar o rolo; a porção de texto visível a cada momento de leitura era relativamente pequena e a operação de avançar ou recuar no texto para lembrar certas frases ou comparar trechos distantes não era cômoda.

O formato do volumen, em rolo, não permitia que o leitor fizesse anotações as margens do livro, ao mesmo tempo em que lia. Ou o leitor escrevia ou lia, uma vez que, era necessário segurá-lo com as duas mãos.

A leitura antiga é leitura de uma forma de livro que não tem nada de semelhante com o livro tal como o conhecemos, tal como conhecia Gutenberg e tal como conheciam os homens da Idade Média. Este livro é de rolo, uma longa faixa de papiro ou de pergaminho que o leitor deve segurar com as duas mãos para poder desenrolá-lo. Ele faz aparecer trechos distribuídos em colunas. Assim, um autor não pode escrever ao mesmo tempo que lê. Ou bem lê, e suas duas mãos são mobilizadas para segurar o rolo, e neste caso, ele só pode ditar a um escriba suas reflexões, notas, ou aquilo que lhe inspira. Ou bem ele escreve durante sua leitura, mas então ele necessariamente fechou o rolo e não lê mais.

Para Chartier (1994, p. 16), a leitura em voz alta tinha duas funções: “comunicar o texto aos que não o sabem decifrar, mas também cimentar as formas de sociabilidade imbricadas igualmente em símbolos de privacidade – a intimidade familiar, a convivência mundana, a convivência letrada”.

A leitura em voz alta permaneceu forte no meios populares durante muito tempo. A leitura era feita de um número pequeno de obras, em geral romances, contos populares e poemas.

Quando o códice se consolidou, sobretudo depois da invenção da imprensa, apoiada na idéia de Eisenstein (1998/1979) *in* Belo (2008, p. 23): “(...) ela multiplicou o número de textos em circulação, tornou mais baratos e acessíveis, permitiu a cada leitor ler mais obras e a cada obra chegar a mais leitores”, ele trouxe consigo uma série de novos hábitos intelectuais e posturas corporais. Neste momento o leitor ficava mais livre para manusear e fazer apontamentos durante a leitura.

Com a invenção da imprensa, os livros impressos possibilitaram a leitura silenciosa, em particular, individual, solitária. Santaella²⁸ (2006, p.23) define como:

(...) leitura individual, solitária, de foro privado, silenciosa, leitura de números textos, lidos em relação de intimidade, silenciosa e individualmente; leitura laicizada em que as ocasiões de ler foram cada vez mais se emancipando das celebrações religiosas, eclesiásticas ou familiares.

²⁸ Professora titular no programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e livre docente em Ciências da Comunicação pela USP. Autora de vários livros, entre eles “Corpo e comunicação e culturas e artes do pós-humano”.

Esse tipo de leitura, ainda segundo a autora (2006, p. 23):

(...) nasce da relação íntima entre leitor e o livro, leitura do manuseio, da intimidade, em retiro voluntário, num espaço retirado e privado, que tem na biblioteca seu lugar de recolhimento.

Pois o lugar de leitura acrescenta Chartier (1999), deveria ser separado dos lugares de divertimento mundano como os lugares que se podia beber, conversar e jogar.

Na visão de Manguel (1997, p.67 e 68):

(...) com a leitura silenciosa, o leitor podia ao menos estabelecer uma relação sem restrições com o livro e as palavras. As palavras não precisam mais ocupar o tempo exigido para pronunciá-las. Podiam existir em um espaço interior, passando rapidamente ou apenas se insinuando plenamente decifradas ou ditas pela metade, enquanto os pensamentos do leitor as inspecionavam à vontade, retirando novas noções delas, permitindo comparações de memória com outros livros deixados abertos para consulta simultânea. O leitor tinha tempo para considerar e reconsiderar às preciosas palavras cujos sons – ele sabia agora – podiam ecoar tanto dentro como fora. E o próprio texto, protegido de estranhos por suas capas, tornava-se posse de leitor, conhecimento íntimo do leitor, fosse na azáfama do scriptorium, no mercado ou em casa.

Da leitura silenciosa veio a intensiva e extensiva. O leitor intensivo é aquele que lê e relê o mesmo texto ou livro várias vezes. Já o leitor extensivo é aquele que lê a maior quantidade possível de livros, independente do gênero, pois tinha a sua disposição um número muito grande de obras para se apropriar, comparar e fundar a partir de seus comentários e novos textos.

Na visão de Belo (2008, p. 60), a leitura extensiva:

caracterizou-se por um grande aumento da quantidade dos textos e livros lidos por cada leitor, uma espécie de “raiva da leitura” (em alemão *Lesewut*), à qual nenhum texto publicado, fosse ele de que tipo fosse, escapava. À leitura “extensiva” contrapõe-se a leitura “intensiva”: ela consiste na leitura regular e sempre recomeçada de um texto apenas ou de uma quantidade pequena de livros, como é o caso da leitura da *Bíblia* ou das citadas leituras de Menocchio.

A leitura silenciosa, com os olhos, se dedicava a uma gama maior de assuntos, em especiais os científicos e os filosóficos, era praticado na sua maioria por um seleto grupo de leitores.

Cabe ressaltar que a história do livro/escrita/leitura está atrelada à censura. De acordo com Chartier (1999) antes de o autor ter seu direito reconhecido por suas obras, a primeira afirmação da sua identidade esteve ligada à censura e à interdição de textos considerados subversivos tanto pelo alto clero quanto pelas autoridades políticas.

Os textos considerados subversivos eram destruídos e seus autores, editores e leitores eram perseguidos e condenados. Assim acreditavam que estavam erradicando para sempre suas idéias.

As perseguições são como que o reverso das proteções, privilégios, recompensas ou pensões concedidas pelos poderes eclesiásticos e pelos príncipes. O espetáculo público do castigo inverte a cena da dedicatória. A fogueira em que são lançados os maus livros constitui a figura invertida da biblioteca encarregada de proteger e preservar o patrimônio textual. Dos autos-de-fé da Inquisição às obras queimadas pelos nazis, a pulsão de destruição obcecou por muito tempo os poderes opressores que, destruindo os livros e, com frequência, seus autores, pensavam erradicar para sempre suas idéias. A força do escrito é de ter tornado tragicamente derrisória esta negra vontade (CHARTIER, 1999, p. 23).

Briggs e Burke²⁹ (2006) relatam como exemplos dois trabalhadores, no final do século XVI, na Venezuela, foram denunciados à Inquisição, um porque lia o tempo do trabalho todo, e o outro porque ficava acordado a noite inteira lendo.

De maneira semelhante, tanto nesta época como posteriormente, autoridades seculares consideravam a leitura sem supervisão como atividade subversiva. Em particular, a leitura de jornais era vista como forma de encorajar pessoas comuns a criticar o governo (Briggs e Burke, 2006, p.98).

²⁹ Briggs foi fundador do Worcester College, da Universidade de Oxford, e atualmente ocupa a reitoria da Universidade Aberta britânica. É autor de diversos livros sobre radiodifusão. Bruke é professor de história da cultura na Universidade de Cambridge e membro do Emmanuel College, da mesma universidade. Escreveu entre outros “Uma história social do conhecimento” e “O que é história cultural?”

Ainda segundo Briggs & Burke (2006), os romances também não eram bem vistos por alguns homens, eles acreditavam que os romances tinham o poder de despertar nas mulheres, emoções perigosas como o amor. Outras achavam que as mulheres não deviam aprender a ler, pois poderiam receber e ler cartas de amor. Existiam também aqueles que defendiam a idéia de que as mulheres podiam ler um pouco, desde que fosse a Bíblia ou livros religiosos. Tinha ainda os que afirmavam que elas pertencentes a classe alta podiam ler os clássicos.

Porém, argumenta Briggs e Bruke (2006, p. 68):

Várias fontes mostram que, na prática, os mais variados tipos de mulheres liam os mais diversos tipos de livros, apesar das críticas. Na Espanha, por exemplo, santa Teresa de Ávila (1512-82) descrevia seu entusiasmo juvenil por romances de cavalaria. Algumas evidências vêm não de autobiografias, mas de retratos, nos quais mulheres eram representadas muitas vezes com livros de poesia nas mãos.

O tempo passou, a censura ficou no passado, a leitura foi se popularizando e se tornando um hábito comum na vida das pessoas. E hoje, na pós-modernidade, em plena era da comunicação e informação, temos o leitor que lê na tela, seja do computador ou dispositivo de leitura adequado. Alguns autores afirmam ter a impressão de estarmos voltando ao passado, isso porque o texto novamente está rolando, não através do *volumen*, mas, agora, pela tela e como auxiliar a barra de rolagem. Santaella (2007) classifica esse novo leitor como imersivo. (essa questão será desdobrada mais a frente).

Chartier (1999) compara o leitor contemporâneo, que faz leitura na tela, ao leitor da antiguidade, do livro de rolo, mostra as semelhanças e diferenças:

O leitor da tela assemelha-se ao leitor da Antiguidade: o texto que ele lê corre diante de seus olhos; é claro, ele não flui tal como o texto de um livro em rolo, que era preciso desdobrar horizontalmente, já que agora ele corre verticalmente. De um lado, ele é como o leitor medieval ou leitor do livro impresso, que pode utilizar referências como a paginação, o índice, o recorte do texto. Ele é simultaneamente esses dois leitores. Ao mesmo tempo, é mais livre. O texto eletrônico lhe permite maior distância com relação ao escrito. Neste sentido, a tela aparece como o ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo. O leitor do livro em forma de códex coloca-o diante de si sobre uma mesa, vira suas páginas ou então o segura quando o formato é menor e cabe nas mãos. O texto eletrônico torna possível uma relação muito mais distanciada, não corporal (CHARTIER, 1999, p. 13).

2.3 Livro e a construção do leitor

É no âmbito da leitura que podemos estabelecer uma relação comunicativa que nos leva à conclusão de que para se escrever é necessário ler. Sem muitas explicitações, dizemos que o que se apreende das articulações inter e transtextuais da própria elaboração da escrita valerá dizer que, para melhor se compreender a leitura, é necessário ler de forma criativa, não necessariamente literal, atendendo-se aos níveis de ensino, bem como dessa leitura é necessário que resulte uma técnica de escrita que leve os alunos a compreender que quando escrevem aplicam determinadas estratégias metacognitivas no sentido de consciencializar os seus métodos de leitura e escrita.

Nesse sentido, "leitura para escrever o livro" poderia sugerir até enquanto tarefa dada ao indivíduo que este pode também escrever o seu livro, metaforicamente falando da escrita como resultado de um auto-conhecimento. A escrita deveria acontecer naturalmente, independente de nível de ensino. O indivíduo deveria ser competente/comunicativo ao exteriorizar suas idéias através da escrita. Já, o Livro deixaria de ser visto como (e com ele a leitura) o "parente pobre dos meios de comunicação", como bem vê José de Almeida Moura e, como diz o mesmo investigador, leitura seria o alimento do espírito à maneira dos antigos. Assim a escrita que, "numa educação salutar desejável" pode ser pela leitura correta criação/recriação empenhada do indivíduo na vida pessoal e social. As relações entre o livro, a leitura e leitor como autor são assim, para o indivíduo infinitas.

Além disso, a escrita traz, ainda, uma nova perspectiva na história do homem. Isso, conseqüentemente, cria novos espaços e seus anseios o conduz a uma leitura do mundo que proporcionando-lhe um universo segundo o seu mapeamento cognitivo que mais não é – e é muito – configuração do livro. Da leitura à escrita é o mesmo desejo de reconstruir um mundo de realizações e interpretações que a escrita produz. A escrita é a concretização dos pensamentos, que agora são expostos explicitamente através da palavra.

Assim temos que pensar que a linguagem já foi aceita como o meio mais eficiente para interferir na vida interior dos outros e com a descoberta da escrita, ela se torna completa.

E, por meio da leitura, estabelece-se um processo de comunicação, uma relação entre leitor e autor que é concebida como responsabilidade mútua, apesar de divergências possíveis entre objetivos e opiniões.

2.4 Tipos de leitores: comum, especializado, crítico. O novo leitor: imersivo, interativo, lúdico

Santaella (2007) amplia o conceito de leitor ao afirmar a existência de uma multiplicidade de tipos de leitores. Ela os define e os caracteriza:

Há, assim, o leitor de imagem, no desenho, pintura gravura, fotografia. Há o leitor de jornal, de revista. Há o leitor de gráficos, mapas, sistemas de notações. Há o leitor de cidade, leitor da miríade de signos, símbolos e sinais em que se converteu a cidade moderna, a floresta de signos de que já falava Baudelaire. Há o leitor-espectador da imagem em movimento, no cinema, televisão e vídeo. A essa multiplicidade, mais recentemente veio somar o leitor das imagens evanescentes da computação gráfica e o leitor do texto escrito que, do papel, saltou para a superfície das telas eletrônicas. Na mesma linha de continuidade, mas em nível de complexidade ainda maior, hoje, esse leitor de telas eletrônicas está transitando pelas infovias das redes, constituindo-se em um novo tipo de leitor que navega nas arquiteturas líquidas e alineares da hipermídia no ciberespaço (SANTAELLA, 2007, p.18).

Da multiplicidade de leitores elencados por Santaella (2007), tendo por base o critério classificatório estabelecido em função dos perfis cognitivos que se busca delinear, ela delimita três tipos de leitores: o leitor contemplativo, o leitor movente e o leitor imersivo. Mostraremos de forma sintetizada os dois primeiros tipos de leitores, mas desdobraremos com maior cuidado o terceiro tipo, por entendermos que esse último é o leitor da hipermídia, do livro eletrônico que é o nosso objeto de estudo.

O leitor contemplativo nasce no Renascimento e perdura até meados do século XIX. Ele é meditativo da idade pré-industrial, é da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa.

E para Santaella (2007) a leitura de livro é essencialmente contemplativa e ruminativa, leitura que pode voltar às páginas, repetidas vezes, que pode ser

suspensa imaginativamente para a meditação de um leitor solitário e concentrado.

O leitor contemplativo tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis. São eles livros, pinturas, gravuras, mapas e partituras. Um mesmo livro pode ser lido várias vezes, um quadro pode ser visto tanto quanto possível, pois são objetos imóveis, é o leitor que os procura, escolhe-os e delibera sobre o tempo que o desejo lhe faz dispensar a eles.

Embora a leitura da escrita de um livro seja seqüencial, a solidez do objeto livro permite idas e vindas, retornos, re-significações. Um livro, um quadro exigem do leitor a lentidão de uma dedicação em que o tempo não conta (SANTAELLA, 2007, p. 24).

Esse leitor não sofre, não é acossado pelas urgências do tempo. Um leitor que contempla e medita. Entre os sentidos, a visão reina soberana, contemplada pelo sentido interior da imaginação.

Já o leitor movente é o do mundo em movimento, dinâmico, mundo híbrido, de misturas sígnicas. Nasceu da revolução industrial e do surgimento dos grandes centros urbanos. Ele se junta a explosão do jornal e ao universo reprodutivo da fotografia e do cinema, atravessa não só a era industrial, mas mantém suas características básicas quando se dá o advento da revolução eletrônica, era do apogeu da televisão: imagens, ruídos, sons, falas, movimentos e ritmos na tela se confundem e se mesclam com situações vividas. (SANTAELLA, 2007)

Os meios de reprodução evoluíram, tanto na escrita quanto na imagem com a fotografia. Assim, as cidades começam a ser povoadas de signos, numa profusão de sinais e mensagens para serem vistos e codificados na velocidade.

É o leitor que foi se ajustando a novos ritmos da atenção, ritmos que passam com igual velocidade de um estado fixo para o móvel. É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais. É, enfim, o leitor apressado de linguagem efêmera, híbridas, misturadas. Mistura que está no cerne do jornal, primeiro grande rival do livro. A impressão mecânica aliada ao telégrafo e à fotografia gerou essa linguagem híbrida, a do jornal, testemunha do cotidiano, fadada a durar o tempo exato daquilo que noticia. Aparece assim, com o jornal, o leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil. Um leitor que precisa esquecer, pelo excesso de estímulos, e na falta de tempo para retê-los. Um leitor de fragmentos, leitor de tiras de jornal e fatias de realidade (SANTAELLA, 2007, p.29).

Analisa a autora:

O leitor do livro, meditativo, observador ancorado, leitor sem urgências, provido de férteis faculdades imaginativas, aprende assim a conviver com o leitor movente; leitor de direções, traços, cores, leitor de luzes que se acendem e se apagam; leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo (SANTAELLA, 2007, p. 30).

O leitor imersivo seria aquele que começa a emergir nos novos espaços incorpóreos da realidade. Esse leitor nasce com a chamada “era digital” na entrada do século XXI. É um leitor que navega pelo ciberespaço, que está sempre conectado a hipermídia, que lê textos eletrônicos na tela.

Para Santaella (2007, p. 32) “diferente do leitor do livro, que tem diante de si um objeto manipulável, a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido não é mais manuseada diretamente, imediatamente pelo leitor imersivo”.

Para Chartier (1998, p.100), “a revolução do texto eletrônico será também uma revolução da leitura”. Os hábitos tradicionais se alteram em função das novas relações com a escrita que nascem dos novos suportes e formas que a transmitem. Toda representação mental e operação intelectual ligada à materialidade do livro sofrerão transformações, quando apartadas deste suporte. Diferentes possibilidades de leitura surgem com o texto digital, modificando-se as significações históricas constituídas a partir da concretude do livro.

Na visão do autor a estrutura organizacional de um texto na tela não é igual ou parecido com o livro manuscrito ou impresso da antiguidade, da idade média, da modernidade e nem contemporâneo. As várias possibilidades que o leitor dispõe para valer-se deste vasto material eletrônico é um indicativo de que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte do escrito modificando assim a maneira de ler.

(...) a inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defronta o leitor do livro em rolo na Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo seqüencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra,

no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler (CHARTIER, 1999, p.12 e13).

Santaella (2007) afirma que a leitura na tela é uma maneira nova de ler, pois não existe um roteiro linear, ele é multilinear e multisseqüencial.

Trata-se de um modo inteiramente novo de ler, distinto não só do leitor contemplativo da linguagem impressa, mas também do leitor movente, pois não se trata mais de um leitor que tropeça, esbarra em signos físicos, materiais, como é o caso desse segundo tipo de leitor, mas de um leitor que navega numa tela, programando leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que leva a eles. Não é mais um leitor contemplativo que segue as seqüências de um texto, irando páginas, manuseando volumes, percorrendo com passos lentos a biblioteca, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multisseqüencial e labiríntico que ele que próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo etc (SANTAELLA, 2007, p. 33).

O leitor imersivo se caracteriza em três níveis: 1º nível: internauta errante, aquele que navega sem rumo pré-determinado, usa o instinto, não traz consigo o suporte da memória, pois navega como quem percorre territórios ainda desconhecidos e, por isso mesmo, surpreendentes; 2º nível: internauta dedutivo, aquele orientado pelas inferências indutivas, tem muita disciplina as trilhas dos índices de que os ambientes hipermidiáticos estão povoados; 3º nível: internauta previdente, aquele que é hábil no desenvolvimento das inferências dedutivas, já passou pelo processo de aprendizagem, adquiriu familiaridade com os ambientes informacionais e neles se movimentam seguindo a lógica da previsibilidade. (SANTAELLA, 2007)

O quadro a seguir mostra o perfil dos três níveis do leitor imersivo: errante, detetive e previdente.

INTERNAUTA	ERRANTE	DETETIVE	PREVIDENTE
INFERÊNCIA	Abdução	Indutivo	Dedutivo
LÓGICA DO	Plausível	Provável	Previsível
CAMPO DO	Possível	Contingente	Necessário
ATIVIDADE MENTAL	Entendimento	Busca	Elaboração
MEMÓRIA	Ausente	Operativa	Longa duração
ATIVIDADE	Exploração	Aleatória	Experimentação
EMPÍRICA	Aleatória	<i>Ad Hoc</i>	Combinatória
TIPO DE AÇÃO	Derivar sem rumo	Farejar indícios	Antecipar conseqüências
ORGANIZAÇÃO	Turbulência	Auto-organização	Ordem
TIPO DE EFEITO	Desorientação	Adaptação	Familiaridade
CARÁTER	Deambulador	Farejador	Antecipar

Quadro 1 - Leitor Imersivo: Níveis - (Santaella, 2007, p.179).

Para a autora, o ideal seria que o leitor imersivo fosse capaz de equilibrada as características dos três níveis de leitura imersiva:

Entretanto, a figura ideal do leitor imersivo deveria ser aquela capaz de ministrar de modo equilibrado os três níveis de leitura imersiva: o errante, o detetive, o previdente. O ideal é que esse leitor não se entregue às rotinas sem imaginação do previdente, mas se abra para as surpresas, entregue-se às errâncias para poder voltar a vestir a roupagem do detetive, farejando pistas. Por isso mesmo, as formas de criação em CD-Rom e a literatura na internet buscam propositalmente criar a desorientação. Uma desorientação provocativa para que o leitor não perca de vista sua posição de explorador, cúmplice e co-criador (SANTAELLA, 2007, p.180).

O novo leitor, no contexto comunicacional da hipermídia, lê, escuta e olha ao mesmo tempo. Ele precisa desenvolver novos modos de olhar, de ler e aprender com mais velocidade, saltando de um ponto a outro da informação, formando combinações estáveis e fugazes. (SANTAELLA, 2007)

3 O LIVRO ELETRÔNICO E SUAS CONCEPÇÕES: NOVA PROPOSTA

De acordo com Belo (2008), um dos campos da pesquisa histórica que mais cresceu foi sobre o da história do livro, tanto na Europa quanto na América Latina. Recentemente, a América Latina sofreu um aumento significativo na investigação deste campo de pesquisa: a prova disso são os grandes empreendimentos de histórias nacionais do livro, bibliografias e bases de dados, projetos interdisciplinares, colóquios, revistas, páginas na Internet e centros de pesquisa em história do livro.

É importante ressaltar, ainda segundo Belo (2008), que o aumento nos últimos anos no número de pesquisas nessa área é contemporâneo de fenômenos importantíssimos, o computador e a Internet, ambos modificadores das atividades relacionadas com o livro e afetando diretamente os processos: de escrita à edição; da venda à conservação; do direito autoral até os modos de ler:

Olhemos para o exemplo da produção de um livro: todos os gestos que, desde a invenção de Gutenberg, eram feitos artesanalmente numa mesma tipografia por um pequeno número de operários sofreram alterações radicais nos séculos XIX e XX. Os artesãos foram substituídos pelo trabalho e a força das máquinas e cada vez mais, pela inteligência do computador. Ao escrever o texto diretamente em computador, os autores estão fazendo eletronicamente aquilo que os compositores do século XVII faziam alinhando manualmente letras de metal em galés. Nas restantes fases da feitura de um livro, da paginação até à encadernação, ocorre também uma sucessão de processos eletrônicos, fotográficos e mecânicos envolvendo grandes meios técnicos e materiais que muitas vezes se distribuem por vários locais distantes entre si. Para além da tecnologia, a economia, a velocidade, a organização do trabalho, o número de pessoas envolvidas, os espaços físicos em que a produção do livro decorre mudaram radicalmente (BELO, 2008, p.18).

Apesar de todas essas transformações, do autor ao leitor, o objeto, o livro de hoje, ainda, é muito parecido com o que era produzido no século XVII, pois continua sendo constituído de capa, um conjunto de cadernos de papel ligados entre si, contendo um texto impresso com início e fim. A conclusão a que se chega é que a forma essencial do objeto livro não foi alterada, apesar dos processos de industrialização e informatização:

Porém, com a digitalização crescente de textos e imagens, artigos, jornais, revistas ou livros inteiros, o que anteriormente apenas podia ser lido na forma impressa pode agora, complementarmente ou em alternativa, ser lido numa tela de computador, seja pela Internet, em CD-ROM, ou em outro aparelho que permita a leitura em suporte digital (BELO, 2008, p.18).

Como vimos na primeira parte deste trabalho, o livro tal qual o conhecemos, com o passar do tempo foi se modificando, seja no formato, na técnica e no modo de reprodução, entre outros – de acordo com a época, a sociedade e as tecnologias disponíveis.

O quadro abaixo mostra, de forma resumida, a trajetória evolutiva pela qual o livro passou ao longo da nossa história.

A EVOLUÇÃO DO LIVRO			
<i>Antiguidade</i>	<i>Idade Média</i>	<i>Modernidade</i>	<i>Pós-modernidade</i>
Papiro (Volumem)	Pergaminho Manuscrito (Códex)	Livro Impresso (Códex)	Livro Eletrônico (Tela)

Quadro 2 – A Evolução do livro

Nas palavras de Febvre e Martin (1992, p.15), livro é o instrumento mais poderoso de que pode dispor uma civilização para concentrar o pensamento disperso de seus representantes e conferir-lhe toda a eficácia, difundindo-o rapidamente no tecido social, com um mínimo de custos e de dificuldades. Sua função primordial é "conferir (ao pensamento) um vigor centuplicado, uma coerência completamente nova e, por isso mesmo, um poder incomparável de penetração e de irradiação".

O quadro a seguir mostra a evolução tecnológica da cultura, considerando a década de 60, 80, os anos 2000 e uma suposta previsão para 2020. Comparamos a literatura, a música, o filme, a pesquisa e a comunicação, pessoal e social. Ao longo do tempo, os diversos setores da cultura passaram por um processo tecnológico de evolução.

A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DA CULTURA						
Gerações	Literatura	Música	Filme	Pesquisa	Comunicação	
					Pessoal	Social
- 60	Livro	Long play	Cinema	Biblioteca	Telefone	Rádio
-80	Livro	Cassete	Vídeo-cassete	Biblioteca	DDD	TV
2000	Livro/Blog	CD	DVD	Google	Celular	Micro
2020	e-book?	Pen drive?	You tube?	?	?	?

Quadro 3 - A Evolução Tecnológica da Cultura - elaborada pelo Professor Pedro Lyra na disciplina "Arte e representação social: A linguagem estética", do Programa de Mestrado em Cognição e linguagem do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, em 2008.

E importante frisar que o setor da cultura que nos interessa nessa pesquisa e que nós estamos tentando desdobrar, é a literatura: a evolução do livro.

De acordo com Lévy (1988, p.32):

(...) aprender, ensinar, informar-se, conceber, ler, escrever, comunicar através do som, da imagem ou da linguagem: a maioria das atividades cognitivas são potencialmente redefinidas pela nova tecnologia intelectual que é a informática.

O livro eletrônico parece uma evolução óbvia da mídia digital. Se a música se digitalizou, se a fotografia e o vídeo seguiram o mesmo caminho por que não os livros?

Para Lévy (1997), ao refletir sobre esse ponto, no que diz respeito ao papel dos autores e editores:

Inventar novas estruturas discursivas, descobrir as retóricas ainda desconhecidas do esquema dinâmico, do texto de geometria variável e da imagem animada, conceber ideografias nas quais as cores, o som e o movimento irão se associar para significar, estas são as tarefas que esperam os autores e editores do próximo século (LÉVY, 1997, p. 108).

Segundo Chartier (1999), a revolução que se vive hoje é mais importante do que a de Gutenberg, pois ela não somente modifica a técnica de reprodução do texto, mas também as estruturas e as próprias formas do suporte que o comunica aos leitores.

Levando por uma nova técnica e um novo suporte, o texto pode se oferecer às manipulações do leitor, cujas intervenções não serão reduzidas, como no caso do livro impresso, a insinuar uma escrita manuscrita nos espaços brancos deixados pela impressão tipográfica. Ao mesmo tempo, o fim do códex significará a perda de gestos e de representações indissolúvelmente ligadas ao livro tal como o conhecemos. Sob a forma que adquiriu no Ocidente desde os começos da era cristã, o livro foi uma das mais poderosas metáforas utilizadas para pensar o Cosmo, a natureza ou o corpo humano. Se vier a se apagar o objeto que forneceu a matriz desse repertório de imagens (poéticas, filosóficas, científicas), serão as referências e procedimentos que organizam a legibilidade do mundo, identificadas àquela de um livro em forma de códex, que se encontram profundamente alteradas (CHARTIER, 1999, p.92)

Com a transição do códex para tela, a transformação é mais radical, pois são os modos de organização, de estruturação, de consulta ao suporte do escrito que se modificam.

De acordo com Chartier (1999), ao refletir sobre esse ponto, no que diz respeito à revolução do texto eletrônico:

(...) será ela também uma revolução da leitura. Ler sobre a tela não é ler um códex. Se abre possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contigüidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais (CHARTIER, 1999, p. 101).

Mas o que é livro eletrônico? Ao se fazer uma pesquisa visando a conceituar livro eletrônico ou livro digital ou ainda *e-book*, é bastante comum achar a seguinte definição: *e-book* ou livro digital é, em síntese, um livro eletrônico para ser lido na tela do monitor do seu computador. Trata-se de uma versão eletrônica de um livro impresso. Esta versão tem a vantagem de além de permitir ao leitor uma perfeita visualização do conteúdo do livro oferecer diversos recursos adicionais, entre eles a interatividade na consulta.

Realmente, *e-book*, livro eletrônico e livro digital talvez possam ser conceituados como uma coisa só. Talvez também, pelo fato de os três usarem

o mesmo meio ou suporte eletrônico (o computador/leitor), ou ainda, quem sabe, pelo simples fato de a expressão *e-book* não ser portuguesa, livro eletrônico e livro digital seriam, assim, diferentes traduções da expressão inglesa. Diante disso, vamos adotar a denominação *livro eletrônico*.

Livro digital ou *e-book* é, em síntese, um livro eletrônico para ser lido na tela do monitor do seu computador ou qualquer aparelho eletrônico com dispositivo de leitura. Podemos citar como exemplos, telefone celular, palmtops e aparelhos de eletrônicos específicos para leitura com o Kindle da Amazon.

O livro eletrônico pode ser lido em microcomputadores das linhas PC ou Macintosh de forma muito simples. A leitura pode ocorrer a partir de um CD-Rom, de um DVD, de um *pen-drive* ou diretamente da Internet, isto é: depende da forma em que for gravado o conteúdo do livro. Para que se possa visualizar, ler e navegar pelo livro eletrônico no computador, faz-se necessário um programa ou *software* de leitura chamado Leitor/*Reader*, geralmente indicado pelo autor ou pela editora que está disponibilizando ou comercializando o livro eletrônico. O importante é que o usuário tenha total controle de “navegação” sobre o livro, podendo avançar e retornar páginas, aumentar ou diminuir a letra e usar um índice interativo. Como observa Lévy (1999), um modelo digital não é lido ou interpretado como um texto clássico, ele geralmente é explorado de forma interativa. O leitor não precisa fazer uma leitura linear, seqüencial, “em vez de apresentar um fluxo seqüencial único”, o formato eletrônico oferece uma “multi-seqüencialidade”, fazendo com que o leitor escolha o seu percurso, interagindo com o texto.

As mudanças emergentes da sociedade da informação afetam todas as dimensões da vida humana, em especial a forma como se opera a informação e a transformação desta em conhecimento:

A representação de toda esta informação vai exigir uma nova linguagem visual, tão complexa e significativa quanto as grandes narrativas metropolitanas do século XIX. Já podemos ver os primeiros movimento bidimensional do desktop para chegar a ambientes digitais mais imersivos: praças, shopping centers, assistentes pessoais, salas de estar (JOHNSON, 2001, p.20).

O livro eletrônico pode unir as ferramentas intrínsecas das NTICs, isto é, a multimídia (linguagem eletrônica, produzida no computador, que une diferentes linguagens de arte e comunicação como texto, imagem, som, animação, vídeo, e com a qual o usuário pode interagir), com a inteligência do hipertexto (muito conhecido na Internet). (Leão, 2001)

3.1 *On Line*

Livro *on line* é, aquele que o leitor/navegador precisa estar conectado à internet para acessá-lo, precisa-se do computador e da web, como exemplo, temos o hipertexto.

De acordo com Lévy (1993), Marcuschi²⁹ (1999) e Leão (2001), o termo hipertexto foi criado por Theodor Holm Nelson em 1964 para exprimir a idéia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática. É dele também o conceito de texto elástico, *stretch text*: aquele que se expande e se contrai de acordo com a requisição de maiores informações.

Segundo Nelson³⁰ (1992 apud LEÃO, 2001, p.161):

(...) as idéias não precisam ser separadas nunca mais (...) Assim, eu defino o termo hipertexto simplesmente como escritas associadas não-seqüenciais, conexões possíveis de se seguir, oportunidades de leitura em diferentes direções.

Na visão de Marcuschi (2002, p.171), hipertexto constitui-se “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem, que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona a sua superfície formas outras de textualidade”.

Na mesma perspectiva Lévy (1999, p.56) argumenta:

(...) a abordagem mais simples do hipertexto é descrevê-lo, em oposição a um texto linear, como um texto estruturado em rede. O hipertexto é constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, seqüências musicais etc.) e por *links* entre esses nós, referências, notas, ponteiros, “botões” indicando a passagem de um nó a outro.

²⁹ Lingüista brasileiro, professor titular da Universidade Federal do Pernambuco e autor de diversas obras na área entre elas “Da fala para a escrita: atividades de retextualização”.

³⁰ Autor de “Literary machines”.

Também colabora Koch³¹ (2002) refletindo sobre o hipertexto:

(...) constitui um suporte lingüístico-semiótico hoje intensamente utilizado para estabelecer interações virtuais desterritorializadas. Segundo a maioria dos autores o termo designa uma escritura não-sequencial e não-linear, que se ramifica e permite ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado de outros textos, a partir de escolhas locais e sucessivas em tempo real (KOCH, 2002, p. 63).

Para Leão (2001), refletindo sobre esse ponto, ao que diz respeito ao hipertexto:

(...) é um documento digital composto por blocos de informações interconectadas. Essas informações são amarradas por meio de elos associativos, os *links*. Os *links* permitem que o usuário avance em sua leitura na ordem que desejar. Além do modelo hipertextual baseado no binômio “elos & blocos de textos”, existem sistemas com outros tipos de estruturas interativas (relações, séries, séries de Petri, etc.). Através dessas estruturas interativas, o leitor percorre a trama textual de uma forma única, pessoal. Um dos recursos que o usuário pode utilizar é o *search* (buca). Esse recurso rastreia um extenso volume de informações em questão de segundos (LEÃO, 2001, p. 15).

Pode-se dizer que a maior característica do hipertexto é a não-linearidade. Pois diferentemente de um texto de um livro convencional, cujo leitor, na maioria das vezes, lê numa ordem linear: da esquerda para a direita e de cima para baixo, o hipertexto não possui uma única ordem de ser lida, ou seja, a leitura pode ocorrer em muitas ordens. Isso se explica pela existência de múltiplos caminhos de entradas e múltiplas formas de prosseguir. Há maior liberdade de navegação pelas informações como se estivéssemos imersos num *continuum* de discursos espalhados por imensas redes digitais (MARCUSCHI, 2005):

O texto no papel é escrito e lido linearmente, seqüencialmente – da esquerda para a direita, de cima para baixo, uma página após outra; o texto na tela – o hipertexto – é escrito e é lido de forma multilinear, multi-sequencial, acionando-se *links* sem que haja uma ordem preferida. A dimensão do texto no papel é materialmente definida: identifica-se claramente seu começo e seu fim, (...) o hipertexto, ao

³¹ Autor da obra “Texto e hipertexto”.

contrário, tem a dimensão que o leitor lhe der (SOARES³², 2002, p.150).

Nesse sentido, é importante ressaltar, de acordo com Johnson (2001), que dificilmente dois leitores de hipertextos farão os mesmos caminhos e por isso, certamente terão percepções diferentes.

Para Marcuschi (2002) o hipertexto é um processo de leitura/escrita multilinearizado, multisseqüencial e não determinado, realizado em um novo espaço: o ciberespaço.

Na visão de Santaella (2009, p.175):

O funcionamento da máquina hipertextual coloca em ação, por meios de conexões, um contexto dinâmico de leitura por comutável entre vários níveis midiáticos. Cria-se, com isso, um modo novo de ler. A leitura orientada hipermidiaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro lado, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapas cognitivos personalizados e intransferíveis. É, pois, uma leitura topográfica que se torna literalmente escritura, pois, na hipermídia, a leitura é tudo e a mensagem só vai se escrevendo na medida em que os nexos são acionados pelo leitor.

Como o hipertexto é algo dinâmico, em outras palavras, “um caleidoscópio, que apresenta suas fases, gira, desdobra-se à vontade frente ao leitor” (Lévy, 1999, p.56) - também chamado de “hipernavegador - existe a possibilidade de desbravar seu próprio caminho de leitura. Nessa perspectiva, a idéia de autor e de leitor é alterada. À medida que o leitor escolhe o caminho a ser seguido no hipertexto, ou seja, determina a ordem a ser seguida, o conteúdo a ser lido, ele está reescrevendo aquele texto. Para Lévy (1999, p.57) “o navegador participa, portanto, da redação do texto que lê”. Neste momento, os papéis de autor e leitor se confundem, estabelecendo assim, uma autoria coletiva ou uma co-autoria.

³² Autor da obra Novas práticas de leitura e escrita: letramento no ciberespaço.

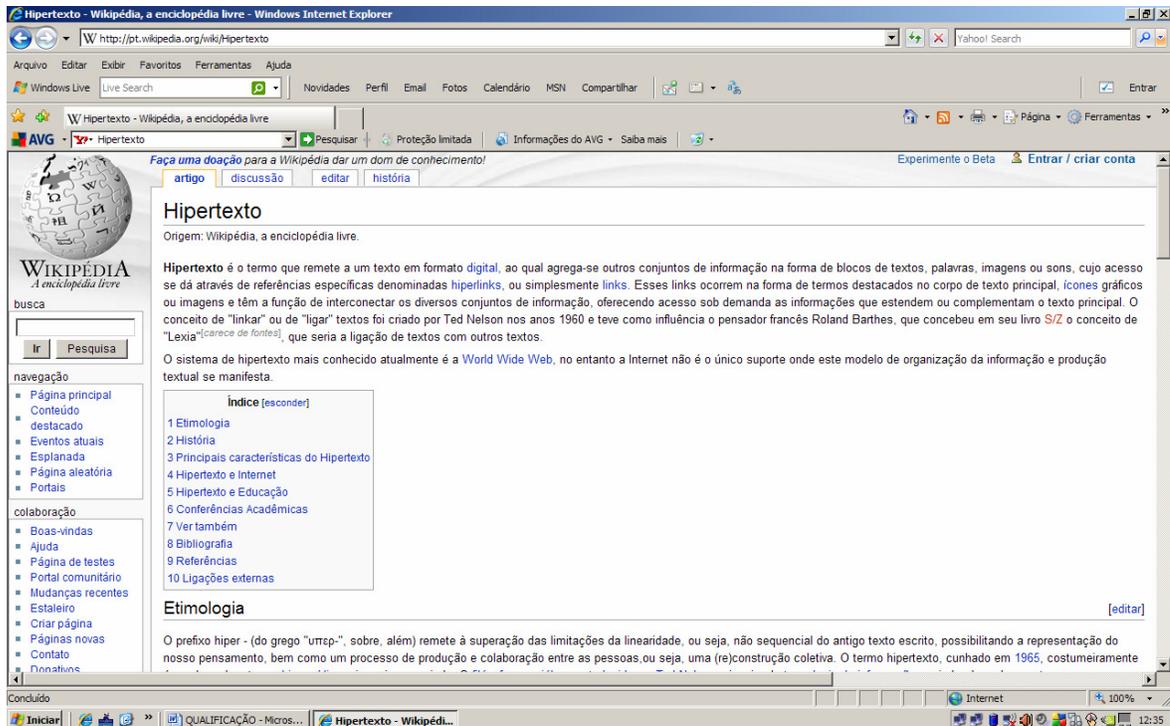


Figura 10: Imagem de um hipertexto, cada palavra em azul no texto significa fonte de acesso para um link que leva para outra tela com outras informações sobre a palavra clicada. Retirada do site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto> acesso em 03/11/2009.

3.2 PDF (Portable Document Format)

É possível encontrar vários tipos de formato de arquivo para uma texto eletrônico, como por exemplo, *Html*, *PHP*, *ASP* e o *PDF (Portable Document Format)* mas o formato que detalharemos é o *PDF*, por entendermos que é o formato mais utilizado.

PDF (em português: *formato de documento portátil*) é um formato de arquivo, desenvolvido pela *Adobe Systems* (Companhia Norte-americana que desenvolve programas de computadores) em 1993, para representar documentos de maneira independente do aplicativo, do *hardwre* (circuitaria, material ou ferramenta, é a parte física do computador, ou seja: é o conjunto de componentes eletrônicos, circuitos integrados e placas, que se comunicam através de barramentos) e do sistema operacional usados para criá-los. Um documento em *PDF* pode descrever documentos que contenham texto, gráficos e imagens num formato independente de dispositivo e resolução.

O *PDF* é um padrão aberto, ou seja, disponível para livre acesso e implementação, que independe de *royalties* e outras taxas e sem discriminação de uso. Qualquer pessoa pode escrever aplicativos que leiam ou escrevam neste padrão. Existem aplicativos gratuitos para o *linux*, *microsoft windows* e *apple macintosh* (programas operacionais ou um conjunto de programas cuja função é servir de interface entre um computador e o usuário, criados por empresas independentes), alguns deles distribuídos pela própria *Adobe*.

Para ler um arquivo em *PDF*, faz-se necessário ter instalado no seu computador um leitor de *PDF*. O *Adobe Reader* é o primeiro leitor de *PDF* que existiu. Hoje já é possível ter acesso à versão 9 do *Adobe Reader*, inclusive em português. Nessa versão é possível reproduzir vídeos integrados ao documento sem precisar de nenhum outro programa. Além disso, a grande novidade é a sua integração com o serviço *online* do programa *Acrobat.com*: através dele, o usuário pode criar documentos em *PDF* ou mesmo hospedar arquivos através da Internet.

Um livro eletrônico pode ser apresentado no formato de *PDF*. Neste caso, o conteúdo pode ser visualizado na própria tela do computador: basta um clique para “folhear” o livro. É importante ressaltar que existem *sites* que disponibilizam livros eletrônicos gratuitamente para *download* (termo usado para transferência de dados de um computador remoto para um computador local: significa descarregar ou baixar), no formato *PDF*. Então, nesta acepção, pode-se dizer que visualizar um livro eletrônico é quase a mesma coisa que abrir e ler um documento do *Word*.

O *PDF* tem a vantagem de o programa não permitir que o conteúdo seja alterado ou que novos documentos sejam editados: por isso, é bastante utilizado. Mas o programa possui várias ferramentas e recursos para sua utilização. Existem várias opções na sua barra principal, como podemos ver na imagem a seguir:



- A: ferramentas do documento, para impressão e compartilhamento.
- B: ferramentas para a navegação de páginas, opções para mudar de páginas.
- C: opções de zoom alteram o tamanho das páginas.
- D: opções para a amostragem das páginas, mudam o forma de exibição das páginas.
- E: ferramenta de busca.

Figura 11: mostra parte da barra de opções de um arquivo em formato de PDF.

Estas são as algumas opções que o programa oferece e que estarão sempre à disposição do usuário, na parte superior da tela. Mas o usuário certamente vai encontrar muito mais opções para as suas atividades.

3.3 CD (*Compact Disc*) ou hiperdocumento

CD é a abreviação de *Compact Disc* (disco compacto). Foi inventado em 1979 e comercializado a partir de 1982. Um CD é um disco de acrílico, sobre o qual é impressa uma longa espiral (22.188 voltas, totalizando 5,6km de extensão). As informações são gravadas em furos nessa espiral, o que cria dois tipos de irregularidades físicas: pontos brilhantes e pontos escuros. Estes pontos são chamados de *bits* (simplificação para *Binary digiT*, dígito binário: a menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida, usada na Computação e na Teoria da Informação). Um *bit* pode assumir somente 2 valores, por exemplo: 0 ou 1, verdadeiro ou falso (base da matemática binária, descrita inicialmente pelo matemático e filósofo britânico George Boole e, por este motivo, é chamada de Álgebra Booleana), e compõem as informações carregadas pelo CD.

A idéia inicial era de usar o CD para substituir o disco de vinil, pois o CD, além de prometer maior capacidade e durabilidade, oferecia maior clareza sonora, sem chiados. Ao longo do tempo, ele se tornou o mais popular meio de armazenamento de dados digitais, não só da música comercializada, mas

também de softwares de computador, caso em que o CD recebe o nome de CD-ROM (Compact Disc Read-Only Memory, ou Disco Compacto - Memória Somente de Leitura). O termo compacto deve-se ao seu pequeno tamanho para os padrões vigentes quando do seu lançamento, e memória apenas para leitura deve-se ao fato de seu conteúdo poder apenas ser lido e nunca alterado, ou seja: as suas informações são gravadas pelo fabricante uma única vez e, após isso, não podem ser alteradas ou apagadas, somente acessadas. Contrasta com tipos de memória RW, como memória *flash*. Existem outros tipos desses discos, como o CD-R (*Compact Disc – Recordable*) e o CD-RW (*Compact Disc – Re-Writeble*), que permitem ao utilizador normal fazer a suas próprias gravações, uma ou várias vezes, caso possua o *hardware* e *software* necessários.

Na acepção de Lévy (1999), ao refletir sobre esse ponto, no que diz respeito ao CD-ROM (Compact-Disc Read Only Memory) ou um CD-I (Compact-Disc Interactive):

(...) são suportes de informação digital com leitura a laser. Contêm sons, textos e imagens (fixas ou em movimento) que são exibidos em telas de computador no caso dos CD-ROMs, ou em televisões no caso dos CD-I (com a utilização de equipamento especial). Quem consulta um CD-ROM “navega” pelas informações, passa de uma página-tela ou de uma seqüência animada para outra indicado com um simples gesto os temas de interesse ou as linhas de leitura que deseja seguir. Esta navegação é feita por meio de “cliques” executados com o mouse sobre ícones na tela, apertando uma tecla do teclado, manipulando um controle remoto ou acionando joysticks quando se trata de jogos. Enciclopédias, títulos com temas artísticos, musicais ou lúdicos, os CD-ROMs são as formas de hiperdocumento mais conhecidas do público no final dos anos 90. Os CD-ROMs (capazes de conter texto de uma enciclopédia de trinta volumes) serão em breve substituídos pelos DVD (Digital Vídeo Disc), cuja a memória, seis vezes superior, poderá comportar um filme de vídeo em “tela cheia” (LÉVY, 1999, p. 55).

Ainda na visão de Lévy (1999), cabe salientar que considerando a palavra texto num sentido mais amplo, ou seja, não excluindo nem o som nem a imagem, “os hiperdocumentos também podem ser chamados de hipertextos”.

Entretanto, segundo o autor, o suporte digital traz uma diferença significativa em relação aos hipertextos que antecedem a informática:

(...)a pesquisa nos sumários, o uso dos instrumentos de orientação, a passagem de um nó a outro são feitos, no computador, com grande rapidez, da ordem de alguns segundos. Por outro lado, a digitalização permite a associação na mesma mídia e a mixagem precisa de sons, imagens e textos. De acordo com esta primeira abordagem, o hipertexto digital seria definido como informação multimodal disposta em uma rede de navegação rápida e “intuitiva”. Em relação às técnicas anteriores de ajuda à leitura, a digitalização introduz uma pequena revolução copernicana: não é mais o navegador que segue os instrumentos de leitura e se desloca fisicamente no hipertexto, virando as páginas, deslocando volumes pesados, percorrendo a biblioteca. Agora é um texto móvel, caleidoscópio, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor (LÉVY, 1999, p.56).

Os CD-ROM podem armazenar qualquer tipo de conteúdo, desde dados genéricos, vídeo e áudio, ou mesmo conteúdo misto. Os leitores de áudio normais só podem interpretar um CD-ROM caso este contenha áudio.

Com a banalização dos discos compactos e, consecutivamente, a banalização de gravadores de CD, neste momento os computadores passaram a ser comercializados com *drives* de CD/DVD, onde é possível gravar CD, tornando este meio um sério substituto a outros dispositivos de *backup*.

A leitura destas informações é feita por dispositivos especiais, que podem ser *CD Players* (leitor de CD) ou *DVD Players* (leitor de DVD – abreviação de *Digital Video Disc* ou *Digital Versatile Disc*, em português, *Disco Digital de Vídeo* ou *Disco Digital Versátil*). Sua capacidade de armazenamento é maior que a do CD, devido a uma tecnologia óptica superior, além de padrões melhorados de compressão de dados. O DVD foi criado no ano de 1995, com a intenção de substituir o videocassete – aparelho eletrônico capaz de gravar e reproduzir imagens que são registradas em fitas magnéticas acondicionadas em caixas plásticas (cassetes) para facilitar o manuseio. A superfície da espiral é varrida por um *laser*, que utiliza luz no comprimento infravermelho. Essa luz é refletida pela superfície do disco e captada por um detector. Esse detector envia ao controlador do aparelho a sequência de pontos claros e escuros, que são convertidos em *bits*. Para proteger a superfície do CD de sujeira, é colocada sobre ela um disco de plástico especial.

O livro eletrônico pode ser encontrado nas versões discos digitais (*CD-ROM*) ou disco digital de vídeo (*DVD*). São versões eletrônicas que não precisam do meio (Internet) para se ter acesso: basta usar um micro que

possua um drive de *CD/DVD* ou aparelhos eletrônicos específicos para acessar o conteúdo.

Podemos citar, como exemplo de livro eletrônico na versão em CD-ROM, o livro didático **Biologia molecular da célula**, que abrange toda a área da bioquímica geral. Obra encontrada na versão impressa e a acompanha na contracapa um CD-ROM, configura-se como a versão eletrônica do impresso.

Temos também enciclopédias que, em outros tempos, viveram seu momento de glória. Sua apresentação era imponente: capa dura, com letras douradas, representavam o objeto do conhecimento, quase tudo que existia no mundo estava presente em suas páginas. As famílias importantes possuíam esses livros, que geralmente ficavam em lugar de destaque da casa. Hoje em dia, com a Internet, elas perderam seu brilho e, para não perder o lugar no mercado, os livros de enciclopédias convergiram para o CD-ROM.

O livro sagrado – a *Bíblia* – também acompanhou essa evolução. É possível encontrar no mercado a *Bíblia* no formato eletrônico: são CDs de áudio onde se narram os textos bíblicos – novo e antigo testamento, os evangelhos e salmos. Seguindo essa linha de audio-livro, tempos também os livros de poesias e de autoajuda que são normalmente narrados por artistas e jornalistas conhecidos.

Existem ainda clássicos da literatura infantil, como por exemplo: *Chapeuzinho vermelho*, *Branca de neve*, *A Cinderela*, que compoem coleções em que são vendidos, numa pasta ou maleta, os livros impressos juntamente com um CD-ROM (áudio e imagem).

3.4 Digitalizado

O formato de livro eletrônico, talvez o mais encontrado, é o digitalizado. É uma versão eletrônica de um livro impresso, ou seja: uma cópia exata de um livro impresso com sumário, páginas e tudo mais que o livro comum tem. Existem *sites* que disponibilizam determinadas obras nos formatos de livro comum e livro eletrônico. Assim, o comprador pode optar pelo formato com que mais se identifica. Além disso, existem obras que estão esgotadas, que não existem mais no mercado para serem compradas, porém seus autores, por algum motivo, não têm mais interesse que elas sejam reimpressas. Ou ainda

obras raras, de séculos passados, que não é possível encontrar mais, nem em sebos. Sendo assim, muitos autores ou editoras, digitalizam tais obras e as disponibilizam na Internet – cobrando pelo *download* ou gratuitamente.

É comum encontrar os livros eletrônicos digitalizados para a Internet, no arquivo em *PDF*. Talvez porque, como já foi falado anteriormente, o arquivo em *PDF* é mais seguro, não permitir que o texto seja alterado ou que novos documentos sejam editados.

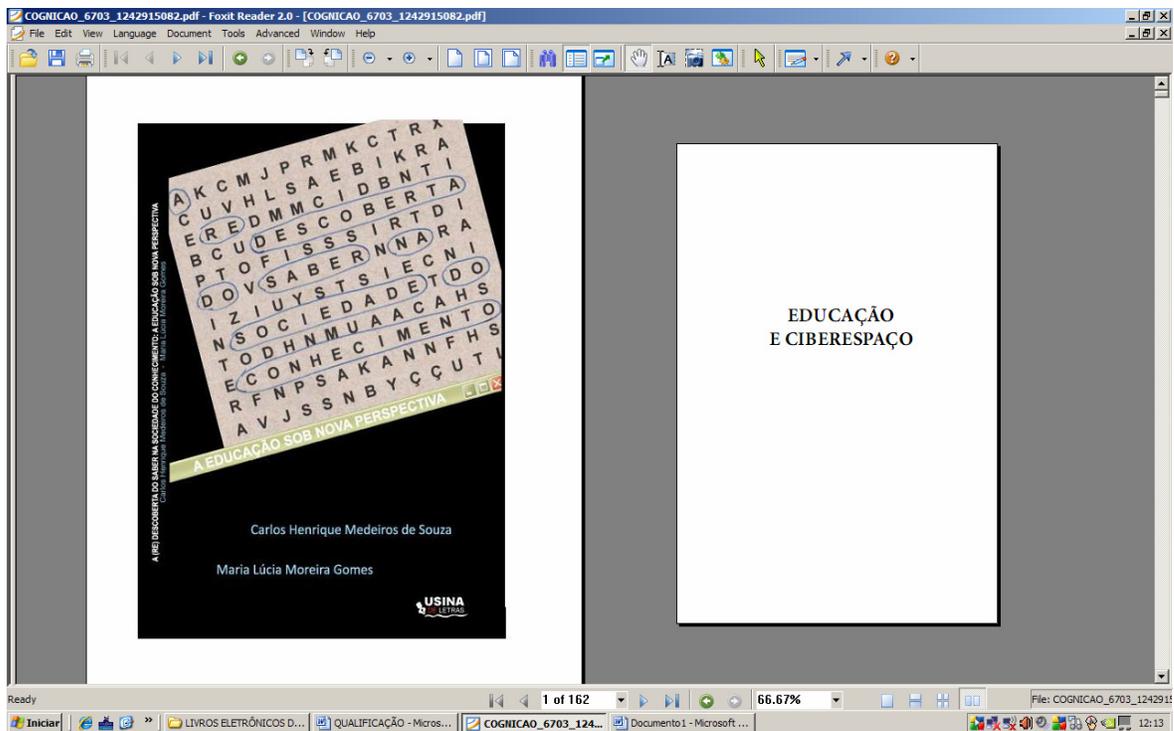


Figura 12: Imagem da capa e folha de rosto do livro “A re-descoberta do saber na sociedade do conhecimento”, versão digitalizada e formato de arquivo *PDF*.

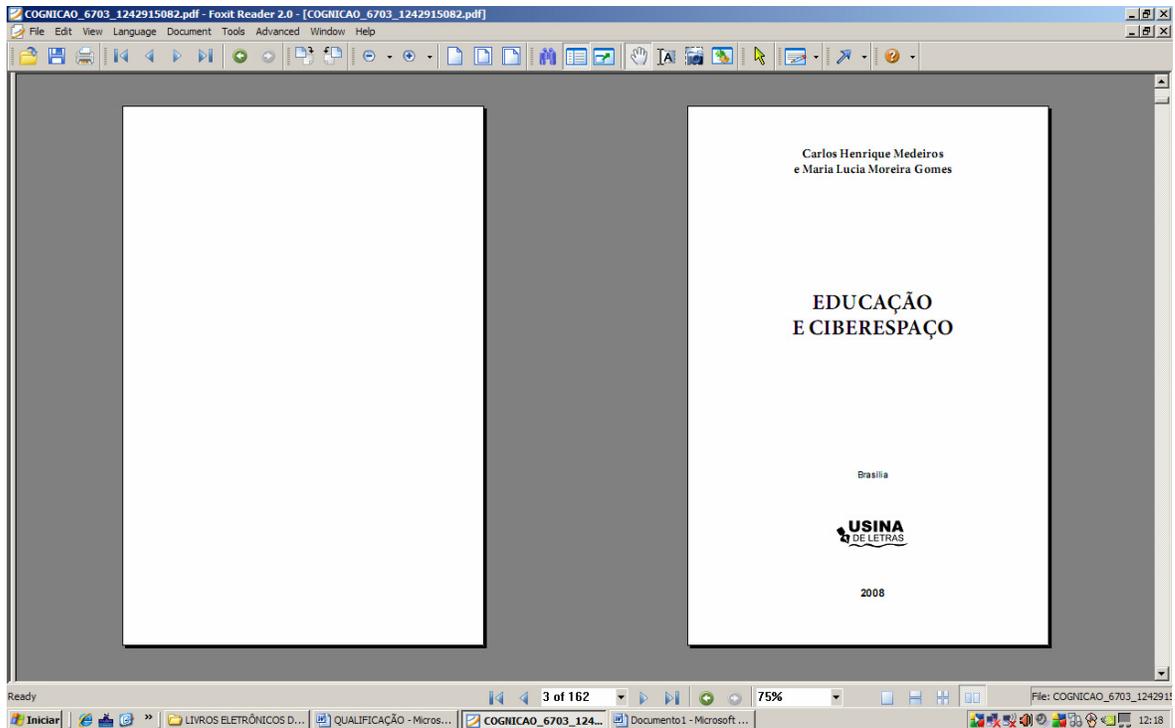


Figura 13: Imagem da segunda folha de rosto do livro “A re-descoberta do saber na sociedade do conhecimento”, versão digitalizada e formato de arquivo PDF.

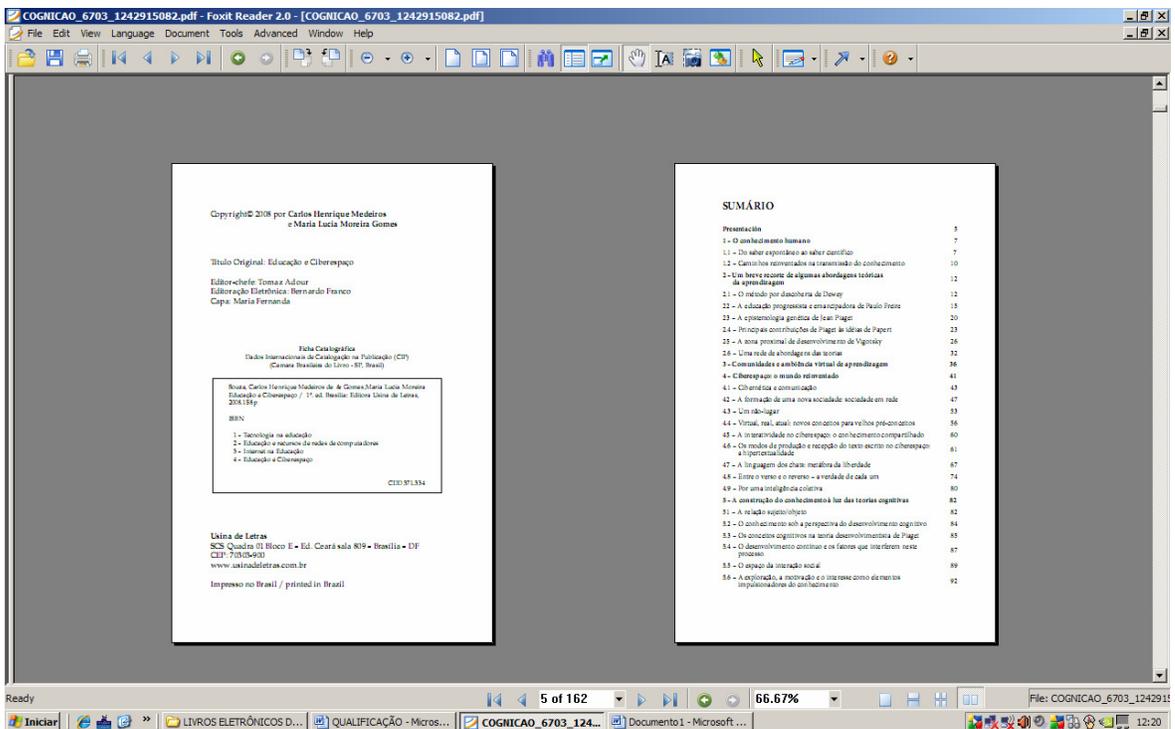


Figura 14: Imagem da ficha catalográfica e início do sumário do livro “A re-descoberta do saber na sociedade do conhecimento”, versão digitalizada e formato de arquivo PDF.

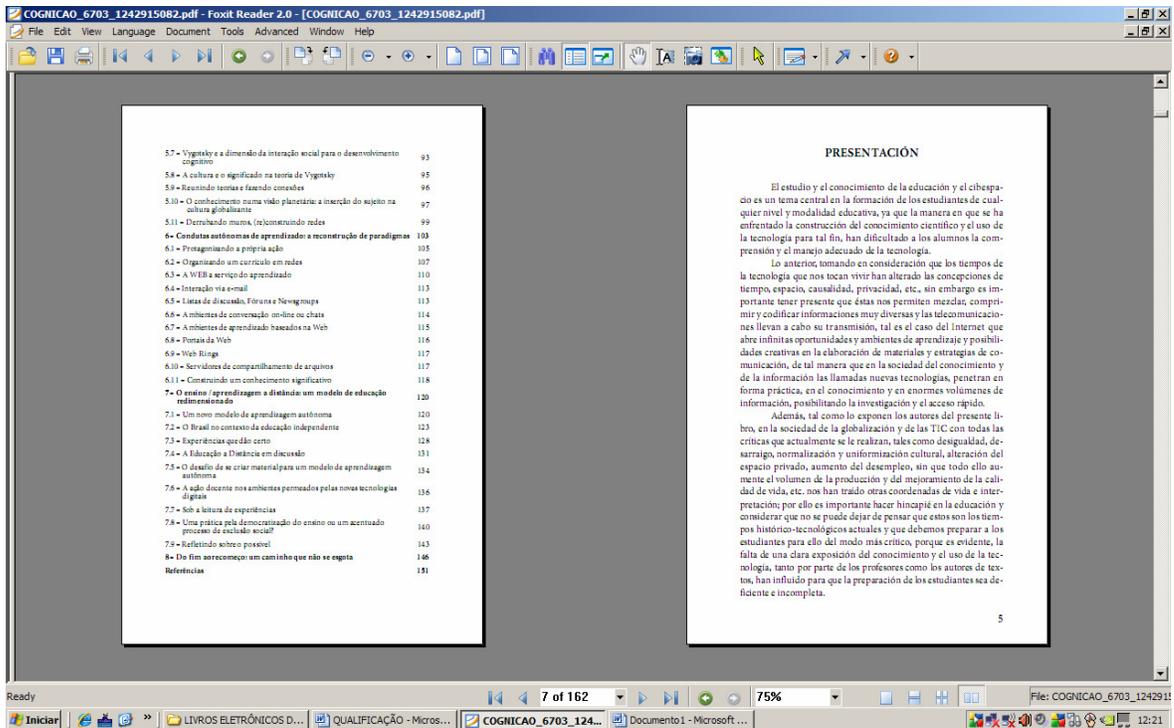


Figura 15: Imagem da continuação do sumário e apresentação do livro “A re-descoberta do saber na sociedade do conhecimento”, versão digitalizada e formato de arquivo PDF.

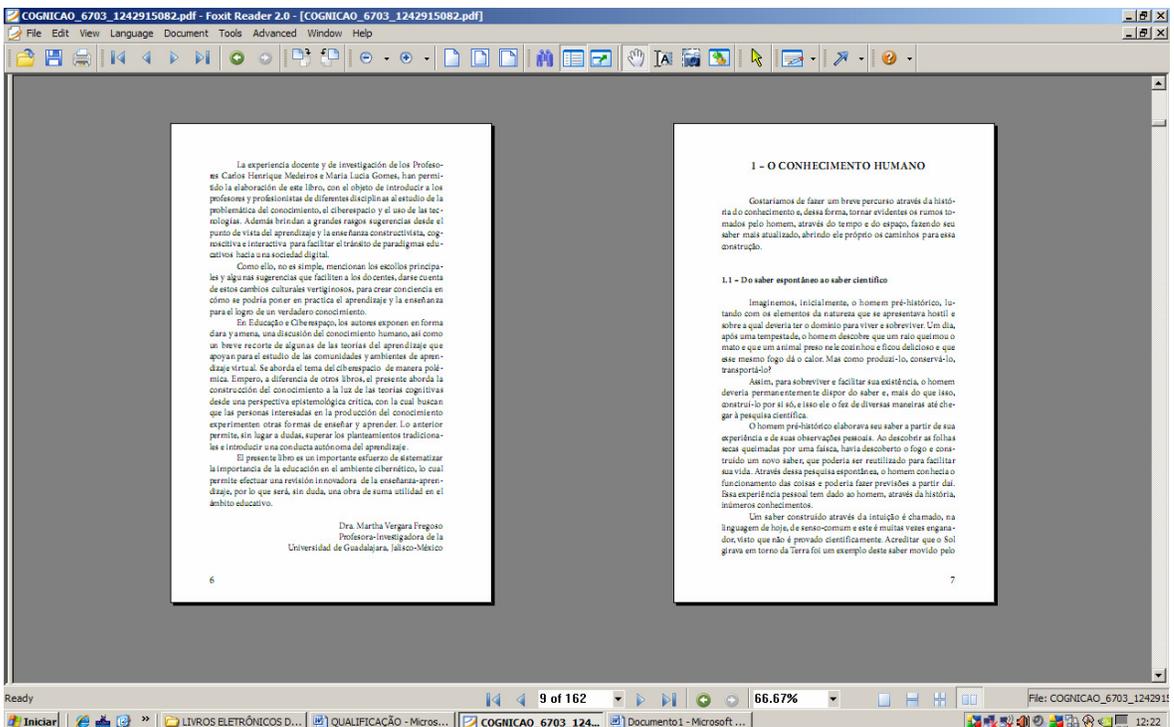


Figura 16: Imagem da continuação da apresentação e primeiro capítulo do livro “A re-descoberta do saber na sociedade do conhecimento”, versão digitalizada e formato de arquivo PDF.

3.5 E-book

E-book (electronic book) é um aparelho de leitura de textos em formato digital, que agrega as funcionalidades de um livro de papel como a portabilidade. São pequenos equipamentos portáteis do tamanho de uma agenda eletrônica. Existem alguns modelos no mercado, que possuem discos PCMCIA com capacidade para armazenar milhares de livros simultaneamente. O que é interessante neste modelo é que se pode carregar a biblioteca no bolso para todos os lugares.

Ao contrário do livro tradicional, o livro eletrônico igualmente incorpora todas aquelas facilidades intrínsecas à informática, quais sejam: localização instantânea de páginas, tópicos, palavras, quadros, tabelas, fazer anotações, realçar e sublinhar palavras ou trechos, enfim, todas aquelas facilidades que não existem e/ou que prejudicariam o livro, quando tradicionalmente impresso.

Em 1998 foram lançados os dois primeiros modelos de *e-book* ou leitor portátil, que são o *softbook Reader* da *softbook Press* e o *Rocket e-Book* da *Nuvomedia Inc.*

De acordo com Silva e Bufrem³³ (2001) no XXIV congresso Brasileiro da Comunicação (INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da comunicação), a medida do *Softbook* era 20 por 15 cm, pesava em torno de 1.400 Kg e possuía uma tela táctil em preto-e-branco. Memória para 5.000 páginas e tinha a possibilidade de adicionar placa de memória, com ela passava para 10.000 páginas. E também a bateria que assegurava 5 horas de autonomia. Possuía ferramentas de leitura: símbolos, hiperlinks e sistemas de anotação. A vantagem desse modelo é que ele possuía um modem interno que permitia a teletransmissão do arquivo diretamente do *site* da livraria para a leitora sem a necessidade de um computador, descarregando em média 100 páginas por minuto (<http://softbook.com/>).

³³Pesquisadoras da Universidade Federal do Paraná.



Figura 17 : primeiro livro eletrônico – *Softbook Reader* da *Softbook Press* .
Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 06/09/2009.

Já o *Rocket e-book*, media 19 por 12 cm, seu peso era 627 gramas, memória para até 36.000 páginas de texto e imagens. Além de apresentar opções de fontes e tamanho de caracteres, sublinhar, anotar, pesquisar dicionário e caneta eletrônica. Bateria para 40 horas de autonomia. E ainda, enquanto um menu dava acesso à biblioteca de livros estocados, o outro mostrava o menu dedicado ao livro que está sendo lido. Permitia consulta ao dicionário integrado; colocação de notas pessoais na margem do texto; busca no texto inteiro e inserção de marcador e a consulta a notas explicativas.



Figura 18 - primeiro livro eletrônico – *Rocket e-book* – da *Nuvomedia Inc.*
Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 06/09/2009.

Depois vieram outros leitores portáteis como o *Everybook*, *Cytale*, *Korea*. Os lançamentos mais recentes são:

- *Sony Reader*, modelo PRS-700, da *Sony* usa tecnologia de E Ink, ou seja, permite leitura mesmo sob luz solar, o texto é visível de qualquer ângulo e não utiliza energia para manter a imagem. Pesa 300 gramas, tem menos de um centímetro de espessura, tela interativa de 15 cm. O usuário pode passar as páginas arrastando o dedo pelo monitor, além de sublinhar, fazer buscas e anotações. O Sony Reader lê arquivo em PDF e EPUB (arquivo semelhante ao PDF, porém melhorado) entre outros. Tem a capacidade de armazenar 256 megas ou 160 livros, mas pode ser expandido para até 8 gigas.

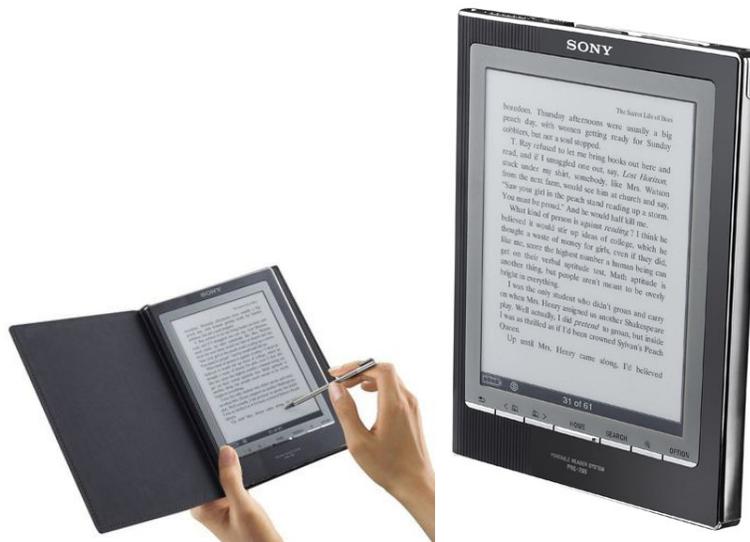


Figura 19 - Sony Reader, modelo PRS-700, da Sony
 Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 06/09/2009.

- *Kindle* é fabricado pela *Amazon*, e essa é sua grande vantagem com relação aos outros modelos, pois a megalivraria *Amazon* tem disponível, cerca de, 185 mil *e-books*. Possui um sistema sem fio que não utiliza computadores, mas conexão telefônica. Seus usuários recebem amostras grátis de novos lançamentos. Tem capacidade de armazenar 200 livros.

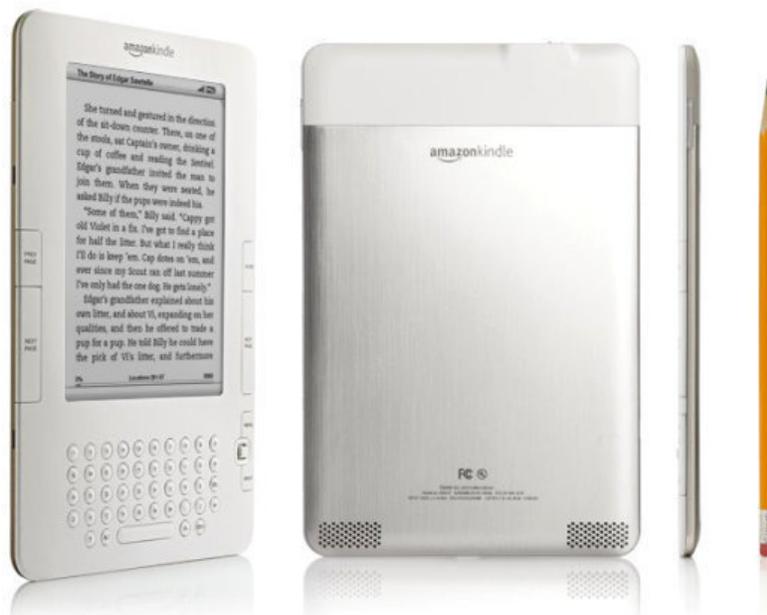


Figura 20: *Kindle* modelo da *Amazon*
 Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 06/09/2009.

- *IREX 1000* foi criado por uma empresa que fazia parte da *Phillips* na Holanda, sua tela mede 25 cm na diagonal, é a maior tela entre os leitores de livros eletrônicos. Tem a capacidade de armazenar 1 giga. A linha *IREX* foi a primeira a usar telas interativas que permite anotações no texto. Lê nove formatos diferentes de arquivos, com exceção do formato EPUB. Existem três modelos e o mais sofisticado tem conexão sem fio.

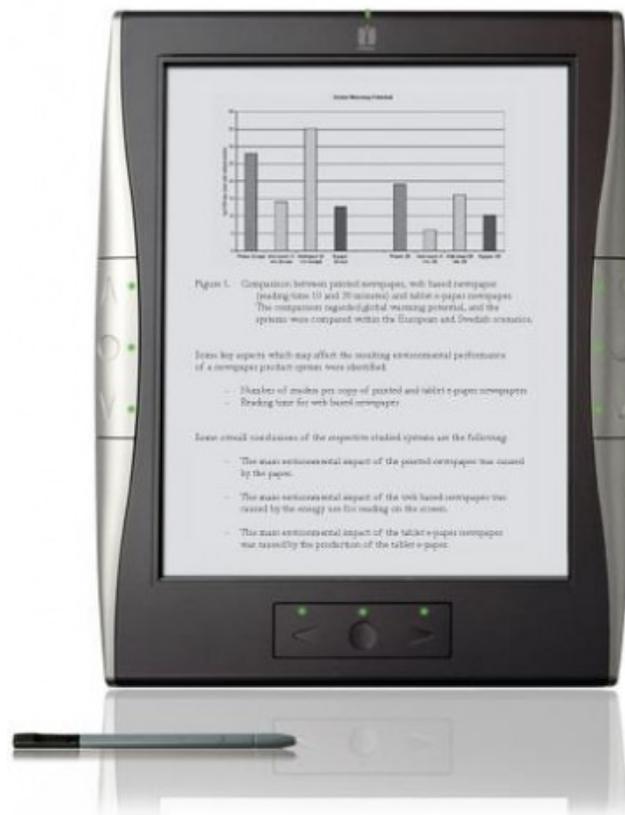


Figura 21 - *IREX 1000*
 Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 06/09/2009.

- *Radius* é da *Polymer Vision*, uma outra empresa que pertencia à *Phillips*. Esse modelo tem tela flexível e rolável, que envolve o aparelho quando está fechado e, em uso. Mede 12 cm na diagonal, cabe na palma da mão e pesa 115 gramas. A bateria sustenta 30 horas. Além de possuir uma conexão de 3.5G permite que conteúdos sejam atualizados no mundo todo de fontes

pessoalmente selecionadas, como e-mails e assinaturas de jornais.



Figura 22 - *Reader* fabricado pela *Polymer Vision*
Imagem retirada do site: <http://imagens.google.com.br/> acesso em 06/09/2009.

Os aparelhos mais conhecidos de leitor de texto são os modelos *Sony Reader* e *Kindle*.

É importante ressaltar, que na maior feira de livros do mundo, a Feira de Frankfurt, versão 2008, 30% dos produtos eram digitais (segundo o Jornal *O Globo*, caderno “Prosa & Verso” de 18 de outubro de 2008). Isso significa que no maior evento internacional do campo editorial, os empresários estão discutindo para tentar entender como essas e outras ferramentas vão de fato transformar a indústria editorial.

Os organizadores da Feira de Frankfurt fizeram uma pesquisa com mais de mil editores de trinta países perguntando como a digitalização vai determinar o futuro da indústria. Para 40% deles, em dez anos as vendas de conteúdo digital serão maiores do que as de livros impressos. Para 33%, isso nunca vai acontecer, e os 27% restantes disseram que vai levar mais tempo.

Para Roland Schild, diretor da MVB, um ramo da Associação de Livreiros e Editores da Alemanha, encarregados de desenvolver produtos e

serviços para a indústria, “nós estamos ainda no começo da mudança. Vai levar alguns anos, mas os *e-books* serão parte importante do mercado”.

Na visão de Chartier (1999, p.12 e 13):

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antigüidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo seqüencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.

Argumenta Belo (2008), sobre esse ponto, ao que diz respeito às novas possibilidades de leitura na tela:

se as novas possibilidades de leitura na tela permitem novas liberdades de leitura do texto, a generalização do formato digital trouxe também consigo o sentimento difuso de que isso constitui uma ameaça ao formato tradicional do livro (BELO, 2008, p. 19).

Sendo assim, o livro eletrônico poria em risco a sobrevivência do livro impresso, mesmo com sua história de séculos, com a sua importância na transmissão da cultura, com as suas características físicas que todos aprenderam a amar?

Febvre e Martin (1992, p.14) sinalizam para o possível desaparecimento do instrumento tido como fundamental na construção das culturas modernas: “na metade do século XX, não temos certeza de que [o livro] possa ainda por muito tempo continuar a desempenhar seu papel, ameaçado como está por tantas invenções baseadas em princípios totalmente diferentes”.

Para Rouanet³⁴ (2000), a idéia do fim do livro se solidifica nas estatísticas que mostram que as tiragens estão ficando menores, e menos leitores. Mas o fato pode ser justificável, porque o alto preço dos exemplares

³⁴ Diplomata, filósofo, antropólogo, tradutor, ensaísta brasileiro e Membro da Academia Brasileira de Letras.

inviabiliza sua compra, sobretudo no Brasil onde o livro está entre os mais caros do mundo:

Mas não são esses fatores tópicos que assustam, e sim os sinais de que o livro estaria sendo deslocado pelas novas tecnologias de informação e comunicação: em vez do livro, o CD Rom, e, em vez do livro impresso, o livro digital. Por que nos assustamos? É preciso confessar: em parte, por tradicionalismo (ROUANET, 2000, p.78).

É difícil passar para uma outra galáxia quando se é filho da galáxia de Gutenberg, afirma Rouanet (2000), que ainda reforça a idéia dizendo:

Como se isso não bastasse, somos incorrigíveis fetichistas, fascinados pelos livros enquanto objeto, e não somente como depositários de idéias ou informações. Não há prazer sensual comparável ao de acariciar as páginas de um livro da Plêiade, virando as páginas de papel *Couché* como se fossem as etapas de um jogo amoroso. Folhear, no caso, equivale a desfolhar. É nisso que consiste, literalmente, o *plaisir du texte* (ROUANET, 2000, p.78).

O fato é que Rouanet não é contra as novas tecnologias nem nega as extraordinárias contribuições trazidas por elas para a preservação, difusão e até formulação do pensamento. Assim como “os enormes serviços que elas prestaram ao próprio livro, que vão desde a possibilidade de consulta à distância dos catálogos das principais bibliotecas do mundo até a de comprar livros raros com um simples clicar de *mouse*”. O livro é um instrumento valioso, mas só um instrumento. Sendo assim, outros instrumentos podem surgir, coexistindo com o livro, sem necessariamente expulsá-lo.

Para Lévy (1988), ao refletir sobre esse ponto, no que diz respeito às transfigurações do mundo,

O sintetizador não acabará com o violino. O editor gráfico e o monitor não substituirão por toda a parte e sempre a tela e o pincel. A não ser no imaginário social, os livros não serão suplantados pelos computadores e bancos de dados. No passado, o surgimento da escrita não dispensou os homens da fala. Mais perto de nós no tempo, os meios de gravação e difusão do som e da imagem que se têm multiplicado desde o século XIX não eliminaram nenhum dos antigos modos de expressão. Em contrapartida, consideradas numa nova configuração de mídias, implicadas num sistema de comunicação diferente, as antigas tecnologias intelectuais mudam de significado (LÉVY, 1988, p.32).

Belo (2008) nos mostra, por meio de uma perspectiva histórica, que os questionamentos com relação ao futuro do livro não são um fenômeno dos tempos pós-modernos e sim advindos da segunda metade do século XIX, quando por razões econômicas, culturais e tecnológicas, o jornal se popularizou, conseqüentemente sua leitura, alcançando novos leitores, principalmente aqueles que não tinham o hábito de ler livros. Naquela época, era comum os autores escreverem “que o jornal matou o livro”. Constatamos hoje que de fato isso não aconteceu:

A afirmação, feita num contexto social, editorial e tecnológico bastante diferente do atual, mostra-nos que a “morte do livro” pode ser relativizada: se ela já foi anunciada noutras épocas sem ter acontecido, é possível duvidar também hoje que ela esteja para acontecer. Na verdade, não só o livro morreu como a sua produção aumentou muito em todo o mundo desde o tempo do Dicionário Bibliográfico (BELO, 2008, p. 20).

Com o desenvolvimento crescente dos meios audiovisuais de comunicação de massa no século XX, observa-se “uma certa perda de influência do saber transmitido pelo livro”. O motivo talvez seja a digitalização/virtualização de textos de todas as áreas do conhecimento na Internet ou banco de dados digitais disponíveis em bibliotecas. E o melhor: acessíveis a todos. Isso multiplicou as possibilidades de leitura de artigos e livros com edições esgotadas ou de alguma forma difíceis de adquirir na forma impressa:

Desse ponto de vista, o formato digital representa mesmo uma nova vida para textos. Entretanto, se o futuro do livro é incerto, parece cada vez mais claro que anunciar a sua morte é mais um sintoma da incapacidade para compreender bem as mudanças em curso do que um diagnóstico rigoroso do que está acontecendo (BELO, 2008, p.22).

Com o livro eletrônico, torna-se possível a idéia de biblioteca sem paredes criada por Gesner, Doni ou La Croix du Maine, mas que não saiu do papel. Porque de acordo com Chartier (1999), reunir todo o patrimônio escrito da humanidade em um único lugar era uma tarefa impossível levando em consideração a multiplicação de obras pela imprensa. Mas o que é a biblioteca

do futuro pensada no final do nosso século XX? Para Chartier (1999) é, em certa sentido, a tão sonhada biblioteca sem paredes.

Diferentemente dos catálogos que ofereciam nomes de autores, títulos de obras, às vezes resumos ou excertos, ela está inscrita em um lugar no qual todos os textos podem ser convocados, reunidos, lidos numa tela. No universo da comunicação à distância que a telemática e a numerização autorizam, os textos não são mais prisioneiros da sua materialidade original. Separados dos objetos sobre os quais estamos habituados a encontrá-los, eles podem ser transmitidos sem que o lugar de sua conservação e o de sua leitura sejam necessariamente idênticas (CHARTIER, 1999, p.91).

Para Castells (2003), neste momento, o livro apresenta uma história dual. Por um lado:

livros de referências e enciclopédias impressas estão sendo tirados do mercado pela Internet, numa tendência que sublinha a importância dos usos educacionais e de busca de informação da Internet, acima de sua função de entretenimento. Livros-textos oferecem extraordinário potencial para publicação eletrônica, entre outras coisas porque as bibliotecas não têm o espaço físico necessário para enfrentar a explosão da informação e estão se preparando para oferecer livros e revistas on-line. Em princípio, isso se destina a leitores qualificados, munidos de uma senha, mas será difícil limitar a distribuição eletrônica de textos uma vez que eles sejam acessados. Assim, em geral, livros-textos vão se tornar on-line, embora a formação de mercado de massa (como novos modelos de negócio) vá depender da velocidade e da forma da grande revolução que está em curso na educação: a aprendizagem eletrônica e a educação à distância (CASTELLS, 2003, p. 163).

As revistas acadêmicas e científicas são exemplos de uma outra área de publicação eletrônica em crescimento. Destinada a um público relativamente pequeno, mas versado na internet, há uma forte tendência que elas passem a ser mais publicações online, e vendidas a instituições especializadas com base num serviço de assinaturas. E, como a publicação nessas revistas é motivada pela reputação e a promoção profissional, realmente não importa para os autores a forma que ela assuma, assim, provavelmente, a publicação estritamente acadêmica passará a ser feita online. (Castells, 2003).

Por outro lado, segundo o autor:

para livros de maior abrangência (inclusive, de fato, grande parte da chamada publicação acadêmica), a Internet está funcionando apenas como uma plataforma de programação/marketing, não obstante o romance de Stephen King. E não parece que a demanda do livro clássico, impresso, esteja declinando – afinal, é um invento de uso muito fácil e portátil. O processo de concepção, produção e publicação de material impresso está sendo inteiramente transformado pela Internet, mas o produto em si (o livro que você tem nas mãos) provavelmente não mudará de maneira substancial no futuro previsível, como a demanda desprezível das primeiras versões de livros de bolso eletrônicos parece indicar (CASTELLS, 2003, p.163).

Cabe ainda constatar dois pontos importantes nessa discussão: o primeiro é que estamos vivenciando todas as transformações advindas da sociedade da informação, seja na cultura, na economia ou na política. Por isso há tantos questionamentos, justamente por não se ter ainda uma resposta concreta. Neste sentido, qualquer afirmação pode ser mera profecia de um futuro próximo. Mas há uma certeza: a de que estamos evoluindo, acompanhando rapidamente as transformações do nosso tempo.

Profetiza Santaella (2009):

Segundo os indicadores, o futuro pertencerá aos portáteis capazes de se comunicar sem fios. Ou, pelo menos, espera-se que as agendas inteligentes, os telefones celulares e os computadores portáteis virão completar, sem substituir os fixos inteiramente (SANTAELLA, 2009, p. 182).

E o segundo: será que estamos restringindo o conceito de livro apenas à sua expressão tipográfica, tal como se consolidou a partir do século XV com o modelo da imprensa de Gutenberg? Todas as vezes que se fala, se pensa e se conceitua um livro, é comum remetermos à idéia de livro impresso, de papel. O que chamamos de livro é na verdade, uma derivação do modelo de códice cristão. Como vimos na primeira parte deste trabalho, o códice (codex) foi um formato característico de manuscrito em que o pergaminho era retalhado em folhas soltas, reunidas em cadernos costurados ou colados em um dos lados e muito comumente encapados com algum material mais duro. Tanto o livro manuscrito quanto o livro pós-Gutenberg baseiam-se na mesma estrutura do codex.

Fim do livro? Talvez não seja esta a questão. Talvez a questão pertinente seja: será que é o conceito de livro que está fadado a desaparecer? Ou será ampliado? Já que agora livro não é apenas um objeto de papel composto por folhas com letras impressas.

Lyra (1993), ao refletir sobre esse ponto, no que diz respeito às mudanças, constata:

Toda opção pelo novo acarreta um longo e penoso processo de adaptação à sua novidade, responsável pelo comodismo da atitude reacionária: ele, o novo, pelo que encerra de problemático, sofre sistemática resistência anteposta pelo longo condicionamento de uma educação conservadoresca, promovida pelos beneficiários do antigo. O que vale dizer: tem-se que enfrentar uma realidade afluyente com instrumentos superados pela própria realidade afluyente.

4 LIVRO IMPRESSO OU LIVRO ELETRÔNICO: VANTAGENS E DESVANTAGENS

São muitas as perguntas e poucas as respostas trazidas pelo avanço dos e-books. Mas há a certeza de que a forma como se produzem, se comercializam e se lêem livros está mudando. Essa nova realidade altera as relações culturais, não se sabe ainda com que intensidade, por exemplo: o ritual da compra do livro. O leitor não mais folheará o livro ou observará a capa e a textura antes de adquiri-lo? E a dedicatória e os autógrafos? Como será o lançamento de um livro eletrônico? Será virtual também? Como se empresta um livro eletrônico? Se o dono de um leitor digital morrer, quem herda sua biblioteca? O que acontece com as editoras regionais se uma grande editora estrangeira traduzir obras para outras línguas e as vender pela internet? Como fica o direito autoral na rede?

No começo eles só podiam ser lidos na tela do computador. Os downloads eram demorados, não existia variedade de títulos nem uma grande vantagem que pudesse massificar o uso. Mas recentemente, os e-books ganharam novo fôlego nos Estados Unidos com a chegada dos leitores de texto. Esses aparelhos portáteis, sem necessidade de conexão à internet, armazenam não só livros, mas também jornais e revistas. Uma verdadeira revolução na forma de ler está em curso (LUÍS FERNANDO GUIDE e FERNANDA MELAZO. Nova forma para a leitura. *In*: Revista Ensino Superior, nº 127, Abril de 2009)

Os e-readers já existem há mais de dez anos. Mas ainda não se popularizaram, talvez pelo custo que ainda é caro ou também pelo fato de não estar disponível em muitos países. De acordo com o Jornal *O Globo*, Segundo Caderno de 29 de outubro de 2009, o Kindle, leitor digital da Amazon, desde o dia 19 de outubro de 2009, começou a chegar a mais de cem países, inclusive no Brasil, antes restrito apenas aos Estados Unidos. Além dele, outros leitores virtuais, como o Sony Reader e o recém-anunciado Nook lançado pela livraria americana Barnes & Noble, ajudam a aumentar as expectativas em torno da transição do livro impresso para o eletrônico.

De acordo com Cinthia Portugal, relações públicas da Amazon, em entrevista ao Jornal *O Globo*, Segundo Caderno de 29 de Janeiro de 2009, a

empresa de comércio virtual Amazon aposta que é uma questão de tempo para que os livros virtuais substituam inteiramente o de papel. Algumas pessoas podem querer manter seus livros físicos por um valor emocional, assim como alguns fazem com os discos de vinil. Mas a previsão da empresa é que as próximas gerações lerão exclusivamente no formato digital.

O Kindle, seu último modelo, conta até com recurso de leitura em voz alta. Tem espaço para armazenar 1.500 títulos e baixa em até 60 segundos, por meio do sistema wireless (sem fio), qualquer livro disponível na livraria virtual da Amazon.

Esse otimismo da Amazon talvez se justifique pela boa aceitação do Kindle nos Estados Unidos. A empresa não divulgou números de venda, mas estima-se que a procura por seu e-book, no natal de 2008, ao preço de US\$ 359, tenha extrapolado suas previsões e esvaziado seus estoques.

Em outubro de 2008, a apresentadora mais influente da televisão americana, Oprah Winfrey, que é líder de audiência nos Estados Unidos, declarou em seu programa que o Kindle é o seu aparelho favorito. Especialistas acreditam que é por causa desse marketing que o e-book tenha tido sucesso de vendas no fim do ano e superado as vendas de televisão de plasma e LCDs.

Já o Reader, da Sony, superou todas as expectativas de venda da própria empresa. Nos Estados Unidos, atualmente, há fila para a compra desses instrumentos de leitura que, na maioria das vezes, são vendidos apenas online (Revista *Ensino Superior*, Nº 127, Abril de 2009).

A popularização dos livros eletrônicos nos Estados Unidos pode ser explicada pelas novas funcionalidades dos aparelhos, que se tornaram mais práticos. Se antes era preciso acoplá-los a um computador para realizar o download das obras escolhidas, agora é possível baixar um livro inteiro de qualquer lugar, até mesmo do avião.

O modelo mais recente da Sony ganhou função que permite fazer anotações, marcar trechos considerados importantes com uma caneta especial, realizar rápidas pesquisas e ajustar o tamanho da fonte, no valor de US\$ 399,99. Apesar do preço ainda alto, o aparelho está sendo avaliado e testado com relação à viabilidade para entrar em breve nas salas de aula americanas.

Com a chegada ao mercado de modelos mais modernos, que aliem tecnologia sem fio à possibilidade de, com apenas alguns cliques, comprar em prateleiras eletrônicas livros por um terço do preço de livraria, realmente, se tornarão bem mais atraentes.

O jornalista americano Roger Fidler, diretor do programa de publicação digital do Reynolds Journalism Institute, afirma (Jornal *O Globo*, Caderno “Prosa & Verso” de 26 de setembro de 2009) que, para os e-readers se popularizarem, é fundamental que eles custem menos de US\$ 200 e tenham telas coloridas.

Para Sérgio Machado, presidente do Grupo Record (Jornal *O Globo*, Segundo Caderno de 29 de outubro de 2009), a Amazon vende o Kindle caro e o e-book barato. Deveria ser o contrário, o aparelho podia ser até de graça, enquanto o livro deveria custar um valor justo pelo trabalho de sua elaboração. Pois o conteúdo não pode ser depreciado em hipótese alguma. E os escritores não podem ficar sem a receita da venda. O valor de um livro equivale a quanto se acredita no conteúdo daquela obra.

Será que o e-reader representará para o livro o que o iPod significa para a música: um aparelho que rapidamente virou objeto de desejo no mundo? Talvez a grande diferença seja a de não poder armazenar no e-reader os livros que já tem em casa, ao contrário do que se faz com iPod. Outra diferença também é que as pessoas trocaram um tocador de CD por um outro aparelho, como um iPod, mais portátil e capaz de baixar músicas da web. Mas o livro físico já é portátil e não exige um aparelho para apreciá-lo.

É importante constatar que diferentemente dos celulares e dos computadores, que rapidamente viraram febre por atenderem a necessidades prementes, os dispositivos de leitura, na avaliação de muita gente do ramo, só oferecem vantagens a um público muito matizado. Para que seu uso cresça na mesma escala seria necessário que o preço baixasse significativamente.

E quem não compra muito livro, talvez não se interesse por esse dispositivo. E quem compra talvez prefira o papel.

Segundo pesquisas, os primeiros a adotarem e-readers são os amantes do papel, são pessoas mais centradas no impresso que na web, com idade acima de 40 anos.

O que explica a aparente contradição é a busca por prazeres diferentes em meios diferentes. Por um lado, o livro eletrônico proporciona um maior conforto e liberdade ao leitor, que não precisa mais carregar tantos volumes debaixo do braço: basta carregar um aparelhinho e nele poderão estar disponíveis centenas de livros. Ou seja: sua biblioteca agora passa a ser móvel. E esse é um forte fator de sedução do e-reader.

Por outro lado, a questão sensorial é lembrada como característica imbatível do papel. A relação tátil com o livro sempre será importante. Valorizam isso com o uso de transparências, texturas, algo que o eletrônico não produz. Os que defendem o papel dizem sentir prazer ao manusear um livro impresso, gostam de sentir o cheiro da tinta, folhear, fazer suas anotações, ou até ter a oportunidade de ter nas mãos um livro mais antigo ou mais raro (um clássico, por exemplo) com anotações e impressões de outras pessoas ou mesmo do próprio autor.

Além do apelo sensorial, visual e até olfativo, o papel tem outros trunfos num embate com o eletrônico. A força de sua tradição, sua permanência ao longo da história, se impõe, dificultando seu desaparecimento. O fato de estar arraigado em nossa cultura há séculos torna a entrada de um substituto mais lenta que, por exemplo, na música, que tem uma história bem mais recente.

Na década de 1990, já em plena revolução digital, o cantor e compositor baiano Caetano Veloso compôs a música chamada “Livros”:

*Os livros são objetos transcendentés
Mas podemos amá-los do amor tátil
Que votamos aos maços de cigarro
Domá-los, cultivá-los em aquários
Em estantes, gaiolas, em fogueiras
Ou lançá-los pra fora das janelas
(Talvez isso nos livre de lançarmos-nos)
Ou – o que é muito pior – por odiarmos-los
Podemos simplesmente escrever um
Encher de vãs palavras muitas páginas
E de mais confusão as prateleiras.
(<http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/81628/> - acessado
em 20/11/09)*

De acordo com o Jornal *O Globo* de 08 de abril de 2009, o kindle e os próximos produtos do gênero serão o complemento eletrônico dos impressos em papel. O jornal e o livro continuarão por aí, mas parte da sua freguesia

migrará para o armazenamento eletrônico. Só um excêntrico lerá seu jornal num aparelho eletrônico enquanto toma o café da manhã. Será? Mas será bem mais prático usá-lo num avião, ou numa sala de espera. Além de ser mais barato: por exemplo, por US\$ 42 pode-se receber o Jornal *New York Times* no e-book durante três meses, contra US\$ 150 na banca ou US\$ 64 na assinatura.

Profetizam alguns: se nos próximos anos o Kindle evoluir com a versatilidade do iPod, pode-se esperar que terá uma tela maior, dobrável, receberá imagens a cores e multiplicará sua capacidade de armazenamento, custando a metade do preço de hoje. (Jornal *O Globo* de 08 de abril de 2009)

Segundo o *Jornal do Brasil*, Caderno “Vida, Saúde & Ciência” de 05 de março de 2009, a Amazon também disponibiliza seus livros para serem acessados no iPhone e no iPod Touch da Apple. Quem tem esses aparelhos pode baixar um programa grátis, o Kindle para iPhone e iPod Touch, da loja da empresa. O software dá a eles acesso aos 240 mil e-books a venda na Amazon, inclusive a maioria de best-sellers.

De acordo com Ian Freed, vice presidente encarregado do Kindle Amazon, a empresa vê, contudo, seu leitor Kindle e aparelhos tipo o iPhone como complementares. As pessoas usariam seus celulares para ler livros apenas por curto períodos de tempo, como enquanto esperam na fila de mercados ou bancos. Para eles, o iPhone pode ser uma ótima companhia para clientes que estão sem o Kindle.

A empresa acredita ainda que as pessoas vão continuar usando o kindle de US\$ 359 quando quiserem ler livros digitais por horas. Além de que a experiência de usar o aplicativo do iPhone deve convencer as pessoas a comprarem um Kindle, dotado de bateria que dura mais do que a do iPhone e uma tela mais apropriada para leitura.

Outra questão importante é sobre a legitimidade. Ainda há uma espécie de legitimidade na literatura publicada no papel. Dificilmente encontramos autores que só querem publicar online, a grande maioria deseja ter um trabalho publicado no papel e por uma grande editora, onde têm melhor distribuição, visibilidade e acesso à imprensa.

Outro ponto importantíssimo é com relação à fidedignidade da obra. Observa-se que autores renomados são mais resistentes e cautelosos com relação à disponibilidade de suas obras na internet do que os autores mais

jovens e menos conhecidos. Os mais jovens buscam no formato digital a solução para os problemas de divulgação de suas idéias, estando assim mais suscetíveis à adoção do formato eletrônico. Já os autores veteranos preferem se manter afastados deste mercado digital primeiro porque já estão acostumados com o sistema conservador de distribuição via grandes editoras e segundo porque têm receio de seu texto ser modificado ou alterado, ou seja, pirateado. Neste momento emerge, talvez, o ponto importante deste debate, que é a questão do direito autoral.

A versão digital agrega uma série de benefícios e vantagens extraordinárias em relação ao livro tradicional. Além de muito mais barato do que o livro impresso, a sua grande vantagem é o espaço físico, bem como sua leitura e manuseio pelo computador, que permite a interatividade; buscas de conteúdo; incorporação de recursos multimídia de áudio e vídeo; redução dos custos da edição; redução dos custos de distribuição por correio; conteúdo via Internet; simplicidade de produção e ainda podem ser baixados instantaneamente pelo usuário num clique de *mouse* por meio de *download*. Além disso, pode-se armazenar dezenas ou centenas de livros digitais no computador ou outro dispositivo de leitura.

Outro aspecto importante é com relação aos estudantes de ensino médio que costumam carregar em suas mochilas cerca de 12kg de livros didáticos por dia. É um peso considerável, que pode trazer prejuízos para a coluna desses adolescentes. Mas se o e-reader fosse introduzido e adotado na educação, esta questão, tão discutida por especialistas, estaria resolvida, pois os 12kg seriam trocados por 380 gramas, peso de um leitor eletrônico.

Ao contrário do livro tradicional, o livro eletrônico igualmente incorpora todas aquelas facilidades intrínsecas à informática, quais sejam: localização instantânea de páginas, tópicos, palavras, quadros, tabelas, fazer anotações, realçar e sublinhar palavras ou trechos, enfim, todas aquelas facilidades que não existem e/ou que prejudicariam o livro, quando tradicionalmente impresso.

Numa análise bem simples, vemos também como aspecto positivo a questão do esgotamento dos recursos não-renováveis dos quais depende a fabricação do papel: a sua durabilidade estará resolvida com o livro eletrônico, que terá vida mais longa. Reforça Luiz Carlos Cagliori, professor do departamento de Lingüística da UNICAMP, quando afirma que não se pode

atribuir ao computador a culpa pela abolição do livro, mas como o único que pode salvá-lo de sua extinção física e cultural.

De acordo com o Cora Rónai no Jornal O Globo, Caderno “Prosa & Verso” de 26 de setembro de 2009, um estudo divulgado no mês de agosto de 2009 pelo Cleantech Group (que investe em tecnologia limpa) compara o impacto ambiental do Kindle com o de livros convencionais: a conclusão é favorável ao primeiro, porém essa pesquisa está longe de fechar essa questão.

Na visão de muitos pesquisadores, o papel eletrônico substitui o papel para a impressão, que não é o pior problema causado pela indústria da celulose. Deveríamos repensar o lenço de papel, o papel para enxugar as mãos, para embalagem, para forrar mesas de restaurantes, entre outros. O papel para impressão poderia ser menos branco, assim usaria menos cloro, que é altamente poluente. Mas ele não é o grande vilão. E levando-se em conta os problemas trazidos pelos resíduos eletrônicos, a substituição dessa modalidade de papel não vai melhorar a situação. (Jornal *O Globo*, Caderno “Prosa & Verso” de 26 de setembro de 2009)

O lixo eletrônico é uma questão que emerge da sociedade tecnológica, e cresce exponencialmente. Ainda não há sistemas de neutralização da toxicidade e reciclagem. A empresa Amazon prometeu implantar um programa de reciclagem para o Kindle e sua bateria, mas ainda não o colocou em prática.

É claro que tanto a velha quanto a nova tecnologia acarretam prejuízos ambientais. No caso do lixo eletrônico num lixão convencional, a chuva faz com que o chumbo, um componente bastante usado em computadores, entre em contato com lençóis freáticos e contamine os rios. A contaminação por chumbo produz náusea, perda de coordenação, memória e até coma. Já a indústria de papel tem um impacto socioambiental devastador, mesmo tendo uma estrutura de reciclagem e estando apoiada sobre certificações de sustentabilidade. Ela substitui a diversidade da mata nativa pela monocultura do eucalipto. As florestas de eucalipto consomem uma quantidade gigantesca de água. O norte do Espírito Santo era riquíssimo em água e hoje enfrenta a aridez. Fora o processo industrial. O consumo diário de água da Aracruz Celulose é o equivalente ao de uma cidade de 2,5 milhões de habitantes. (Jornal *O Globo*, Caderno “Prosa & Verso” de 26 de setembro de 2009)

Na perspectiva do editor, a versão eletrônica não apresenta risco de

prejuízo, pois não tem como encalhar. Por outro lado, uma edição nunca vai se esgotar. E tem mais: com a internet, tem-se a oportunidade de encontrar livros raros e fora de catálogo.

O livro eletrônico é também um grande benefício para pessoas que possuem problemas alérgicos, pois terá no aparelho um grande aliado ao evitar o manuseio de obras muito antigas e empoeiradas.

Um outro aspecto positivo é com relação aos deficientes visuais: eles têm uma dificuldade muito grande em acessar as obras impressas, pois, uma vez em posse de um livro, eles têm que escaneá-lo e, em seguida, ter a ajuda de uma segunda pessoa para correção, que vai observar se está faltando alguma parte ou palavra do texto. Segundo o Professor Dr. Mário Galvão, da Universidade Estadual do Norte Fluminense, primeiro doutor deficiente visual brasileiro, os deficientes visuais precisam reescrever o livro para ter acesso à obra. Assim, se todas as obras existissem também no formato eletrônico, os deficientes visuais teriam oportunidade de acesso à informação igual a de uma pessoa considerada normal.

4.1 E-book e leitura

Muitos reclamam do desconforto de ler na tela do computador, talvez porque seja cansativo ou mais difícil de se concentrar. Aí fica mais difícil lembrar o que foi lido. Mas de acordo com depoimentos de pessoas que adquiriram um e-reader, a tecnologia da tela desses aparelhos é muito boa e permite que se leia como se fosse um livro físico, afirmam que a leitura é agradável e que passam horas lendo. Embora a tela seja pequena (12 por 9 centímetros), é possível aumentar e diminuir o tamanho das letras. E, ao contrário do que ocorre com o monitor de computador, o e-reader não emite luz, cansando menos os olhos.

Conforme dados da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” realizada pelo Instituto Pró-Livro, lançada na Bienal do Livro paulista em Agosto de 2008, pela imprensa oficial do estado de São Paulo, o apreço pela internet não quer dizer que se leia menos. Muito influenciada pela leitura exigida na escola, a pesquisa indica que 6,9 livros são lidos por ano por crianças entre 5 e 10 anos; 8,5 por jovens entre 11 e 13 anos; e 6,6 por adolescentes entre 14 e 17 anos.

Como comparação, a média de leitura de um brasileiro entre 40 e 49 anos é de 3,4 livros por ano. (André Miranda, Jornal *O Globo*, Novos hábitos. Segundo Caderno de 17 de Agosto de 2008)

Ainda de acordo com a pesquisa do Instituto Pró-Livro, o tempo dedicado semanalmente à leitura por aqueles que declaram preferência pela internet é de 2 horas e 24 minutos, à frente de todas as outras mídias, como livros (1 hora e 56 minutos), jornal (1 hora e 21 minutos) e histórias em quadrinhos (1 hora e 9 minutos).

O coordenador da pesquisa e diretor do Observatório do Livro e da Leitura, Galeno Amorim, explica que as pessoas estão lendo mais no Brasil. E os que gostam de ler mais pela internet são os que dedicam mais tempo à leitura.

A professora Eliana Yunes, coordenadora da Cátedra Unesco de Leitura da PUC-Rio, afirma que não é o hábito que garante a qualidade de leitura, e sim o gosto, o interesse, a partilha. A população jovem cresceu com a mídia, o cinema e a internet no seu encaço e aprendeu o gosto da velocidade. Tudo isso, como o livro, é suporte de leitura. É preciso saber ler muitas linguagens e interagir com muitas textualidades. O uso freqüente da internet pode ajudar, sim, o processo de leitura. Ao contrário do que se diz, o cinema, a TV e a internet não concorrem com o livro, mas co-ocorrem. Saber trabalhar com linguagens, suportes e textos resulta na experiência de aprender a pensar e replicar. É aí que está o leitor em ação. (André Miranda, Jornal *O Globo*, Novos hábitos. Segundo Caderno de 17 de Agosto de 2008)

Para o professor Carlos Valente, com o surgimento da internet, alunos que não gostavam de ler passaram a experimentar outras formas de leitura. Pelos recursos disponíveis, tanto o Kindle como o Reader podem promover a leitura. No entanto sua aplicabilidade nas universidades deverá vir acompanhada por treinamentos dirigidos ao corpo docente, pois, com base nas experiências anteriores, talvez a resistência viesse muito mais de professores do que de alunos. (LUÍS FERNANDO GUIDE e FERNANDA MELAZO. Nova forma para a leitura. *In*: Revista Ensino Superior, nº 127, Abril de 2009)

Já nos Estados Unidos, o mercado editorial e o setor educacional começaram a se organizar de olho na nova realidade dos livros eletrônicos. À medida em que os recursos avançam, mais experiências são realizadas com

relação aos e-books. Busca-se testar novas plataformas de uso, melhores formatos e a capacidade de adaptação da tecnologia para o uso dentro e fora da sala de aula. E, para conhecer melhor o terreno da leitura virtual, as instituições de ensino superior americanas começam a firmar parcerias com editoras.

De acordo com Stacy Skelly, diretora de comunicação da Pearson, uma das editoras líderes do mercado mundial de livros de educação, negócios e consumo, presente em 60 países, inclusive no Brasil, os estudantes de hoje valorizam novas ferramentas de ensino e produtos digitais customizados, que incentivam a aprendizagem ativa e proporcionam planos de estudo personalizados. (LUÍS FERNANDO GUIDE e FERNANDA MELAZO. Nova forma para a leitura. *In*: Revista Ensino Superior, nº 127, Abril de 2009)

A Universidade de Northwest Missouri, no estado de Missouri, começou no ano passado um projeto pioneiro com objetivo de mudar definitivamente o hábito do estudo tradicional com os livros impressos. Cerca de 500 alunos, dos 6.700 matriculados, estão formalmente envolvidos no projeto piloto e não possuem qualquer acesso a livros tradicionais. Outros estão usando tanto livros eletrônicos quanto impressos. A pesquisa também testará o uso dos e-textbooks (livros eletrônicos voltado ao ensino superior) pelos professores.

A Northwest quer testar mais três conceitos: deixar de usar os livros tradicionais, verificar a utilidade de leitores como o Kindler e Reader, e checar a funcionalidade dos livros eletrônicos oferecidos por meio dos laptops dos alunos.

Em entrevista ao Jornal *O Globo*, Segundo Caderno de 17 de agosto de 2008, o historiador francês, muitas vezes citados neste trabalho, fala sobre a leitura na internet.

O Globo: Um jovem de hoje lê menos o que um jovem de 30 anos atrás?

Chartier: Parece-me difícil estabelecer um diagnóstico geral. Alternando os países, os meios sociais ou as condições culturais, a resposta poderia ser muito distinta. No caso francês, acredito que os jovens leiam mais hoje, mas eles lêem textos que não são os que tradicionalmente se consideram leituras legítimas. Eles lêem na frente do computador, lêem histórias em quadrinho, revistas, livros escolares, literatura de bolso. O que é verdade é que jovens não valorizam de forma alguma sua representação como leitor. Mas, como escreveu o sociólogo francês Christian Baudelot, “ainda assim

lêem”, indicando que as práticas de leitura são mais freqüentes do que indicam os discursos sobre leitura. Não conheço os dados estatísticos do Brasil, mas a mesma conclusão me parece válida.

O Globo: É possível falar sobre a “qualidade” do tipo de leitura? É aceitável que alguém diga que a leitura de blogs ou sites de notícias tem menos valor do que a leitura de um romance?

Chartier: A leitura frente a uma tela de computador é descontinuada, segmentada, e se além a um fragmentado (uma informação de um banco de dados, um artigo num periódico ou blog, uma voz numa enciclopédia), sem a necessidade ou desejo de relacionar esse fragmento com a totalidade textual de onde foi extraído. Acredita-se que a leitura de textos cuja estrutura é fragmentada pode pôr em perigo o conceito de obra que supõe a compreensão. É a razão, também, que explica a inquietude dos jovens leitores que se apropriam desses gêneros com as mesmas práticas de leitura que eles lêem blogs ou websites. Mais do que a qualidade dos textos, o essencial é a relação entre os tipos de textos e a maneira de ler.

O Globo: Mas um pai deveria se preocupar com um filho que passe horas lendo blogs e não pegue nunca num livro impresso?

Chartier: O que é livro? Para nós, é um objeto específico, diferente de outros objetos da cultura escrita (cartas, periódicos, revistas etc.) e é uma obra que tem sua identidade própria, sua coerência, sua lógica intelectual ou estética. Ainda que a percepção dessa identidade do livro como obra seja mais difícil frente ao computador que em contato com o impresso, não há razão para que a nova forma dos textos destrua a composição e leitura de obras notáveis. A história ensina que as obras do passado sobreviverão às mutações morfológicas e técnicas do livro: desde os rolos da Antiguidade e manuscrito medievais, até depois de Gutenberg com o livro impresso.

O Globo: Mas daqui a 40 ou 50 anos, quando a internet fizer parte da formação inicial de todas as gerações, um livro impresso ou um jornal não poderia se tornar obsoleto?

Chartier: Não desejo e nem acredito nisso, porque ler um “mesmo” texto na frente do computador e num objeto impresso leva a leituras diferentes. A primeira é realizada por rubricas, temas, palavras-chave e dá acesso a informações segundo uma ordem enciclopédica na qual cada fragmento tem como contexto os outros textos que se encontram sob a mesma rubrica de sua origem. Já o sentido da segunda leitura é construído por cada fragmento em relação a todos os textos presentes na mesma página ou publicados no mesmo exemplar. É a intenção editorial, intelectual ou estética que mostra o contexto. As pessoas podem comprovar o que estou dizendo lendo um mesmo artigo num banco de dados de uma revista eletrônica e em seu exemplar impresso. Assim é possível medir a diferença de expectativas, curiosidades ou modalidades de compressão que existe entre as leituras.

O Globo: Num país como o Brasil, onde a educação é deficiente e a renda da população é baixa para compra de livros, projetos de inclusão digital podem ser uma solução de incentivo à leitura?

Chartier: Acredito que sim. As telas de computador que existem hoje são telas escritas, que podem ajudar a ensinar a ler e escrever, e que podem proporcionar um acesso a um biblioteca sem

limites. Mas acho também que, como disse certa vez a (psicóloga e pedagoga argentina) Emilia Ferreiro, a presença de computadores nas salas de aula não basta para resolver as dificuldades de aprendizado. Para o fomento da leitura, é preciso a mediação de mestres capazes de situá-la em frente ao computador dentro de uma cultura escrita global, que exige o aprendizado de escrever à mão e que propõe outros suportes de comunicação. O livro impresso é um desses suportes e deve estar presente nas classes e em espaços sociais como bibliotecas e livrarias. Como disse Bill Gates: “Quando quero ler um livro, eu o imprimo”.

Em entrevista à Revista *Veja* de 18 de novembro de 2009, a americana Maryanne Wolf, uma das maiores especialistas na área da neurociência que estuda os efeitos da leitura no cérebro e hoje se dedica a entender, cientificamente, como as pessoas assimilam conhecimento por meio de novas tecnologias, como o e-book, fala sobre as novas tecnologias e a leitura.

Veja: Suas pesquisas indicam que ler um livro digital não é o mesmo que no papel. Por quê?

Wolf: A observação sistemática mostra que, com o e-book, as pessoas tendem a acelerar o ritmo de leitura e a absorver menos conteúdo. Isso porque a tela remete à idéia de que é preciso vencer etapas a cada instante, antes que a bateria termine ou que se perca a conexão. Ainda faltam, no entanto, evidências baseadas na neurociência, como as que já existem sobre a internet.

Veja: O que já se sabe sobre leitura na rede?

Wolf: Ela é superficial, segundo revelam as imagens dos neurônios quando alguém está diante do computador. As fotos mostram, com nitidez, que o circuito formado entre as áreas do cérebro envolvidas na leitura não chega, nesse caso, àquela região em que ela seria processada de maneira mais analítica.

Veja: Por que isso acontece?

Wolf: A internet provê um excesso de estímulos que acabam atrapalhando. Enquanto você lê Shakespeare, não param de aparecer na tela pop-ups e e-mails. É naturalmente difícil manter a concentração e fazer uma leitura de padrão elevado, que abra espaço para um alto grau de processamento de idéias. A habilidade para ler deve ser treinada.

Veja: Como, exatamente?

Wolf: Simples: lendo todo dia. Não existe no cérebro nada como uma estrutura previamente concebida para a leitura – é preciso construí-la e aprimorá-la. Funciona como no esporte: quanto mais se pratica, melhor é o resultado.

Veja: Como a neurociência explica a formação de tal estrutura no cérebro?

Wolf: A repetição da leitura faz o cérebro desenvolver um circuito que passa a conectar, em questão de milésimos de segundo, três áreas distintas: a da visão, a da linguagem e uma que se encarrega de dar significado às palavras. Esse mesmo roteiro pode levar 100 vezes mais tempo, caso a pessoa não tenha o

hábito de ler. Seu cérebro fica tomado com a tarefa básica de decodificar o texto – e não consegue ir além disso.

Veja: Como alcançar um avançado estágio de leitura por meio das novas tecnologias?

Wolf: É preciso enfatizar à atual geração multitarefas que leitura demanda altíssima atenção e não é conciliável com nenhuma outra atividade. Feita a ponderação, novas tecnologias, como o e-book, são mais do que bem-vindas. Elas têm ajudado, afinal, a despertar o interesse pelos livros num momento em que isso nunca foi tão difícil.

É importante ressaltar que o livro eletrônico, da forma como é apresentado ao leitor comum, pode – por ter sido idealizado para leitura em computador – sofrer restrições quanto à impressão propriamente dita, pois não apresenta menus que permitam alterar ou imprimir seu conteúdo. Mesmo usuários mais experientes enfrentarão dificuldades para realizar algumas dessas tarefas, pois os arquivos são encriptados, isto é, protegidos eletronicamente contra violação. Todavia, se autorizada pelo autor ou editora, o comprador poderá fazer uma única impressão de todo livro eletrônico, para uso pessoal e exclusivo, sendo expressamente proibida sua distribuição (cópias), sem a prévia autorização, por escrito e detalhada, do autor ou editora.

Assim como um livro tradicional, o livro eletrônico também é protegido pelas leis de direitos autorais vigentes no país. Significa que os livros eletrônicos não podem ser alterados, distribuídos ou comercializados de nenhuma forma, sem a autorização do autor. Mas, com a internet, está cada vez mais difícil ter controle desta questão, pois muitas vezes as idéias do autor são alteradas, inadvertidamente e maliciosamente, para validar algum outro ponto de vista.

Faz-se necessário criar mecanismos de controle e autenticação neste meio, sem que com os quais se proíba com eles o acesso. E enquanto isso não acontece, é importante questionar a validade da informação, ou seja: onde tal informação encontra-se hospedada? São *sites* de universidades? De congressos? São revistas científicas online? Pois, tendo esse cuidado, teremos a net como um forte aliado na difusão do conhecimento.

É importante salientar que no Brasil já estão disponíveis para download 300.000 livros, contra 360.000 nos Estados Unidos. A diferença se deve ao fato de que nem todos os títulos eletrônicos foram liberados para outros mercados que não o americano. E a quantidade de títulos em português ainda é muito

pequeno: são aproximadamente 20. (Revista *Veja* de 18 de novembro de 2009)

Aqui no Brasil, o Kindle custa US\$ 547, sendo que US\$ 259 é pelo aparelho, US\$ 267 de taxas de importação e US\$ 21 restante é pelo frete. O transporte é feito por um serviço expresso, que se encarrega de desembarcar o produto na alfândega brasileira. Depois da compra, a entrega é feita em média em seis dias. O preço de um best-seller no site da Amazon é de US\$ 9,99, já no Brasil é um pouco mais caro, US\$ 13,99. A explicação é que o valor é maior para cobrir o custo da rede 3G na operação internacional. (Revista *Veja* de 18 de novembro de 2009)

De fato, as novas tecnologias da informação e da comunicação modificam efetivamente a vida econômica, política e cultural da sociedade. Segundo Lévy (1998), essa universalização não é neutra nem sem consequência: a interconexão tem e terá ainda mais o imensas consequências, nas atividades cotidianas.

Finalmente, é importante ressaltar que as inovações surgem para satisfazer às necessidades dos tempos atuais, que exigem muito mais rapidez e eficiência. Assim, como os *e-mails* não acabaram com as cartas, embora estas tenham diminuído, as pessoas que não escreviam passaram a se corresponder via correio eletrônico. Podemos visualizar, com a migração do livro para o computador, uma oportunidade de cultivar o hábito da leitura, o que contribuiria de maneira efetiva para amenizar a deficiência da escrita da nova geração, já que as pessoas foram se afastando dos livros à medida em que passavam mais tempo à frente da tela da televisão e do computador. Enfim, muda-se o suporte, as estruturas, mas a escrita permanece, pois a escrita tem duração que desafia o tempo.

Afirma Lyra (1993):

dada a vertiginosidade da velocidade do curso da vida em nossa época e dada também a natureza radical do repto lançado ao homem contemporâneo, a modernidade pôde, em apenas dois séculos, pelo "milagre" eletrônico da técnica, propor padrões culturais capazes de competir com os padrões culturais oferecidos pela tradição. E, além e mais que isso: *capazes também de superá-los*. Ao colocar o problema, ela trazia as condições para resolvê-lo – como sempre. Por isso, esta opção – a opção entre o encontro e a fuga, entre o futuro e o passado, entre a instauração e o aproveitamento – está, como se vê, culturalmente favorecida: *a tecnologia, ela mesma, ao criar a necessidade de mudança, cria também a possibilidade de adaptação.*

Nota-se que há um novo tipo de cultura se construindo e se firmando fora dos espaços materiais e através das novas relações que estão sendo estabelecidas pelo ciberespaço. Esse novo espaço de comunicação, sem fronteiras, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento, faz com que os indivíduos se tornem agentes de mudança constante, de acordo com seus projetos e interesses: eles modificam e reinventam os conceitos através da interação entre as pessoas, que acontece no espaço virtual.

Conclui Lyra (1979):

se o homem resiste à aceitação do novo, ele acaba negando a sua própria humanidade. Se hoje constatamos tão fortes reações a mudanças estruturais na sociedade, não é por simples coincidência que constatamos também tanto desumanismo nos indivíduos que as compõem. Os agentes da natureza tendem a mudar o homem; os beneficiários da sociedade querem conter a natureza – e, portanto, a sociedade e também o homem – em leis eternas e imutáveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do livro nos mostrou que a sua adaptação às inovações de cada época, apresentou-se com maior ou menor resistência, conseqüentemente foi se consolidando e, aos poucos, se tornou o objeto de representação do conhecimento.

Verificou-se que o processo de transição da cultura impressa para a cultura eletrônica caracteriza-se por diversos paradoxos, e, que através de sua trajetória histórica, cada cultura desenvolveu o seu suporte específico de armazenamento de suas idéias. E, sobretudo, que as suas especificidades foram sendo moldadas e transformadas de acordo com a tecnologia de sua época. Além disso, o grande marco da história do livro foi o surgimento da prensa de Gutenberg, ou seja, foi a partir da mídia impressa que o livro foi ganhando à forma tradicionalmente conhecida e adotada até hoje. Nesse momento, o perfil do leitor também se reconfigura, conquistando a possibilidade de ler individualmente.

Já, no enfoque do nascimento da internet (mídia eletrônica), observou-se que seu impacto foi transformador em diversos segmentos da sociedade e sua influência foi direta em várias instâncias do mundo, como, na política, na cultura e também nas relações sociais de um modo geral. Assim, as dimensões do mundo globalizado proporcionam diversas inovações, principalmente, no campo tecnológico, com isso, as pessoas, ou melhor, o mundo precisava e, ainda, precisa adequar-se a essas novas perspectivas. Nesse sentido, pode-se afirmar que o livro eletrônico constitui uma evolução natural do tempo atual.

Buscou-se também, promover um estudo sobre o perfil do novo leitor diante dos atuais suportes eletrônicos com estruturas híbridas e não-lineares do texto escrito; assim como determinar as habilidades e competências de leitura que estão surgindo no seio das configurações hipermidiáticas das redes e conexões eletrônicas. Para isso, realizou-se um estudo sobre leitura e linguagem, visando conceituá-los, assim como compreender os usos e as formas da linguagem; a evolução da leitura e os tipos de leitores, na tentativa de abarcar o leitor imersivo, um tipo de leitor que começa a emergir de novos espaços incorpóreos da realidade, que nasce com a chamada “era digital” na

entrada do século XXI e, que navega no ciberespaço, estando sempre conectado a hipermídia que lê textos na tela.

Procurou-se ainda, avaliar as vantagens e desvantagens da versão impressa e da versão eletrônica, considerando o seu contexto histórico. Dessa forma, verificou-se que houve um esforço para conceituar e identificar o livro eletrônico. Observando que o livro eletrônico pode ser encontrado em vários formatos: *on line*, *PDF*, *CD* ou hiperdocumento, digitalizado e *e-book*. Já, em relação aos aspectos positivos e negativos do livro eletrônico, notou-se há adeptos das duas versões (impresso e eletrônico), como também existem os defensores do livro impresso, que alegam que ele representa um legado de sua geração, por isso, ainda, mantém uma certa resistência a essa nova versão: o livro eletrônico, mas que apesar de tudo, estão dispostos a experimentar essa nova tecnologia, a fim de adaptarem as facilidades do mundo moderno.

O livro impresso tem uma história marcante na vida das pessoas e jamais deixará de existir. Ele criou raízes profundas na nossa cultura, talvez por isso seja tão difícil imaginar o livro com outro formato. Mas, com todas as inovações tecnológicas em que quase todas as atividades cotidianas migraram para o computador/internet, nota-se que se faz necessário repensar o conceito de livro.

Nesse sentido, precisa-se mudar a idéia de que livro não é apenas um objeto composto de folhas, encadernado e de palavras impressas. Pois hoje, com o surgimento de novas mídias de comunicação, juntam-se a esse conceito os textos *online* como os hipertextos, arquivos digitais como os livros eletrônicos, ou seja, conteúdos textuais lidos em objetos eletrônicos conectados ou não à rede, como o computador, e-reader, leitor de CD/DVD, iPhone.

Com a chegada de novos formatos de livros influenciados pela tecnologia da informação e da comunicação, a maneira de ler também é alterada. Esse novo leitor que navega pelas infovias do ciberespaço, que tem como características a velocidade e interatividade, precisa agora desenvolver habilidades para que ele consiga ler, escutar e olhar ao mesmo tempo. Pois ele não é mais um simples leitor contemplador de livros ou um leitor de imagens, fragmentos, e sim, um leitor que emerge num mundo novo, dinâmico, em movimento, que junta vários tipos de linguagem: imagens, sons e letras.

Muito se fala sobre o fim do livro, que o eletrônico substituirá o impresso. Mas, ao que tudo indica, pelo menos por um bom tempo, os dois formatos vão conviver: seja em função de um processo de transição, ou simplesmente pelo fato de haver público para os dois segmentos.

Além de ser uma forte tendência da vida moderna (a questão da portabilidade, da praticidade, de unir várias mídias num só equipamento), não se pode negar que o eletrônico se faz presente na vida das pessoas. Sendo assim, acredita-se que, em escala crescente, o e-book também se popularizará, sobretudo em países onde sua tecnologia é vigente.

A nossa geração ainda se esbarra em entraves como preço elevado dos aparelhos, medo de não se adaptar à leitura na tela, medo de abrir mão de uma tecnologia anterior em favor de uma nova e mais avançada.

Nessa perspectiva, talvez não seja arriscado afirmar que as novas gerações, sim, abrirão mão dos tradicionais livros impressos e preferirão os eletrônicos, pois serão seduzidas pelas facilidades da vida tecnológica.

Neste caso, pode-se afirmar que tudo isso é apenas a continuidade natural que deveria existir na evolução entre o texto manuscrito, impresso até o eletrônico.

Ao fim deste trabalho, não cessam as dúvidas com relação ao futuro do livro mediante o advento das TCIs. Muito pelo contrário: talvez aguçe ainda mais a curiosidade de um futuro tão incerto. Por isso ele representa o começo, no rumo de uma jornada maior. Pois muitas vezes se faz necessário conhecer o passado (neste caso, a longa história do livro), para entender o processo inovador cultural que se vivencia hoje. Apenas o primeiro passo foi dado em relação a nova perspectiva do Livro, mas é possível continuar andando.

Certamente o impresso continuará com o formato tradicionalmente conhecido e consolidado, enquanto o eletrônico ainda terá que buscar o melhor formato, visando sempre a necessidades específicas do leitor de modo geral.

6 REFERÊNCIAS

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (orgs).
Leitura: práticas, impressos, letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BELO, André. História e Livro e Leitura. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BLOCH, Arnaldo. O impresso vive. Rio de Janeiro, 26 set. 2009; Prosa & Verso, p. 2.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma História Social da Mídia. De Gutenberg à Internet. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- CATACH, Nina (Organizadora). Para Uma Teoria da Linguagem. Tradução de Fulvia M. L. Moretto; Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática, 1996.
- CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística uma introdução. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs). História da leitura no mundo ocidental 1. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. História da leitura no mundo ocidental 2. São Paulo: Ática, 1999.
- CHARTIER, Roger. A Aventura do Livro: do Leitor ao Navegador. Conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998.
- _____. A ordem dos livros. Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa entre os Séculos XIV e XIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: UnB, 1994.
- CARVALHO, Fabiana Canto; Dissertação em Cognição e Linguagem. Campos dos Goytacazes: PPGCL/UENF, 2008.
- CASTAGNI, Nicolitta. Gutenberg: a maravilhosa invenção. In: GIOVANNINI, Giovani. *Evolução na comunicação: do sílex ao silício*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

- ECO, Umberto. Como se faz uma tese. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. O aparecimento do livro. Tradução Henrique Tavares e Castro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- FILHO, Domício Proença. A linguagem literária. São Paulo: Ática, 1992.
- GUIDI, Luís Fernando; MELAZO, Fernanda. Nova forma para a leitura. Ensino Superior. nº 127, Abril de 2009.
- JOHNSON, Steven. Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- LEÃO, Lucia. O labirinto da Hipermissão. Arquitetura e Navegação no Ciberespaço. São Paulo: Iluminaras, 2001.
- LEMONS, André; CUNHA, Paulo (orgs.) Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- LÉVY, Pierre. O que é o virtual? Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- _____. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. As novas tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. A Máquina Universo: Criação, Cognição e Cultura Informática. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- LICHOTE, Leonardo. Papiro do futuro. Rio de Janeiro, 26 set. 2009; Prosa & Verso, p. 3.
- LOTMAN, Iouri. La structure du texte artistique. Paris: Gallimard, 1975.
- LYONS, Jhon. Linguagem e lingüística. Uma introdução. Tradução de Marilda Winkler Averbug; Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

- LYRA, Pedro. *Confronto – Um diálogo com Deus*. Rio de Janeiro: Ilbis Libris, 2005.
- _____. *Literatura e Ideologia: Ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.
- KOCH, I. G. Uilhaça. *Texto e hipertexto*. In: *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da Leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. e XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio Janeiro: Lucena, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula*. In: AZEREDO, José Carlos de. (orgs.). *Língua Portuguesa em debate*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MARTINS, Wilson, *A palavra escrita: História do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática, 1998.
- MIRANDA, André. *Novos hábitos*. Rio de Janeiro, 17 agot. 2008. Segundo Caderno, p. 1 e 2.
- NEGROPONT, Nicholas. *A vida digital*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- OLSON, David R. *O Mundo no Papel – As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1997.
- OLSON, David R; TORRANCE, Nancy. *Cultura, Escrita e Oralidade*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1995.
- PRIMO, Alex. *Interação mediada por computadores*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- VIEIRA; Augusto César Gadelha (Coord.). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil 2008*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009.

- RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROUANET, Sergio Paulo. A cultura do fim de tudo: Do da cultura ao fim do livro. In: *Revista Tempo Brasileiro*, Jul.-set. – nº 142 – 2000 – Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- SAMPSON, Geoffrey. *Sistemas de Escrita. Tipologia, história e psicologia*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1996.
- SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SOARES, M. B. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento no ciberespaço*. In: *Educação e sociedade/Centro de estudos educação e sociedade*. vol. 23, n. 81. São Paulo: Cortez, 2002.
- SOUZA, Carlos. Henrique. M. de. *Comunicação, educação e novas tecnologias*. Campos dos Goytacazes: Editora FAFIC, 2003.
- WALTY, Lara Camargos; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Palavra e Imagem: Leituras Cruzadas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- WEIL, Pierre. *Normose: a patologia da normalidade*. São Paulo: Thot, 1997.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)